

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

KARINA DE OLIVEIRA

LEITORES DA CRÔNICA DE LUIS FERNANDO VERISSIMO

MARINGÁ-PR

2010

KARINA DE OLIVEIRA

LEITORES DA CRÔNICA DE LUIS FERNANDO VERISSIMO

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Literários.

Orientadora: Prof^a Dr^a Alice Áurea Penteado Martha

MARINGÁ-PR

2010

Biblioteca Central – UNIFEV (Centro Universitário de Votuporanga),
Votuporanga, SP.,Brasil)

Oliveira, Karina de.
O47L Leitores da crônica de Luis Fernando Veríssimo / Karina de
Oliveira. – Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2010.

191 f. : il.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Alice Áurea Penteadó Martha.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Maringá –
Programa de Pós-graduação em Letras, 2010.

1. Luis Fernando Veríssimo - Crítica. 2. Leitura e Leitores. 3.
Sociologia da Leitura. 4. Literatura Brasileira – Crônicas.

CDD B869.309

KARINA DE OLIVEIRA

LEITORES DA CRÔNICA DE LUIS FERNANDO VERISSIMO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Literários.

Aprovado em **16 de agosto de 2010.**

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Alice Áurea Penteado Martha
Universidade Estadual de Maringá – UEM
-Presidente-

Profª Drª Clarice Zamonaro Cortez
Universidade Estadual de Maringá – UEM

Profª Drª Regina Zilberman
Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFGRS/Porto Alegre-RS

Aos pilares de minha vida pessoal e profissional: minha família e meus mestres Alice Áurea e João Ceccantini.

Agradeço:

A Deus.

À professora Dra. Alice Áurea Penteadó Martha, pela orientação segura e carinhosa. Pelos e-mails respondidos rapidamente diante de tantas dúvidas, e pelo incentivo de sempre.

Ao professor Dr. João Luís Cardoso Tápias Ceccantini, mostrando-me as várias faces da literatura durante a Graduação e auxiliando-me na jornada de ingresso ao Mestrado.

Às professoras da banca examinadora: Clarice Zamonaro Cortez e Regina Zilberman pelas contribuições, sugerindo caminhos para a redação final e para o amadurecimento desta pesquisa.

A Maria, Antonio, Li e Ander (família) pelo apoio, incentivo, carinho e força incondicional em todos os momentos desta e de outras jornadas.

À amiga Lívia com quem conheci e aprendi a ler Verissimo.

A Larissa, Janaina e Naara com quem morei durante esta fase.

A Lurdinha e Alessandra pela luz.

A Luis Fernando Verissimo pela grandeza de sua obra e pela entrevista concedida via e-mail.

Aos participantes da pesquisa e a todos que colaboraram direta e indiretamente para a realização deste trabalho.

Não faças de ti um sonho a realizar. Vai.

Cecília Meireles

Caminante, son tus huellas el camino, y nada más; caminante, no hay camino, se hace camino al andar. Al andar se hace camino, y al volver la vista atrás se ve la senda que nunca se ha de volver a pisar. Caminante, no hay camino, sino estelas en la mar.

Antonio Machado

Escrever bem é escrever claro, não necessariamente certo. Por exemplo: dizer 'escrever claro' não é certo mas é claro, certo? O importante é comunicar. (E quando possível surpreender, iluminar, divertir, comover...)

Luis Fernando Verissimo

OLIVEIRA, Karina de. *Leitores da crônica de Luis Fernando Verissimo*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná.

RESUMO

A crônica, gênero híbrido do jornalismo e da literatura, quase sempre é revelada com um tom de conversa amena, guardando em seu interior grande complexidade a ser desvendada, levando o leitor para além do factual. Candido (1984) coloca que no Brasil, a crônica tem uma vasta história e nasce, sobretudo, quando o jornal torna-se acessível ao público. Assim, diz-se dela perecível, descartável, pois é lida no jornal de hoje, e amanhã ela já não existe mais, a menos que seja selecionada para uma antologia ou coletânea, eternizando-se. Nesse sentido, destacamos em nosso trabalho o cronista gaúcho Luis Fernando Verissimo, cujos textos do jornal, do livro e do ciberespaço têm tido grande circulação e aceitabilidade entre seus leitores. Diante desse fato, investigamos quem seriam e onde estariam os leitores do escritor, buscando-os em três segmentos: nas escolas, no ciberespaço (comunidades do site de relacionamentos Orkut) e em bancas de jornal e revistas. O primeiro e terceiro ambientes situam-se nas cidades de Maringá/PR e Cianorte/PR, enquanto o segundo abarca respondentes de vários estados brasileiros. Para o levantamento dos dados que sedimentam a análise, valemo-nos de um questionário, com perguntas fechadas e abertas, cuja primeira parte reporta à identificação do público; a segunda, por seu turno, está relacionada aos hábitos de leitura em geral bem como de crônicas de Verissimo, objetivando constatar qual seria o perfil do leitor desse escritor. A fundamentação teórica abrange estudiosos da crônica, como Candido (1984), Jorge de Sá (1985), Konzen (2002), dentre outros. Além disso, valemo-nos das Teorias da leitura, Estética da Recepção, especialmente a obra de Jauss (1994) e a Sociologia da leitura, notadamente nas contribuições de Candido (1976), Aguiar (1996), Manguel (1997), Zilberman (2001), Petit (2008), etc.. Por fim, as concepções sobre leitura literária e leitores foram hauridas em estudiosos como Lajolo (1982), Zilberman (1990), Certeau (1994), Goulemot (1996), dentre outros. A investigação demonstrou a escassez de leitores de Verissimo no ambiente escolar e ainda a fragilidade dos estudantes do Ensino Médio ao mencionarem suas opiniões sobre os textos. Por outro lado, os outros dois grupos – do ciberespaço e das bancas de jornal e revistas – mostraram-se leitores maduros, demonstrando que a leitura de textos de Verissimo atua de forma muito particular na vida de cada um, tocando-os profundamente. Portanto, para esta pesquisa, consideramos que o leitor de Verissimo tem uma faixa de etária de 20 a 59 anos e prefere o livro a qualquer outro registro de leitura. E, por fim, a contribuição desta pesquisa para o Programa de Pós-Graduação em Letras (PLE/UEM) dá-se por ser esta uma pesquisa de campo, isto é, atua diretamente com leitores, que são parte essencial do sistema literário, além de contribuir para os estudos da Sociologia da leitura, ainda em desenvolvimento no Brasil.

Palavras-chave: Luis Fernando Verissimo, Crônica, Leitores, Leitura Literária, Sociologia da Leitura, Estética da Recepção.

OLIVEIRA, Karina de. *Lectores de la crónica de Luis Fernando Verissimo*. 2010. Disertación (Máster en Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná.

RESUMEN

La crónica, género híbrido del periodismo y de la literatura, casi siempre es revelada con un tono de charla amena, guardando en su interior gran complejidad a ser desvelada, llevando el lector al más allá de lo factual. Candido (1984) coloca que en Brasil, la crónica posee una vasta historia y nace, sobretodo, cuando el periódico se hace accesible al público. Así, se dice de ella perecible, desechable, pues es leída en el periódico de hoy, y mañana ya no existe más, excepto que sea seleccionada para una antología o recopilación, eternizándose. En ese sentido, destacamos en nuestro trabajo el cronista gaucho Luis Fernando Verissimo, cuyos textos del periódico, del libro y del ciberespacio han tenido gran circulación y aceptabilidad entre sus lectores. Delante de ese hecho, investigamos quiénes serían y dónde estarían los lectores del escritor, buscándolos en tres segmentos: en las escuelas, en el ciberespacio (comunidades de la red social Orkut) y en quioscos de periódicos y revistas. El primero y tercero ambientes están ubicados en las ciudades de Maringá/PR y Cianorte/PR, mientras que el segundo abarca encuestados de varios estados brasileños. Para la recogida de datos que sedimentan el análisis, nos valimos de un cuestionario, con preguntas cerradas y abiertas, cuya primera parte se refiere a la identificación del público; la segunda, a su vez, está relacionada a los hábitos de lectura en general bien como de crónicas de Verissimo, objetivando constatar cuál sería el perfil del lector de ese escritor. El fundamento teórico abarca estudiosos de la crónica, como Candido (1984), Jorge de Sá (1985), Konzen (2002), entre otros. Aparte de eso, nos valimos de las Teorías de la lectura, Estética de la Recepción, especialmente la obra de Jauss (1994) y la Sociología de la lectura, notadamente en las contribuciones de Candido (1976), Aguiar (1996), Manguel (1997), Zilberman (2001), Petit (2008), etc. Por fin, las concepciones sobre lectura literaria y lectores fueron extraídas de estudiosos como Lajolo (1982), Zilberman (1990), Certeau (1994), Goulemot (1996), entre otros. La investigación demostró la escasez de lectores de Verissimo en el ambiente escolar y aún la fragilidad de los estudiantes de Enseñanza Media al mencionar sus opiniones sobre los textos. Por otro lado, los otros dos grupos – del ciberespacio y de los quioscos de periódicos y revistas – se mostraron lectores maduros, demostrando que la lectura de textos de Verissimo actúa de forma muy particular en la vida de cada uno, tocándoles profundamente. Por lo tanto, para esta investigación, consideramos que el lector de Verissimo posee una franja de edad entre 20 y 59 años y prefiere el libro a cualquier otro registro de lectura. Y, por fin, la contribución de esta investigación para el Programa de Postgrado en Letras (PLE/UEM) se da por ser ésta una investigación de campo, o sea, actúa directamente con lectores, que son parte esencial del sistema literario, además de contribuir para los estudios de la Sociología de la lectura, todavía en desarrollo en Brasil.

Palabras clave: Luis Fernando Verissimo, Crónica, Lectores, Lectura Literaria, Sociología de la Lectura, Estética de la Recepción.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1- Frequência de leitura realizada pelos 10 (dez) estudantes nos suportes mencionados.....	88
TABELA 2- Frequência de leitura realizada pelos 10 (dez) respondentes das comunidades do Orkut nos suportes mencionados.....	102
TABELA 3- Frequência de leitura realizada pelos 10 (dez) respondentes da Banca 1 nos suportes mencionados.....	120
TABELA 4- Frequência de leitura realizada pelos 10 (dez) respondentes da Banca 2 nos suportes mencionados.....	121

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
1. A CRÔNICA NO MUNDO LITERÁRIO	28
1.1. ORIGENS, CONCEPÇÕES E PERCURSOS.....	31
1.2. MUDANÇA DE SUPORTE: IMPLICAÇÃO NA LEITURA DA CRÔNICA?.....	39
1.3. LUIS FERNANDO VERISSIMO E SEU PAPEL NA CRÔNICA BRASILEIRA.....	44
2. O PERCURSO DA PESQUISA: ONDE ESTÃO OS LEITORES DE VERISSIMO?	52
2.1. A NATUREZA DA PESQUISA.....	52
2.2. OS INSTRUMENTOS: O QUESTIONÁRIO E A ENTREVISTA.....	54
2.3. OS RESPONDENTES E SEUS RESPECTIVOS CONTEXTOS: A ESCOLA, A BANCA E A COMUNIDADE DO ORKUT.....	56
3. TEORIAS DA LEITURA	63
3.1. ESTÉTICA DA RECEPÇÃO.....	63
3.2. SOCIOLOGIA DA LEITURA.....	70
3.3. DIÁLOGOS E CONCEPÇÕES: LEITURA LITERÁRIA E LEITORES.....	77
3.4. DIFERENTES FACES: A LEITURA LITERÁRIA EM NOVOS SUPORTES.....	82
4. O LEITOR DA CRÔNICA DE LUIS FERNANDO VERISSIMO: UMA LEITURA DOS QUESTIONÁRIOS	87
4.1. JOVENS LEITORES DE VERISSIMO: O AMBIENTE ESCOLAR.....	87
4.2. LEITORES DE VERISSIMO NO CIBERESPAÇO: COMUNIDADES DO ORKUT.....	101
4.3. VERISSIMO NAS BANCAS: O LEITOR DO JORNAL.....	119
4.4. PERFIL: ENTÃO QUEM É O LEITOR DE VERISSIMO?.....	143
CONSIDERAÇÕES FINAIS	153

REFERÊNCIAS	160
SITES CONSULTADOS	164
APÊNDICES	168
APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO.....	169
APÊNDICE 2- QUESTÕES DA ENTREVISTA	171
ANEXOS	172
ANEXO 1- ENTREVISTA COMPLETA.....	173
ANEXO 2- QUESTIONÁRIO (ESTUDANTE 1).....	175
ANEXO 3- QUESTIONÁRIO (ESTUDANTE 2).....	177
ANEXO 4- QUESTIONÁRIO (LEITOR DO CIBERESPAÇO 1).....	179
ANEXO 5- QUESTIONÁRIO (LEITOR DO CIBERESPAÇO 2).....	182
ANEXO 6- QUESTIONÁRIO (LEITOR DO JORNAL 1).....	185
ANEXO 7- QUESTIONÁRIO (LEITOR DO JORNAL 2).....	188
ANEXO 8- QUESTIONÁRIO (LEITOR DO JORNAL 3).....	190

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva* (2008)¹, Michèle Petit ressalta que a leitura é capaz de despertar em seus leitores regiões que estavam adormecidas até tal momento. Para a estudiosa, quando lemos, “uma lembrança escondida se manifesta, uma sensação ou sentimento que não saberíamos expressar revela-se como uma nitidez surpreendente” (PETIT, 2008, p.7). A partir desse parágrafo, ela nos revela que também conheceu esses momentos através do hábito de ler e, a seguir, nos apresenta suas investigações sobre a leitura. Nesse sentido, vale salientar que cada pesquisa tem uma história ou ao menos um porquê de ser realizada, haja vista que nossas indagações e anseios científicos não nascem no vazio; há, portanto, uma árdua e prazerosa caminhada ora longa, ora curta.

As primeiras experiências para a realização desta dissertação floresceram na graduação realizada na UNESP (Campus/Assis), fruto da participação no PEJA (Projeto de Educação de Jovens e Adultos) em 2005, espaço em que atuamos como educadora colaboradora durante um ano e meio e na condição de bolsista PROEX durante o mesmo período. As aulas eram ministradas em uma sala de ensino fundamental (1ª a 4ª série), situada na periferia do município de Assis/SP.

Nesse contexto, em conjunto com mais uma educadora, desenvolvemos um miniprojeto intitulado *Roda de leitura*, realizado às sextas-feiras. Dessa forma, há que se reconhecer a pouca experiência que tínhamos com o público alvo em questão (jovens e adultos) e não sabíamos ao certo quais gêneros textuais abordar em sala. Contudo, diante de algumas tentativas e integrando teoria e prática, verificamos que os textos que mais agradavam nossos leitores eram aqueles que apresentavam temáticas próximas de suas vidas.

Por meio dessas constatações, começamos a lançar um olhar especial em relação ao gênero *crônica*, especialmente aos textos de Luis Fernando Verissimo, uma vez que a leitura de textos desse autor ocorria de forma assídua entre nós. As leituras, para os estudantes, revelaram-se muito próximas de seus contextos, permitindo uma identificação tanto pela linguagem quanto pelos assuntos explorados. Desse modo, as atividades fluíram de forma muito positiva em sala de aula.

¹ Texto publicado originalmente em francês (1998) sob o título: *Les jeunes et la lecture: une autre approche*.

A segunda experiência, de certo modo relacionada à primeira, foi fruto da realização de um Projeto de Iniciação Científica (PIBIC, a priori, sem apoio financeiro), sob a orientação do professor João Luis C. T. Ceccantini, sobre o gênero *crônica* durante o ano de 2006 e, no ano seguinte, com o auxílio de outros dois pesquisadores – Juvenal Zanchetta Jr. e Rony F. Pereira –, com o apoio financeiro do CNPq. A pesquisa estava inserida na segunda fase do projeto: *Literatura na escola: espaços e contextos. A realidade brasileira e portuguesa*, com a recepção de crônicas em salas do ensino fundamental de escolas públicas de Assis (5ª e 6ª séries). Nossa intervenção no projeto referiu-se, primeiramente, à escolha das turmas, a saber, dois grupos foram escolhidos a partir de quatro fatores: o primeiro deles, a localização, previa que uma turma deveria estar localizada em escola periférica e a outra, em região central, para efeito de comparação entre dois contextos supostamente diferentes em termos socioeconômicos. O segundo fator determinava que o comportamento dos alunos deveria ser ‘regular’, ou seja, não poderia ser uma turma destacadamente aplicada e nem uma turma excepcionalmente problemática. O terceiro aspecto relacionava-se à faixa etária: as turmas deveriam ter, de maneira geral, idade compatível com a seriação. Por fim, os grupos deveriam ser equilibrados em relação ao gênero. Com esses critérios, procuramos garantir certa representatividade aos grupos avaliados. Em algumas sessões, os alunos foram convidados a ler crônicas de Verissimo, Rubem Braga, Stanislaw Ponte Preta, Dalton Trevisan e Millôr Fernandes. E com alguns resultados, constatamos que as crônicas que se apresentavam um pouco mais elaboradas, tanto no enredo quanto nas construções linguísticas, foram rejeitadas pelos alunos.

Assim, a partir dessa imersão no estudo da crônica e nas investigações realizadas em sala de aula, ampliamos tais experiências para esta dissertação, evidenciando a obra e os leitores do escritor Luis Fernando Verissimo. Por meio de estudos científicos e reportagens sobre o autor, observamos que ele tem sido um fenômeno editorial desde a década de 90 e começou a ter grande reconhecimento pelas obras publicadas no jornal bem como pelas publicadas em livros. Um dos pontos mais questionados por estudiosos do autor é como um escritor que apresenta altos índices de venda (por exemplo, entre 2001 e 2004 vendeu mais de 3 milhões de exemplares) é tão pouco mencionado ou citado em aulas de literatura escolares ou universitárias e tão pouco reconhecido pela Academia Brasileira de Letras.

No entanto, a nosso ver, o discurso de que Verissimo é pouco pesquisado e que a crônica é considerada um gênero menor – e sendo sua obra de destaque, aliás, esse gênero –,

parece-nos hoje equivocado. Em investigações realizadas apenas no banco de teses da CAPES, constatamos 41 (quarenta e uma) Dissertações de Mestrado e 3 (três) Teses de Doutorado que abarcam estudos sobre a obra do autor. Mais importante é salientar que há uma diversidade de cidades brasileiras, onde pesquisas são realizadas bem como as áreas que o estudam. Dentre esses lugares, organizamos por regiões as instituições que apresentam trabalhos sobre Veríssimo.

Na Região Nordeste - UFBA, UFPB - levantamos (4) quatro dissertações, 2 (duas) em cada instituição, sendo elas: *O objeto direto na linguagem literária brasileira contemporânea* (UFBA-1992), *A maquiagem no processo de construção do personagem* (UFBA-2004); *Recortes interdiscursivos presentes no texto: detalhes de Luis Fernando Veríssimo em suas variantes* (UFPB-2002) e *Representações da ironia em perspectiva polifônica: uma leitura em Luis Fernando Veríssimo* (UFPB-2002). Já na Região Centro-Oeste (UNB), apenas (1) uma dissertação foi encontrada, *Por que “campeão de vendas”? A construção da imagem do produto cultural best-seller nos meios de comunicação de massa* (UNB-2006).

Para a Região Sudeste temos: (UNESP - Assis e Araraquara -, USP, PUC/SP, Mackenzie, UNIMAR, UFMG, PUC/MG, CES/JF, UFRJ, UERJ). Na primeira, temos a dissertação: *Semiótica do discurso: Veríssimo, crônica e humor* (UNESP/Assis-1999); na segunda, há (2) duas dissertações e (1) uma tese: *Muito riso, muito siso: a construção de tipos e caricaturas em personagens de Luis Fernando Veríssimo* (UNESP/Araraquara-2002); *Vou-me embora para a livraria, pois lá tenho alegria: uma leitura das crônicas mais verdadeiras de Luis Fernando Veríssimo* (UNESP/Araraquara- 2006) e *Mosaicos da memória: estudo da crônica humorística de Luis Fernando Veríssimo* (UNESP/Araraquara-2007). Referente à universidade seguinte (USP), notamos (1) um trabalho: *O Brasil em outras versões (uma leitura semiótica de crônicas de Luis Fernando Veríssimo publicadas em jornais diários entre 1994 a 2000)* (USP-2001). Na sequência, constatamos: *Compreensão de leitura- Investigação sobre a produção de inferências na compreensão de um texto escrito* (PUC/SP-1991); *Ironia: o tempero da crônica (estudo de textos cronísticos de Luis Fernando Veríssimo)* (PUC/SP-2006) e *Crônicas de Luis Fernando Veríssimo: uma manifestação da oralidade* (PUC/SP-2006).

A instituição Mackenzie apresenta (1) uma dissertação sob o título de *Uma tipologia do riso em Luis Fernando Veríssimo* (Mackenzie-2002) bem como a UNIMAR, que também tem apenas (1) um: *Leituras da cidade em Verão Paulistano nas crônicas de Inácio de Loyola*

Brandão e Luis Fernando Veríssimo (UNIMAR-2002). Na UFMG, constatamos estes: *A construção de estratégias textuais nas crônicas esportivas de Luis Fernando Veríssimo* (UFMG-2002); *O percurso da significação sob o olhar do discurso enunciativo em crônicas metalinguísticas de Luis Fernando Veríssimo* (UFMG-2003); *Da produção à recepção: uma análise discursiva das crônicas de Luis Fernando Veríssimo* (UFMG-2005) e (1) um trabalho para a PUC/MG: *A construção discursiva da ironia em crônicas de Luis Fernando Veríssimo* (PUC/MG-2006). No Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, há (1) um também: *A percepção da ironia nas crônicas de Luis Fernando Veríssimo* (CES/JF-2007).

Na UERJ, (7) sete trabalhos foram observados: *Refazendo leituras*: de Veríssimo Charolles, uma questão de coerência (UERJ-2000); *Língua e estilo*: humor e ironia nas crônicas de Luis Fernando Veríssimo (UERJ-2002); *A metalinguagem*: gramática e conflitos nas crônicas de Luis Fernando Veríssimo (UERJ-2002); *Uma visão didático-pedagógica da intertextualidade na mídia*: uma abordagem do verbal e não-verbal (UERJ-2002); *O item lexical mas*: uma descrição sintático-semântico-discursiva nas crônicas de LFV (UERJ-2008); *Consumo e pós-consumo*: geração de resíduos no modo de produção capitalista (UERJ-2008) e *A oposição semântica como recurso expressivo de humor em Comédias da Vida Privada* (UERJ-2008). E (1) uma tese na UFRJ: *Inveja, gula e luxúria*: pecados e desejos de um corpo camaleônico (Do sagrado ao siliconizado) (UFRJ-2006).

Região Sul, (PUC/RS, UFSM, UFRG, UFRS, UEL, UFSC, Universidade Católica de Pelotas). Referentes à primeira universidade: *O cômico-sério e sua significação na crônica de Luis Fernando Veríssimo* (PUC/RS-1990); *O baile das palavras*: a pós-modernidade em *O jardim do diabo* de Luis Fernando Veríssimo (PUC/RS-1995); *O gaúcho de Bagé e os atributos culturais*: machista, guerreiro, rude, franco e leal (PUC/RS-1995); *Ed Mort*: uma paródia pós-moderna na narrativa policial (PUC/RS-1998), *Um olhar sobre o funcionamento argumentativo da ironia* (PUC/RS-2003) e o último trabalho diz respeito a uma tese: *Heterogeneidade e organização* (PUC/RS-1998). Quanto à segunda: *Os sentidos e a tira humorística*: efeitos de pré-construído em “As cobras”, de Luis Fernando Veríssimo (UFSM-2001) e na terceira instituição, a dissertação *Mata-me de prazer... A ironia verissiana em O clube dos anjos* (UFRG-2005).

No que diz respeito à quarta universidade temos: *Do espaço heterodoxo na crônica de Luis Fernando Veríssimo* (UFRS-1989); *O último vagão versus a locomotiva*: a crônica de Luis Fernando Veríssimo e a eleição presidencial de 1989 (UFRS-2000); *O funcionamento da*

comparação no discurso irônico de Luis Fernando Veríssimo (UFRS-2000). Na UEL, as pesquisas são as seguintes: *Crônica e crítica: comicidade e contestação em Luis Fernando Veríssimo* (UEL-2000); *Para além do humor: a Estilística no discurso de Veríssimo* (UEL-2004), *Uma aplicação do método recepcional para o incentivo à leitura em nível fundamental utilizando os textos de Luis Fernando Veríssimo* (UEL-2005). Por fim, nas duas últimas instituições são (2) dois trabalhos: *A ressurreição dos pássaros: a crônica de Luis Fernando Veríssimo e a indústria cultural* (UFSC-2006) e *Psii...Precisa ser donzela? A reescrita do conto de fadas no processo de (re) significação da identidade de gênero* (UCPEL-2004).

Diante desse quadro, notamos que Veríssimo não apresenta apenas leitores por todo o território brasileiro, mas também pesquisadores que se interessam por sua irreverente escrita. De um modo geral, o assunto de destaque nas investigações acima, é sem dúvidas, a análise de suas crônicas, ora tratando de publicações no jornal ora em livros, objetivando, muitas vezes, a observação das personagens ou dos elementos lingüísticos. A diversidade de análises se dá pelo fato de envolver alguns segmentos de Letras: Semiótica, Teoria literária, Ensino de literatura, dentre outros. Constatamos ainda pesquisas nas áreas de: Comunicação, Artes Cênicas, Psicologia e Direito, confirmando também o diálogo da obra do autor em diferentes áreas do conhecimento.

Dentre as pesquisas citadas, destacamos (2) duas que serão utilizadas no decorrer deste trabalho. A primeira, de Jaqueline Koschier (2005), com a dissertação intitulada: *Mata-me de prazer... A ironia verissiana em O clube dos anjos*, pela Universidade Federal do Rio Grande que busca desvendar o lado romanesco de Veríssimo e, ao mesmo tempo, apresenta uma bibliografia interessante com entrevistas em diversos suportes realizadas com o autor ao longo de sua carreira. A segunda, por sua vez, é de Paulo Konzen (2002), *Ensaio sobre a arte da palavra*, que, a priori, foi sua dissertação de mestrado realizada na Universidade Estadual de Londrina, e com algumas modificações foi publicada em formato de livro. A dissertação recebeu o título de *Crônica e crítica: comicidade e contestação em Luis Fernando Veríssimo* (2000).

O trabalho de Konzen é um exemplo de que Veríssimo deve ser mais lido e mais comentado no meio acadêmico e, por não o ser de forma tão ampla, o pesquisador realizou um trabalho consistente, sobretudo, ressaltando as características da escrita da crônica do autor, desvendando a verdade por meio do riso. A mesma pesquisa apresenta ainda uma consistente história sobre a crônica enquanto gênero.

É preciso convir, no entanto, que em se tratando de um escritor muito lido, o mercado editorial também precisa ser pontuado. Luis Fernando Verissimo atinge grandes índices de vendas de livros, satisfazendo as editoras para as quais trabalha como a Objetiva com quem ele mantém contrato atualmente.

No caso específico da obra literária — que para Wellershoff (1970) também é uma mercadoria — podemos afirmar que as obras do autor são, dessa forma, rentáveis para sua editora e, sem dúvida, com qualidade estética, inclusive o fato de toda a sua obra ser reeditada pela Objetiva com um novo design, atraindo ainda mais o leitor a se aventurar nas narrativas curtas e longas de Verissimo. Além de tais obras terem sido lucrativas no passado, estão tendo grande aceitação por parte do público com os novos projetos gráficos.

Conforme Wellershoff, desde a “popularização do livro”, da mesma forma que em outros ramos industriais, as empresas fabricantes de livros, as tipografias e as editoras, precisam produzir e colocar os seus produtos, caso desejam continuar rentáveis. Desse modo, para o estudioso:

é função primordial da indústria cultural produzir para uma sociedade altamente atarefada tema de discussão, padrões de gosto, conteúdos que constituem material lúdico e de contacto e que asseguram uma certa conformidade das expressões vitais. Isso não obsta a que também produza ofertas para todas as necessidades concebíveis, existentes ou as recém-lírico-esotéricas. Fornece, além disso, grupos especiais de intelectuais, artistas e conhecedores com conteúdos e formas sem valor ainda universalmente reconhecido, talvez, mesmo logo de princípio, demasiado extremista e exclusivo para tal. Encontra-se assim em curso um processo constante de especialização e diferenciação de produtos, uma tendência para fabricar o novo e o extremo, tendência que reflete a concorrência dos autores que sobressaem e pretendam impor-se através de uma estilização determinada. A ele corresponde a concorrência dos consumidores, que evidenciam mutuamente o seu arrivismo cultural e pretendem distinguir-se do modelo do tipo majoritário que, todavia, persegue de perto esta elite consumidora (WELLERSHOFF, 1970, p.47).

O mercado editorial é um dos que mais crescem atualmente, e em especial, o setor da autoajuda e dos best-sellers, que apresentam pequenas fórmulas narrativas e se desdobram em vários volumes tornando-se campeões de venda em tempo recorde. Sabemos que o sucesso de vendas não determina a qualidade das obras; contudo, no caso de Verissimo, a qualidade literária de seus textos é inquestionável. É apresentada, primeiramente, por sua espontaneidade e, além disso, a junção do humor e da seriedade promove reflexões importantes acerca de fatos diversos.

Esta pesquisa justifica-se ainda por evidenciar a leitura — mesmo sendo um tema tão corrente — devido a sua importância na vida das pessoas, bem como para considerar alguns elementos que contribuem para que a leitura seja realizada. Há uma trajetória do livro que não pode ser ignorada, pois sem ela a leitura simplesmente não aconteceria. Desse modo, segundo os estudiosos de nosso corpus teórico, cremos que a leitura a ser desenvolvida, auxilia-nos em nossa capacidade crítica e em nossas escolhas de leituras, assim como em nossa visão crítica de mundo que pode e deve ser ampliada. Acreditamos que leitura não é sinônimo de decodificação, mas que ela existe na relação estabelecida entre leitor-texto e texto-leitor, além de outros fatores. E, por último, ressaltamos que a maturidade do leitor é construída ao longo de suas leituras armazenadas em sua biblioteca mental e que estarão presentes quando uma nova leitura for iniciada.

Nesse sentido, insere-se também a importância da leitura da crônica para a formação dos leitores, pois o contato com esse gênero é fundamental quando o intuito é uma formação crítica e competente do leitor. É por meio de sua simples composição que se revela como um tesouro para os leitores.

Importa saber, por fim, que a contribuição deste trabalho para a linha de pesquisa do programa de Mestrado em Letras (PLE/UEM) – Literatura e formação do leitor — dá-se pelo envolvimento direto com os leitores do cronista Verissimo, sendo assim uma pesquisa de campo que abarca dois pontos essenciais no processo literário: objetos de leitura e o público que os lê. É possível também observar outros tipos de leituras apreciadas pelos entrevistados, uma “breve” história de leitura dos mesmos e a grande valorização da escrita de Verissimo por dois grupos (o das comunidades do Orkut e o das bancas de jornal). E, por outro lado, a escassez da leitura de textos do autor em escolas, sejam elas instituições públicas, sejam elas privadas.

Posto isso, o que marca este trabalho e o diferencia dos demais é que, por meio do pressuposto de Verissimo ser um escritor muito lido, partimos em busca de seus leitores e leitoras, pois, diante de nossas investigações, observamos que a maioria dos trabalhos acadêmicos sobre o autor dizem respeito à análise de textos. Ou seja, não levam em consideração um elemento fundamental no jogo literário – o leitor. Constatamos apenas 2 (dois) trabalhos cujo foco é o leitor, um deles realizado na PUC/SP, analisou a compreensão da leitura de algumas crônicas por respondentes, e outro desenvolvido na UEL, no qual a

estudiosa aplicou o método recepcional, propondo a leitura de crônicas do autor a estudantes de nível fundamental.

Portanto, em nossa pesquisa, procuramos por leitores de Verissimo na tentativa de traçar um perfil dos mesmos. A hipótese inicial foi a de encontrá-los em três ambientes nos quais seriam convidados a responder a um questionário: o escolar, (cujo intuito não era verificar se esses estudantes leram o autor na escola, mas sim, o repertório de suas leituras de modo geral), embora saibamos também que em alguns materiais didáticos Verissimo aparece, sobretudo, em explicações sobre a crônica. Há ainda na escola, indicações de livros do autor para os alunos, como a coleção *Para gostar de ler* ou *Comédias para se ler na escola* e *Mais comédias para ler na escola*, dentre outros títulos. Assim sendo, foram entrevistados alunos de duas escolas, uma pública e outra particular, com idades entre 14 a 19 anos, estudantes do Ensino Médio da cidade de Maringá, noroeste do Paraná. A quantidade de respondentes para cada grupo é de cerca de 10 (dez), 5 (cinco) homens e 5 (cinco) mulheres.

O segundo ambiente foi no ciberespaço, através de comunidades do site de relacionamentos Orkut, que apresenta um público muito variado de regiões do Brasil, com idades entre 20 a 30 anos – sendo este o fator comum entre eles –, e também um público equilibrado envolvendo ambos os sexos (homens e mulheres).

Há em torno de 10 (dez) comunidades relacionadas ao autor cujos leitores e admiradores demonstram que apreciam seus textos através de discussões em fóruns, conversam sobre a falsa atribuição de textos ao autor, fazem enquetes sobre os livros mais lidos e personagens prediletas, dentre outros tópicos. O site de relacionamentos Orkut apresenta em média de 200 a 124 mil membros nas comunidades relacionadas ao autor. Aquelas com menos participantes são as de livros como *As aventuras da família Brasil* e as que retratam os quadrinhos *As cobras*, as demais têm um grande número de membros.

Por último, o terceiro ambiente em que entrevistamos leitores foi a banca de jornal, tendo em vista que Verissimo escreve para jornais e revistas. Duas bancas foram escolhidas para a realização da pesquisa, uma localizada em região central e outra em região periférica da cidade de Maringá, com respondentes cuja idade deveria ser a partir de 31 anos.

Dessa forma, a partir da análise do material coletado com a aplicação dos questionários, objetivamos estudar a contribuição que o gênero literário *crônica* pode oferecer para auxiliar na formação do leitor jovem ou adulto. Além deste objetivo, destacamos outros que também se mostram significativos para a realização da pesquisa:

- Investigar a partir de três segmentos (escolas, comunidades do Orkut e bancas de jornal) quem lê textos de Luis Fernando Verissimo;
- Observar através do questionário semiestruturado quais os suportes que estes leitores utilizam ao ler textos do autor;
- Averiguar se os leitores têm o hábito de ler crônicas em outros suportes;
- Constatar como o leitor se interessou por textos do escritor;
- Observar e delinear de modo detalhado as várias nuances presentes no que diz respeito à adesão ou rejeição dos textos mencionados pelos próprios leitores.

No que diz respeito aos caminhos da fundamentação teórica sobre a crônica, destacamos sua origem, características marcantes do gênero, sua linguagem, temas recorrentes e suportes em que o mesmo aparece. Assim, dentre outras referências elencadas em nosso trabalho, destacamos os seguintes estudiosos: Antonio Candido, Massaud Moisés, Afrânio Coutinho, Jorge de Sá, artigos do Informativo *Proleitura*, um número especial do *Boletim Bibliográfico Mario de Andrade*, duas dissertações das quais mencionamos há pouco bem como outras referências citadas no decorrer da pesquisa.

Quando tratamos da crônica e seus tópicos, o intuito não é o de apresentar ou escolher uma definição fechada sobre o gênero, mas sim, o de explicitar várias concepções, inclusive a de Verissimo e discuti-las. Em suma, acreditamos que a leitura da crônica promove um grande diálogo em seus leitores, além de levar a fundo uma diversidade de críticas – sejam elas sociais, políticas, econômicas, sejam sobre nossas próprias atitudes diante de situações cotidianas. A nosso ver, o contato do leitor com esse gênero textual é uma verdadeira leitura do mundo em suas entrelinhas.

Como o próprio gênero é tema de várias crônicas dentre os que a escrevem, Verissimo comenta que a discussão da concepção sobre crônica é mais antiga que a discussão de quem vem primeiro: o ovo ou a galinha. Portanto, parafraseando o escritor em entrevista a nós concedida, a crônica é aquilo que queiramos que ela seja, e mais relevante que isso é o lugar que ela conquistou no jornal e na revista, bem como no livro. Contudo, para o escritor, o lugar verdadeiro dela é o jornal, onde é publicada primeiramente. A observação de Verissimo nos remete a de Antonio Candido, em *A vida ao rés-do-chão* (1992)² retratando que a crônica não apresenta o intuito de durar, pois “é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa” (CANDIDO, 1992, p.14).

² Publicado originalmente em *Para gosta de ler: crônicas*, vol.5 (São Paulo, Ática, 1981).

Esse gênero não nasceu, a priori, para o livro, mas para esse tipo de publicação efêmera que compramos em um dia e no outro já usamos para embrulhar algo necessário, como um par de sapatos. Mas por outro lado, levamos em consideração que a publicação da crônica em livros faz parte de sua evolução enquanto gênero, de seu percurso, enfim, de sua história. Vale ressaltar ainda que a mudança de suporte, por exemplo, das páginas do jornal para as do livro, implica em modificações na leitura, mesmo que os textos sejam os mesmos, porém, o simples deslocamento de espaço permite outras interferências, outras leituras.

Mais especificamente sobre a escrita de Verissimo, seus textos podem, muitas vezes, parecer “fofocas”. E a pessoa que se interessa pela vida alheia se ocupa de questões curiosas: se a filha da vizinha está grávida; se o presidente do Brasil está viajando; onde está o marido da outra vizinha que sumiu; enfim, assuntos como esses que se tornam crônicas. Uma das qualidades estéticas do autor está em caminhar por esses assuntos, ou outros como a presidência de Obama e a crise mundial, sempre de uma forma engraçada, mas que em sua essência são sérios. Assim, a célebre frase *Seria cômico se não fosse trágico*, ou ainda uma clássica de Fellini: *Nada mais triste que o riso...*, cabem muito bem quando nos dirigimos a textos de Verissimo. Seu estilo é notadamente leve, pois não apresenta um lirismo poético e humor exacerbado. Mas é fato que retrata a verdade por trás do riso, pois sabemos que normalmente rimos daquilo que inconscientemente nos afeta, e então o riso é uma manifestação disso.

No que diz respeito à leitura do texto literário, como é o caso da crônica, Umberto Eco (2008) defende a ideia de que o conteúdo do texto se revela por meio da cooperação do leitor. Portanto, para o estudioso o texto está repleto de “espaços em branco, de interstícios a encher, e quem o emitiu previa que eles fossem preenchidos e deixou-os em branco” (ECO, 2008, p.55), já que ele é um mecanismo preguiçoso, precisa de alguém para ajudá-lo a funcionar.

Nesse contexto, outro instigante estudo que nos remete à cooperação do texto literário é o texto de autoria de Ana Maria Machado. Em *Vamos passear no bosque?* (1999) a escritora nos revela um pouco de sua história enquanto leitora, professora de língua e literatura, crítica, livreira, editora, escritora e sua relação e convicções no que diz respeito ao livro e às flores, enfim, suas paixões. No decorrer das linhas, ela vai tecendo metáforas entre literatura e flores, dessa viagem ao bosque – que é a leitura literária – e, para tanto, cita o escritor John Fowles com seu ensaio *The Tree (A árvore)*, em que apresenta comparações entre literatura e árvores. Um ser capaz de transformar veneno em fonte vital, “que se alimenta do gás carbônico tóxico

para os animais e o elabora para desenvolver o oxigênio vital às outras formas de vida”. Está sempre mudando de acordo com cada estação, ora com flores, ora com frutos, ora com folhas secas, ora nascendo outra vez e sempre alimentando os seres ao seu redor. Posto isto, Fowles aborda a “literatura como um eterno passeio entre as árvores de um jardim ou bosque, pelo meio de uma diversidade assombrosa de vidas, tamanhos, tonalidades, ruídos, perfumes, atmosferas.” Como segue:

Como toda arte, um modo de conhecer, experimentar e fruir o mundo que se distingue do das ciências, ao se ocupar de uma criatividade voltada para dentro e não para fora, mas concentrada no mesmo processo criativo. Uma forma de conhecimento indispensável e que não pode ser substituída pela ciência já que, como ele lembra, a ciência se ocupa dos fatos e das leis que a eles possam se aplicar, sem se dedicar às exceções mínimas que não seguem a regra geral. Justamente o que mais interessa à arte, que acredita na exceção e acha que a natureza inteira, é feita de pequenas exceções (MACHADO, 1999, p.88-9).

Assim, para o escritor (citado por Machado), ler um livro é como andar entre árvores, uma experiência ao mesmo tempo natural e intensa, uma vez que as árvores agrupadas são como as palavras do texto literário, de fato, por apresentarem coisas visíveis ou esconderem outras, para além da vizinhança e das entrelinhas. Necessário é ainda comentar que, como há árvores boas e más, da mesma forma, há obras de boa e de má qualidade. Quando o leitor passeia pelas primeiras o “encanto de andar pelo campo, num jardim ou entre as árvores, está na explorabilidade, na possibilidade de nos viciar, sem cura, nos prazeres da descoberta da experimentação do literário” (MACHADO, 1999, p.90).

A autora continua citando Fowles que comenta que essa experiência oferece refúgio e garante a liberdade através de um processo de retirada ou recolhimento do “mundo normal” para um mergulho dentro de nós mesmos, como afirma Petit outrora comentada por nós.

Posteriormente a Fowles, Eco (2001) promove um retorno à metáfora do bosque em algumas conferências sobre leitura na Universidade de Harvard, essas reunidas sob o título de *Seis passeios pelo bosque da ficção*.

A saber, Eco, em seus textos, não faz alusão à metáfora de Fowles, mas à de Jorge Luis Borges, oriunda do conto *O jardim de veredas que se bifurcam*. Quando passeamos pelo bosque, é possível que cada um trace seu caminho e tome as decisões que achar pertinentes, se seguindo à direita, à esquerda, ao centro, retornando, é, por fim, um exercício de liberdade. Na ficção, o leitor é obrigado a tomar decisões todo o tempo. Portanto, ler ficção não é atitude passiva, e cada texto apresenta as regras do jogo, que é preciso observar. O leitor, por seu

turno, é alguém ansioso para começar o jogar e adentrar no bosque, afirma Eco. E como Borges (2001) ressalta em *Ficções* “Em todas as ficções, cada vez que um homem se defronta com diversas alternativas, opta por uma e elimina as outras (...)”. (BORGES, 2001, p.110)³.

Comungando com as metáforas até então mencionadas, Michel de Certeau acredita que:

[...] ler é estar alhures, onde não se está, em outro mundo; é constituir uma cena secreta, lugar onde se entra e de onde se sai à vontade; é criar cantos de sombra e de noite numa existência submetida à transparência tecnocrática e àquela luz implacável que, em Genet, materializa o inferno da alienação social. (CERTEAU, p.269, 1994)

Em *Fim dos livros, fim dos leitores?* Regina Zilberman (2001) também nos lembra que na obra de ficção, todos os seus elementos, as personagens, os sentimentos, os objetos, o espaço, o tempo, enfim, tudo aparece de uma forma inacabada para que o leitor dê sua contribuição. Partindo também da ideia de que o leitor não é passivo, e que não há texto sem leitor, revela que este, confere-lhe vida “ao contemplá-lo com a força de sua imaginação e o poder de sua experiência” (ZILBERMAN, 2001, p.51).

Assim, o que seria a leitura literária para nós senão aquilo que Antonio Candido (1972) nos revelou em *A literatura e a formação do homem?* Ela tem o intuito de formar, mas não de acordo com a pedagogia dominante, da tríade – verdadeiro, bom e belo –, mas “Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica (...) ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela – com altos e baixos, luzes e sombras” (CANDIDO, 1972, p.805). Para além dessa formação, o estudioso ainda vê a literatura como um direito de todos, fazendo parte dos bens incompreensíveis, que asseguram nossa sobrevivência física e espiritual, no caso da literatura.

Assim como acrescenta:

Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim, como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. (...) Ela (a literatura) se manifesta desde o devaneio

³ Tradução de Carlos Nejar. Trecho original em *Ficciones*: “en todas las ficciones, cada vez que un hombre se enfrenta con diversas alternativas, opta por una y elimina las otras” (...) (BORGES, 2001, p.112).

amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance (CANDIDO, p.242, 1995).

Na sequência, iremos ocupar-nos ainda de um tópico para uma discussão sobre a leitura no ciberespaço, já que uma parte de nossa pesquisa é destinada a leitores que participam de comunidades de sites de relacionamento como o Orkut. Em suma, como Machado (1999) e outros estudiosos, acreditamos que com a chegada de novas tecnologias não será o fim do livro e nada substituirá a literatura. Surgem a cada dia novas ferramentas virtuais que são excelentes oportunidades para a expansão do conhecimento e do entretenimento. No entanto, sempre haverá pessoas com a vontade de ter o contato direto com o objeto mítico – o livro –, que irá sobreviver da mesma forma que outros suportes sobreviveram diante do surgimento de novos. Evoluir, em todos os sentidos da palavra, faz parte do ser humano, não podia ser diferente com o livro.

Ao tratarmos do leitor, centramos nossos estudos na Sociologia da leitura e na Estética da Recepção, de Hans Robert Jauss. A primeira se ocupa de forma mais direta com o leitor, já que estuda o público com o objetivo de compreender e investigar gostos e preferências, e ainda auxilia-nos na análise de nossas investigações. São destaques estudiosos como Robert Escarpit, Antonio Candido, Roger Chartier, Regina Zilberman, Vera Teixeira de Aguiar, Michèle Petit dentre outros. A segunda, por sua vez, busca com maior propriedade, juntamente com Wolfgang Iser e a Teoria do efeito, auxiliar-nos no processo de recepção do público em questão.

Assim, estudar um determinado escritor, suas obras, seu público alvo e ainda uma série de elementos que estão correlacionadas à leitura é trabalho para a Sociologia da leitura. Conforme Aguiar (1996), ela é um segmento da Sociologia da literatura que objetiva investigar o público como aquele que atua no literário. Assim, esse fenômeno é estudado de modo mais amplo, como observa:

[...] pesquisam-se preferências do público, levando em conta os diversos segmentos sociais que interferem na formação do gosto e servem de mediadores de leitura, bem como as condições específicas dos consumidores segundo seu lugar social, cultural, étário, sexual, profissional, etc. (AGUIAR, p.23, 1996).

Para Zilberman (2001), uma ciência da leitura coloca, sim, o leitor em evidência, mas não se pode de forma alguma excluir o livro, uma “mercadoria” que apresenta mecanismos

próprios de circulação e, aliás, é este objeto que confere materialidade para a literatura. Movimenta ainda toda uma sociedade capitalista como a nossa, cuja produção livresca apresenta uma quantidade exorbitante de livros acrescentada a diversas estratégias, para que se consumam também mais livros.

Em se tratando de abordagens teóricas que tenham por foco o leitor e, ainda, a própria leitura literária, é interessante que se pense em Teorias da Recepção, que envolvem três linhas de abordagem recepcional. O destaque da primeira é para Jauss, que prioriza o leitor e a leitura nos estudos literários, e suas ideias tornaram-se conhecidas sob a rubrica de Estética da Recepção, a utilizada em nosso trabalho.

A segunda vertente recepcional é o *Reader- Response Criticism* que foi desenvolvida sob ângulo norte-americano. Tem como representantes Stanley Fish, Jonathan Culler e Wolfgang Iser. A linha de raciocínio em comum desses estudiosos é o pensamento nos efeitos que os textos desencadeiam nos leitores, ainda que o conceito de texto seja distinto para os mesmos. Mas tem como pressuposto que a leitura só existe no momento em que o leitor atribui sentido a ela, ou seja, não há leitura sem leitor. A terceira e última abordagem, há pouco explicitada por nós, é a Sociologia da leitura. Seus principais representantes são Robert Escarpit, Roger Chartier e Pierre Bourdieu, dentre outros.

No que concerne à metodologia a ser utilizada nesta pesquisa para a coleta e a análise de dados é a de natureza qualitativo-interpretativa bem como quantitativa, aproximando-se das investigações de caráter etnográfico. Assim, Ezpeleta e Rockwell (1989) fazem algumas considerações sobre esta abordagem, pois são de extrema importância para o desenvolvimento satisfatório da pesquisa. Como observam:

Ao adotar a etnografia no campo da pesquisa educacional, é importante não aceitá-la como uma simples técnica, mas antes tratá-la como uma opção metodológica no sentido de que todo método implica uma teoria. Retomar essa tradição antropológica exige que se faça consciente uso da teoria, em vez de negar a presença de pressupostos teóricos da descrição. A etnografia carrega toda uma história de estudos de diferentes processos e fenômenos sociais, com uma vasta gama de concepções teóricas. (Ezpeleta; Rockwell, 1989, p.35)

Dessa forma, é possível interpretar os dados coletados por meio de suas relações com o contexto social no sentido mais amplo, e, conseqüentemente, integrando-os à dimensão à qual pertencem.

Levando em consideração o referencial teórico e o material a ser analisado por nós, dividimos nossa pesquisa em quatro capítulos. O primeiro - *A crônica no mundo literário* - é destinado a um diálogo entre literatura e crônica. Esta parte abarca a origem, as concepções, os percursos, as mudanças de suporte do gênero e o papel de Verissimo na crônica brasileira, levando em consideração sua obra, algumas características e os suportes para os quais ele escreve.

No segundo capítulo - *O percurso da pesquisa: onde estão os leitores de Verissimo?* - detalhamos o percurso de nossas investigações na busca por leitores do escritor no ambiente escolar, no ciberespaço e nas bancas de jornal, e ainda apresentamos o questionário elaborado por nós.

No terceiro, intitulado *Teorias da leitura*, apresentamos quatro tópicos com concepções de leitura literária, leitor e a leitura em novos suportes – concepções embasadas na Sociologia da leitura e na Estética da Recepção.

E, por último, no quarto capítulo - *Leitores de Luis Fernando Verissimo: uma leitura dos questionários* - relatamos a descrição e análise dos dados coletados durante todo o percurso.

Apresentamos ainda nossas considerações finais, os apêndices, os anexos e a possibilidade de investigações futuras em nossa trajetória acadêmica, pois temos a certeza de onde ela começa, como relatamos no início dessa introdução, porém, o caminho continua sendo traçado. Temos a certeza de que nosso passeio por esses e outros bosques irão continuar e almejamos sempre encontrar novos caminhos a serem seguidos em meio a tantas árvores e labirintos literários.

1. A CRÔNICA NO MUNDO LITERÁRIO

Esperto o cronista. Ele sabe das coisas. Sabe do pacto silencioso que faz com seus leitores e que está sempre renovando, dizendo nas entrelinhas: '(...) Não nos conhecemos, mas bem podemos nos encontrar nesta efêmera folha de papel pela qual eu te espio e tu me espias enquanto espiamos ambos o mundo.'

Marisa Lajolo⁴

Literatura. Como definir de forma objetiva algo complexo e introspectivo? Inúmeros teóricos se ocuparam em tentar defini-la, mas nenhum deles conseguiu dizer: Literatura é ... e ponto final. Mas é fato que todos os estudos sobre o assunto têm grande importância para quem se aventura pelos estudos literários. Terry Eagleton (1997) afirmou que não é possível defini-la de forma objetiva, pois qualquer concepção teria um juízo de valor variável de acordo com o tempo, a história, a sociedade, enfim, com as ideologias sociais. Além disso, o autor tece críticas sobre algumas definições existentes de literatura, como por exemplo, os formalistas que consideravam a linguagem literária como desvio da norma: a literatura é uma forma “especial” de linguagem, em contraste com a “linguagem comum”, que usamos habitualmente (EAGLETON, 1997, p.5). Para esses pensadores, estranheza era sinônimo de literariedade. Mas a concepção é questionável quando lemos um enunciado dizendo que “cachorros devem ser carregados na escada rolante” (1997, p.7), uma vez que, embora seja estranho, não se trata de um enunciado literário. Portanto, para o estudioso, a definição de literatura irá depender do modo pelo qual alguém decide ler e não daquilo que é lido.

Sendo assim, torna-se fácil saber o que não é literatura. Contudo, este trabalho não tem o intuito de tentar definir este termo, seria, aliás, muita pretensão; a nosso ver, é melhor senti-la por meio da leitura de textos do que buscar uma concepção. Em *O que é literatura*, de Marisa Lajolo (1984), a autora também promove discussões sobre o assunto e nos auxilia, ainda que de um modo metafórico, a pensar nessa literatura tão questionada ontem e hoje. A autora coloca que:

⁴ LAJOLO, M. *Um cronista no coração das coisas*. In: VERISSIMO, L.F. *Mais comédias para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

É a literatura porta de um mundo autônomo que, nascendo com ela, não se desfaz na última página do livro, no último verso do poema, na última fala da representação. Permanece ricocheteando no leitor, incorporado como vivência, erigindo-se em marco do percurso de leitura de cada um (LAJOLO, 1984, p. 43).

Segundo a pesquisadora, a literatura não pode apresentar uma mesma significação diante de tempos e sociedades distintos, é por isso que há tantas concepções díspares e que foram sendo tecidas e modificadas de acordo com o momento histórico e com visões de mundo dos historiadores e dos próprios leitores. Para ela, se há um conceito, este necessita estar relacionado com o tempo, com a cultura e outros fatores que podem implicar em seu sentido.

Zilberman (1990), em seu texto *Sim, a literatura educa*, retorna à história e comenta que, quando surgiu na antiga Grécia, a literatura chamava-se poesia e sua função era divertir a nobreza no intervalo entre guerras. No século VI a. C., acreditava-se que as epopéias ofereciam padrões de identificação ao povo ateniense (propensão educativa da literatura). Somente após muitos séculos é que a literatura adotou o nome que a identifica atualmente.

Mesmo com o passar do tempo, mantém-se a certeza de que o texto poético contribui para a formação do homem, colaborando para seu aprimoramento intelectual e ético. Ao tratar-se de um texto ficcional, a autora revela que não existe leitura sem o trabalho conjunto entre imaginação e intelecto. A obra literária, enquanto criação, não é produzida sem que a imaginação do escritor seja primeiramente ativada. O leitor procura na literatura elementos que expressem seu mundo interior. Nesse sentido, o universo criado no texto literário incita seu imaginário e faz com que esse se manifeste. É por isso que algumas leituras se confundem com nossa vida.

Já Antonio Candido (1995), em *O direito à literatura*, faz algumas reflexões sobre os direitos humanos e logo discute a questão do direito à literatura. Ele destaca a contradição neste ponto: ao mesmo tempo em que o homem cria meios modernos para melhorar a qualidade de vida, também provoca a exclusão da maioria das pessoas desses benefícios. O homem, diz o autor, inventou técnicas para a criação equitativa de bens materiais, mas não coloca essas técnicas em favor de todos.

Para Candido, pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós também é indispensável para o próximo. O estudioso completa que essa é a essência do problema dos direitos humanos. É preciso,

portanto, refletir e se autoeducar para reconhecer esse problema, pois a tendência das pessoas é pensar que os seus direitos vêm antes dos direitos dos outros. Eis um ponto obscuro nessa discussão. A maioria das pessoas tem, sem dúvida, direito a bens fundamentais, como casa, comida, saúde, instrução, mas e a ler Dostoiévski e a ouvir os quartetos de corda de Beethoven?

Nesse ponto, nem sempre o direito a todos é incluído. E essa visão global deve, segundo Candido, estar na base da reflexão sobre os direitos humanos. O autor faz uma distinção entre bens compressíveis e incompressíveis. Os primeiros não são tão importantes, como cosméticos, roupas extras, enfeites, etc.. Os outros são os bens imprescindíveis, como comida, água, luz, e não podem ser negados a ninguém.

Contudo, os bens incompressíveis não são apenas os que asseguram a sobrevivência física, mas também a espiritual. Além de casa, comida, saúde, também são direitos incompressíveis a crença, a opinião, o lazer. E por que não, a arte e a literatura? Para ele “não há um povo nem homem que possa viver sem literatura” e dessa forma, o universo da fábula está presente em todos os momentos do homem, seja ele analfabeto ou erudito, como a anedota, a canção popular, o noticiário policial ou a novela, dentre outros. Por isso, a literatura se constituiu em um direito. “A literatura é o sonho acordado das civilizações” e é indispensável, porque confirma no homem a sua humanidade, justamente por atuar no subconsciente e no inconsciente.

Portanto, a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominantes. Assim, como o mesmo autor afirmou em *A literatura e a formação do homem* (1972):

Paradoxos, portanto, de todo lado, mostrando-se o conflito entre a idéia convencional de uma literatura que *eleva e edifica* (segundo os padrões oficiais) e a sua poderosa força indiscriminada de iniciação na vida, com uma variada complexidade nem sempre desejada pelos educadores. Ela não *corrompe* nem *edifica*, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver (CANDIDO, 1972, p.806).

Posto isso, dirigimo-nos a seguir a uma discussão que abrange o texto literário: a crônica.

1.1. ORIGEM, CONCEPÇÕES E PERCURSOS

Retornando à etimologia do vocábulo crônica, Pereira (1997) comenta que essa tem suas origens na palavra grega *kronos*, que significa tempo. Em seu percurso passou pelo latim *chronica* chegando às línguas modernas e de início, em nossa língua, ficou conhecida como relato histórico. Por tal motivo é que a arte do cronista esteve, durante muito tempo, diretamente relacionada a organizar os fatos do texto de forma cronológica, apresentando uma ideia de linearidade, sem que houvesse uma interpretação dos fatos.

Em *A literatura no Brasil*, Coutinho (1986) evidencia alguns significados antigos da palavra *crônica* que ao longo dos tempos foram se modificando. O autor cita que no verbete de Domingos Vieira, o vocábulo adquiriu dois sentidos. Um deles é o de caráter de relato histórico. Foi o modo que assumiu a historiografia na Idade Média e Renascimento bem como em diversas partes da Europa, de início em latim e depois em várias línguas vulgares, inclusive o português. Esse sentido prevaleceu até hoje em vários idiomas europeus modernos, excetuando o português. Em inglês, francês, espanhol, italiano, a palavra só tem este sentido: *crônica* é um gênero histórico. Assim como crônica, “croniqueiro” e “cronista” só se empregavam relativamente a crônicas, naquele sentido: era o indivíduo que escrevia crônica. O mesmo ocorre em francês: *chronique* e *chroniqueur*”. É o significado tradicional.

Moisés (1983) afirma que no início da era cristã a crônica era “uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em sequência cronológica” (MOISÉS, 1983, p.245) e acrescenta que a crônica atingiu o ápice após o século XII e o mérito foi de Froissart, no âmbito francês; Geoffrey of Monmouth, no inglês; Fernão Lopes, (primeiro cronista em língua portuguesa), no português; Alfonso X, no espanhol, com uma grande aproximação da História, mas já ressaltando traços de ficção literária.

Nessa mesma perspectiva histórica, Jorge de Sá (1985) assim como Arrigucci Jr., acredita que a crônica está fortemente relacionada com a História, salientando que a carta escrita por Caminha a El-rei D. Manuel é a criação de um cronista, “pois recria com engenho e arte tudo o que ele registra no contato direto com os índios” (SÁ, 1985, p.5). Caminha, ao escrevê-la, estabeleceu o princípio básico da crônica que é registrar o circunstancial, pois cumpre destacar a importância da observação direta para o narrador registrar os fatos, inclusive os momentos mais efêmeros que também ganham certa concretude. No entanto, concordamos quando a estudiosa Márcia de Oliveira Pinto (2007), em seu artigo *Crônica: do*

rés-do-chão ao livro, revela que os escritos dos viajantes foram, de início, relacionados à palavra crônica, mas, de fato, nem todos assumiram um caráter literário como a Carta de Caminha, nem expressavam o formato que o gênero começa a apresentar a partir do século XIX, pois as primeiras são narrativas longas que enfocam a descrição das terras visitadas, narrando a natureza, os indígenas, costumes e, ainda, relatos referentes à cultura desses povos.

No entanto, como a língua é mutável, a palavra foi revestindo-se de uma carga semântica diferente, ou seja, crônica e cronista começaram a ser usados com o sentido atualmente reconhecido em literatura; “é um gênero específico, estritamente ligado ao jornalismo” (COUTINHO, 1986, p.121). A mudança operou-se possivelmente no século XIX, em nosso país ou em Portugal, pois havia uma seção, geralmente semanal, cujos artistas comentavam os assuntos destacados de cada semana. Nesse contexto, crônica passou a receber outro significado:

um gênero literário de prosa, ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades de estilo, a variedade, a finura e arúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância, ou na crítica de pessoas. “Crônicas” são pequenas produções em prosa, com essas características, aparecidas em jornais ou revistas. A princípio, no século XIX, chamavam-se as crônicas “folhetins”, estampados em geral em rodapés dos jornais (feuilletons- folhetins) (COUTINHO, 1986, p. 121).

Coutinho (1976) acredita que a crônica carrega uma forte personalidade e é uma forma literária requintada, específica e autônoma. Acrescenta, aliás, que a crônica é algo de diferencial e “frisante” na linguística brasileira, o que dificulta encontrar algo parecido em outras línguas.

A crônica é na essência uma forma de arte, arte da palavra, a que se liga forte dose de lirismo. É um gênero altamente pessoal, uma reação individual, íntima, ante o espetáculo da vida, as coisas, os seres. O cronista é solitário com ânsia de comunicar-se. E ninguém melhor se comunica do que ele, através desse meio vivo, álcere, insinuante, ágil que é a crônica (COUTINHO, 1976, p.305).

A literatura como uma arte por meio das palavras objetiva o prazer estético, dessa forma, nada mais literário do que a crônica, pois não pretende informar, ensinar, orientar e nem é indissolúvelmente ligada ao jornal, já que o prazer de sua leitura decorre também quando ela é selecionada a algum livro. Desse modo, como é ligada ao cotidiano, “ela tem de valer-se da língua falada, coloquial, adquirindo inclusive, certa expressão dramática no contato da realidade da vida diária” (COUTINHO, 1976, p.306).

Sobre a especificidade do gênero, Candido e Arrigucci Jr. ponderam que a crônica é considerada gênero menor, o que não é visto de forma negativa, já que ela está perto de nós. E, sobretudo, o primeiro pondera que esse gênero busca ajudar a estabelecer as dimensões das coisas, isto é, ao invés de promover um cenário elevado, focaliza o “miúdo” revelando a grandiosidade existente. Assim, ela é escrita por quem está no alto de uma montanha, mas do simples rés-do-chão e é por isso que, sem querer, transforma a literatura em algo íntimo com relação à vida das pessoas. Essas narrativas mantêm, aparentemente, o “ar despreocupado”, falando coisas sem maiores consequências e, no entanto, “seguem a fundo” no significado de nossas vidas, além de levar longe a crítica social.

Referindo-se a algumas dificuldades relatadas por estudiosos, Coutinho cita Portella que comenta que as dificuldades em relação a esse gênero estão relacionadas ao se classificar a crônica: “do fato de que tem a caracterizá-la não a ordem ou a coerência mas exatamente a ambiguidade”, que “não raro a conduz ao conto, ao ensaio por vezes, e frequentemente ao poema em prosa”. A crônica, insiste o mesmo crítico, vive presa ao dilema da transcendência e do circunstante. As suas condições jornalísticas e sua base urbana têm que ser superadas para que ela ganhe em transcendência, seja construindo “uma vida além da notícia”, seja enriquecendo a notícia com “elementos de tipo psicológico, metafísico” ou com o humor, como Carlos Drummond de Andrade, seja fazendo “o subjetivismo do artista”, “o seu universo interior”, sobrepor-se “à preocupação objetiva do cronista”, como Rubem Braga ou Ledo Ivo (COUTINHO, 1976, p.306).

Davi Arrigucci Jr. (1985) comunga com Coutinho que a crônica “tece a continuidade do gesto humano na tela do tempo” e que se trata de um relato que estabelece relações com o tempo, “de onde tira, como memória escrita, sua matéria principal, o que fica do vivido”. O primeiro salienta que a crônica moderna e a mais atual são diferentes da histórica, pois se compreende hoje este gênero como um relato de fatos relacionados ao dia-a-dia, fatos atuais publicados no jornal desde quando este teve seu ápice, no século XIX. Ademais, a crônica tornou-se uma seção do jornal ou da revista e para entendê-la de forma adequada, cumpre destacar sua relação direta com a imprensa, à qual sempre esteve vinculada. Mas é preciso insistir que não devemos reduzi-la a uma parte do jornal, pois, pelo menos no Brasil, que dependeu de origem européia, logo alcançou um desenvolvimento significativo, como observa:

Teve aqui um florescimento de fato surpreendente como forma peculiar, com dimensão estética e relativa autonomia, a ponto de constituir um gênero propriamente literário, muito próximo de certas modalidades da épica e às vezes também da lírica, mas com uma história específica e bastante expressiva no conjunto da produção literária brasileira, uma vez que dela participaram grandes escritores, sem falar naqueles que ganharam fama sendo sobretudo cronistas (ARRIGUCCI JR, 1985, p.44).

A crônica, como parte de um veículo como o jornal, aparece destinada à pura contingência, mas travando um arriscado “duelo”, que, muitas vezes, por mérito literário, leva à vitória. Não é de se espantar que ela assuma, assim, a dimensão de texto literário em virtude da elaboração da linguagem, da complexidade interna, da penetração psicológica e social, da poeticidade ou do humor, modos de conhecimento de nossa própria realidade e história, elementos contidos nas entrelinhas destes textos.

Importa mencionar que seu surgimento no Brasil data da segunda metade do século XIX e ela já era lida como uma matéria mesclada, ora na matéria do folhetim, ora nos trechos de páginas em que a literatura mergulhou fundo no jornal, abordando grande diversidade temática, mas, sobretudo, aspectos da vida moderna. Antes de tudo, o cronista é folhetinista, como José de Alencar em *Ao correr da pena*, ao colaborar no Correio Mercantil no Rio de Janeiro, entre 1854 e 1855. Ele, bem como outros folhetinistas, necessitava transitar em todo tipo de acontecimento, com certa volubilidade e ser capaz de envolvê-los em uma linguagem lúdica para seus leitores. Esse jeito volátil é característica marcante de Rubem Braga, pois sempre diz uma coisa “escondendo o jogo”, ou seja, como quem não quer dizer. Outros cronistas, por seu turno, partiram para outra linha, revestindo seus textos com humor, como Joaquim Manuel de Macedo e França Jr..

Em instigante ensaio sobre tal gênero, *A vida ao rés-do-chão*, Candido (1984) evidencia que a crônica não nasceu propriamente com o jornal, mas há uns 150 anos, quando este se tornou cotidiano e acessível. Ela nascera com o folhetim, antigo rodapé sobre as questões do dia-a-dia, apresentando temas políticos, sociais, artísticos e literários. Logo o folhetim foi deixando para trás o intuito de informar e comentar para ficar com o de divertir, com uma linguagem mais leve e mais descompromissada:

Aos poucos o ‘folhetim’ foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje (CANDIDO, 1984, p.15).

Mas é por volta de 1930 que a crônica moderna se definiu e se consolidou no país e dentre escritores e jornalistas que a cultivavam estavam Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e, ainda, o cronista “exclusivo” neste gênero, Rubem Braga. Outros grandes nomes podem ser mencionados na história deste gênero, muitas vezes sob pseudônimos, outras com seus próprios nomes. Temos, nesse sentido, Machado de Assis, que auxiliou na implantação do gênero, entre outros, como José de Alencar, Manuel de Macedo, Raul Pompéia, Coelho Neto, Olavo Bilac, Humberto de Campos, Guilherme de Almeida, Manuel Bandeira, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Stanislaw Ponte Preta, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Lourenço Diaféria, Otto Lara Resende, Carlos Heitor Cony, Luis Fernando Verissimo, para citar alguns nomes representativos.

Em *Ensaio sobre a arte da palavra*, dissertação que recentemente se tornou livro, Konzen (2002) ressalta que a combinação de gêneros é uma das particularidades da crônica brasileira, porém, sua escrita não se restringe a este aspecto. Ela possui, ao contrário, uma vasta história com protagonistas e personagens considerados essenciais em nossa literatura, como alguns nomes já mencionados e outros aos quais atribuímos destaque.

Alencar, sempre citado na lista de cronistas brasileiros, escreve no tempo em que a crônica era ainda denominada folhetim, isto é, aquele espaço no rodapé da primeira página dos jornais com o fim de destacar os principais fatos da semana, bem como era também dedicado à publicação de capítulos de romances. Nesse espaço, geralmente utilizado aos domingos, cabiam as informações mais diversificadas, resultando, por exemplo, na reunião, em um único texto, de apreciação sobre as estréias de espetáculos teatrais, comentários sobre os bailes e as festividades religiosas mais concorridas, críticas às especulações na bolsa, entre outros. Tais fatos marcavam a semana carioca e era isso que esse escritor retratava em seus textos num momento de florescimento urbano das cidades (KONZEN, 2002, p.27).

Sem dúvidas, outro notório cronista foi Machado de Assis cujas crônicas, sob o ponto de vista de Arrigucci Jr (1985), eram “arte da desconversa: refinada, alusiva, muitas vezes maldosa e sempre irresistível. Ninguém escapa a tanta movimentação e humor, mesmo depois de todos esses anos de desaparecimento dos fatos que motivaram aquelas páginas extraordinárias” (ARRIGUCCI JR, 1985 *apud* KONZEN, 2002, p.29).

Conforme Konzen (2002), embora o pré-requisito de Machado de Assis fosse o comentário dos fatos semanais, ele começa a revestir estes fatos de uma “literariedade” mais expressiva, pois o fato fica em segundo plano e já a interpretação dada a ele é a que prevalece.

Nesse passo, Machado de Assis busca deixar seu texto mais leve e sem a obrigatoriedade de retratar a semana, evitando que a interpretação se torne datada e situada – um dos empecilhos para a permanência da crônica.

Ademais, outro elemento fundamental da produção machadiana encontra-se na provocação do leitor, pois, em suas páginas, essa figura está sempre presente. O leitor é então:

o interlocutor assíduo e participativo que tanto pode ser aliado ou adversário, personagem principal ou coadjuvante, sempre, porém, referência destacada. Daí resulta uma infatigável cumplicidade entre escritor e leitor, porque as provocações do primeiro estimulam, no segundo, um estado de vigília permanente (PORTELLA *apud* KÖNZEN, 2002, p.30).

Essas circunstâncias podem ser também observadas em suas crônicas, nas quais o diálogo constante com seus leitores promove uma maior aproximação entre os interlocutores.

Sá (1985) ainda nos lembra que a realidade como a conhecemos ou a recriada, é feita de pequenos lances, mostrando, portanto, que a nossa literatura nascera do circunstancial, ou seja, da crônica. No tempo de Paulo Barreto, ou João do Rio (1881- 1921), havia somente uma seção informativa: o folhetim.

Esse escritor notou que com a mudança da cidade, aqueles que escreviam também precisavam mudar. João do Rio não esperava na redação, ele ia “ao local dos fatos para melhor investigar e assim dar mais vida ao seu próprio texto” e essa foi então uma nova maneira de encarar a profissão de jornalista, modificando também a linguagem e a estrutura do folhetim. Teve notoriedade como cronista mundano, concedendo ênfase literária à crônica, que algum tempo depois seria enriquecida por Rubem Braga.

Importa destacar, aliás, que a atmosfera Romântica (Romantismo) em que o jornal floresceu contribuiu para que as primeiras manifestações da crônica apresentassem um tom lírico. Mas o objetivo da época era claro: o entretenimento. Ressalte-se que o público feminino foi de grande importância na época para a conquista de mais leitores e para o progresso e refinamento da sociedade brasileira.

Nesse contexto, vale lembrar que os cronistas foram também os primeiros romancistas, já que o romance urbano ou de costumes foi fruto de um desenvolvimento natural das crônicas. Um dos mais destacados, *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, surgiu em terreno da crônica.

Após a revolução de João do Rio, foi preciso que viesse a Semana de Arte Moderna, em 1922, para que, com a inauguração do Modernismo, a crônica pudesse adquirir feição correspondente às solicitações e ao ritmo do momento.

Koschier (2005), por seu turno, em dissertação intitulada *Mata-me de prazer... A ironia verissiana em O clube dos anjos*, comenta que a mescla temática explicada historicamente, pelo fato de as crônicas terem sido publicadas no espaço destinado às variedades, por um lado, possibilitou a imersão de uma grande quantidade de escritores-cronistas, mas, por outro, pode auxiliar no fato de não apresentar uma definição mais consistente. Significativamente, vários dos que escreveram e escrevem crônicas em algum momento buscaram e buscam compreendê-la ou discuti-la, revelando, ao menos, certa inquietação com este gênero tradicionalmente classificado como “menor”. Tal fator não nos intriga tanto, já que não explica a vasta quantidade de leitores de crônicas, como de Luis Fernando Verissimo, por exemplo.

Conforme a acadêmica, fato a ser evidenciado é que um dos primeiros problemas com os quais se defronta o estudioso dos textos de Verissimo ou de outros escritores contemporâneos é o da definição de gênero. É tradicionalmente automático dividir a literatura em poesia, crônica, conto, ensaio, romance, e outros gêneros e afins, mas no que se refere a Verissimo, Caio Fernando Abreu, Sérgio Sant’Anna, dentre outros escritores, não é tão fácil atribuir-lhes um rótulo tão contundente, pois seus textos formam mosaicos, demonstrando estilos diversos e liberdade estrutural.

De qualquer modo, parece-nos que os leitores de Verissimo o buscam exatamente pelo ar de despojamento de sua escrita em vez de analisarem se o texto é realmente uma crônica ou se as características estão de acordo com as definições de alguns críticos. E menos ainda deixariam de ler uma crônica porque ela é ou foi considerada gênero menor em detrimento do romance, por exemplo. Dessa forma, estamos de acordo com a noção de crônica de Verissimo, que nos remete a outra consideração: Não existem gêneros menores. Há grandes e pequenos romancistas, grandes e pequenos poetas, grandes e pequenos contistas. Também há bons e maus cronistas (AMÂNCIO, 1991 *apud* KONZEN, 2002, p.43).

Diante disso, estamos certos de que a necessidade de legitimação do gênero permanece, mesmo depois de mais de 150 anos de presença nos veículos brasileiros. A crônica é, portanto, companheira de muitos leitores e consolidou, ao longo de sua história, a produção de vários escritores brasileiros.

Vale ressaltar, por fim, que as dificuldades apresentadas nas várias tentativas instáveis de se definir crônica, estão diretamente relacionadas com a própria instabilidade ao se definir literatura. Por isso o objetivo deste capítulo não é o de apresentar uma definição fechada da crônica, mas apresentar vários pontos de vista, ressaltando semelhanças e diferenças, até porque Luis Fernando Verissimo, escritor destacado neste trabalho, respondeu ao que é crônica da seguinte forma:

A melhor definição de crônica que conheço é: crônica é o que a gente quiser que ela seja. Pode ser um comentário, uma ficção, um exercício de estilo mais ou menos realista. O que define a crônica é o espaço que ela ocupa no jornal ou na revista. Dentro deste espaço o autor pode fazer o que quiser. Desde que não comece a delirar, claro⁵.

Além desse comentário, Verissimo aborda a mesma questão ao escrever a crônica intitulada: *Crônica e ovo*⁶. No texto, o autor comenta que a discussão sobre o que é crônica é tão antiga quanto a da genealogia da galinha. Assim, o escritor resalta que é o consumidor, ou melhor, o leitor é quem decidirá se o texto é bom ou não e se se trata de uma crônica ou não e depois disso é só saboreá-lo, ainda que no ato de criação do cronista seja necessário respeitar algumas convenções:

[...] Da mesma forma o escritor diante do papel em branco (ou, hoje em dia, da tela limpa do computador) não pode ficar se policiando para só ‘botar’ textos que se enquadrem em alguma definição técnica de ‘crônica’. O que aparecer é crônica. [...] O cronista também precisa respeitar certas convenções e limites mas está livre para produzir seus ovos em qualquer formato (VERISSIMO, 1996, p.3-4).

Sem ovos nem galinha e anterior a Verissimo, Vinicius de Moraes já fazia alguns apontamentos em suas crônicas sobre o ofício do cronista. Por meio de sua inconfundível arte, demonstra a difícil tarefa de escrever todo dia:

Coloque-se o leitor, o ingrato leitor, no papel do cronista. Dias há em que, positivamente, a crônica ‘não baixa’. O cronista levanta-se, senta-se, lava as mãos, levanta-se de novo, chega à janela, dá uma telefonada a um amigo, põe um disco na vitrola, relê crônicas passadas em busca de inspiração- e nada. [...] Aí então é que, ele se pega e diz: ‘Vamos,

⁵ A entrevista completa encontra-se no ANEXO 1.

⁶ VERISSIMO, L.F. *O nariz e outras crônicas*. São Paulo: Ática, 1996.

escreve ó mascarado! Escreve uma crônica sobre esta cadeira que está aí em tua frente! E que ela seja bem-feita e divirta os leitores' (MORAES, 1991, p.18).

Assim, compreende-se que há várias crônicas relatadas por escritores de renome demonstrando tanto a flexibilidades em seus pensamentos sobre a definição de crônica quanto à dificuldade em escrevê-la todo dia, isto é, em uma falta de assunto, que tal escrever sobre a própria crônica? Mas aos olhos de Verissimo, esse já foi tema de muitas crônicas.

1.2. MUDANÇAS DE SUPORTE: IMPLICAÇÃO NA LEITURA DA CRÔNICA?

No que diz respeito aos suportes da crônica, assim como o jornal, a crônica assume um caráter transitório, já que inicialmente dirigia-se a leitores apressados, que liam nos intervalos de sua vida diária. A pressa de escrever, como a de viver, faz com que o cronista tenha um ritmo ágil. Sua sintaxe lembra algo desestruturado, solto, mostrando que há uma maior proximidade entre as normas da língua escrita e da oralidade, sem perder de vista as artimanhas artísticas e o diálogo com o leitor. A saber, a crônica é uma junção do jornalismo e da literatura. Portanto, ela se dirige a uma classe de leitores que prefere o jornal em que ela é publicada e que mais tarde fará parte de uma coletânea organizada pelo cronista, uma espécie de “censura ou limitação”, pois a ideologia do veículo está ligada aos interesses dos leitores, direcionados pelos proprietários, editores ou chefes do periódico.

Conforme Candido (1984), pelo fato de a crônica ser veiculada por um meio transitório como o jornal, “o seu intuito não é o dos escritores que pensam em ‘ficar’, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade” (1984, p.15). Neste momento de transição, notamos que sua durabilidade foi mais superada, aliás, do que se esperava. Dialogando com Candido, Roncari (1985) reafirma que a crônica se mostra viva na brevidade dos jornais, porém, espera, sim, a passagem agitada e curta no livro que a lembre como ela foi um dia. Ainda que o cronista pense na reunião futura de seus textos em um livro, que a transformará em novo objeto, a crônica, de fato, foi pensada para o jornal. Desse modo, há uma garantia de permanência no mercado dos textos selecionados, apresentando uma nova forma material, que implica também uma nova significação, uma vez que este texto foi deslocado de seu lugar de origem.

Já a crônica publicada no livro, assume certa reelaboração à medida que é escolhida pelo autor, tornando-se mais duradoura, pois as que “envelhecem” ficam de lado e as

selecionadas, abordam, geralmente, temas universais. Nesse passo, quando a crônica passa do jornal para o livro, observa-se que sua transitoriedade foi superada e que ela se tornou eterna. Porém, Sá (1985) assinala que isso seria simplório demais, eliminando aquele ar de conversa fiada que a crônica apresenta.

Essa mudança também provoca outros direcionamentos aos leitores, enquanto o público do jornal é mais apressado e mais envolvido com a matéria, os leitores de livros são mais reflexivos e seletivos, ou, em alguns casos, os leitores são iguais, tendo prazer de ler tanto no jornal quanto no livro. É o que parece acontecer, a nosso ver, com os textos de Luis Fernando Verissimo, pois o prazer por sua leitura se apresenta tanto no jornal quanto nas crônicas reunidas em livros, coletâneas, antologias, provando, assim, que o escritor alcançou ambos os espaços em virtude da qualidade de sua escrita.

Por outro lado, Coutinho (1986) salienta que com as modificações que o vocábulo foi adquirindo, foi estabelecendo estreita ligação à ideia da imprensa periódica, pois nela revela-se o cronista. E é justamente devido à intimidade do gênero com seu veículo natural que críticos se recusam a ver a crônica como algo durável e permanente, considerando-a uma arte ou um gênero menor. Para Tristão de Athayde “uma crônica num livro é como um passarinho afogado” (COUTINHO, 1986, p.122). E para o próprio Verissimo,

Acho que como a crônica é um gênero perecível, o jornal, que também é perecível, é o seu veículo natural. Nos livros as crônicas não podem ser muito factuais, pois estas perdem o sentido muito rapidamente. Geralmente, para os livros, são selecionadas crônicas que abordam temas mais universais, que podem ser entendidos em qualquer contexto.

De qualquer modo, aceita ou não a permanência da crônica, é fato que a mesma só será considerada gênero literário quando apresentar qualidade literária, libertando-se de sua condição circunstancial pelo estilo e pela individualidade do autor.

Konzen (2002) nos lembra que um dos ingredientes fundamentais para a permanência da crônica pode estar na busca por transmitir ao texto qualidades que levem o leitor à reflexão. Contudo, isso foi muito “praticado” pelos cronistas do século XIX e, nesse sentido, o pesquisador nos instiga a pensar diante do seguinte questionamento: o que teria mudado na configuração da crônica a partir da segunda metade do século XX?

Do ponto de vista desse estudioso, não apenas a ordem da produção foi alterada, mas também a recepção destes textos, pois a crônica ganha adeptos com certa exclusividade com Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Carlos Heitor Cony, Luis Fernando Verissimo, entre outros. E esses textos passam a ser publicados com maior regularidade.

Mudanças na atitude do leitor diante do texto também são observadas, já que reunidas em antologias, possibilita-se a leitura de diversas crônicas de um mesmo autor ou até de autores diferentes (quando da reunião de diversos cronistas em uma mesma obra) levando a uma maior exclusividade de leitura. E um dos ganhos mais importantes é que a partir desse momento, a crônica não disputa mais espaço com as notícias do jornal devido à ampliação de seu espaço de divulgação, resultante do maior número de publicações em forma de livro.

Assim, outro aspecto importante do percurso da crônica brasileira refere-se às possibilidades de mudança de suporte ocorridas com essas narrativas nas últimas décadas, na medida em que vários escritores têm seus textos publicados não somente em periódicos, mas também a partir da reunião em antologias. Tendo como suporte o livro, esses textos procuram adquirir maior permanência, além de possibilitar maiores cuidados quando de sua avaliação crítica (KONZEN, 2002, p.37).

Nesse passo, é pertinente tecer alguns comentários sobre um suporte editorial brevemente mencionado neste trabalho, mas que merece destaque: a antologia. Para tanto, valemo-nos das ideias de Fraise (1997) que questiona em que medida um objeto editorial pode auxiliar na compreensão do literário. O objetivo de seu estudo é observar, ao longo dos tempos (no âmbito francês), de que forma a antologia constitui-se um foco de observação do literário e como sua evolução está diretamente ligada ao fazer sua reflexão sobre o grupo de textos, gêneros e seu modo de agenciamento e transmissão. Assim, o autor comenta que de uma antologia a outra, é comum que tais extratos possam ser idênticos ou semelhantes, pertencendo às mesmas obras ou que sejam oriundos dos mesmos autores. Concomitantemente, os procedimentos de seleção, extração, colagem e agrupamento acabam por originar uma forma e um contexto renovados. O mesmo ocorre com o conjunto de materiais escritos que a compõem, “prefácios, posfácios, notícias de apresentação e, naturalmente, ilustração, dimensão, aspecto exterior da antologia”, mostrando indícios de suas intenções e do público a que visa.

A partir da visão de Barthes, Fraise menciona a oposição entre obra e texto, sendo que a primeira “se tem na mão”, e o segundo, por sua vez, “na linguagem”. O estudioso

completa que há uma tendência de que o último seja posto em segundo plano. Roger Chartier (1996), em *Do livro à leitura*, ressalta dois dispositivos que muitas vezes se confundem. São eles: os procedimentos de produção textual e os de produção do livro. No que diz respeito ao primeiro há ‘senhas’ explícitas ou implícitas que o autor produz em sua obra com o fim de direcionar uma leitura correspondente, isto é, de acordo com sua intenção. Essas revelam dupla estratégia de escrita: inscrever no texto as convenções sociais ou literárias, que permitirão sua socialização, classificação e compreensão; assim, ao empregar técnicas narrativas ou poéticas, deverá produzir efeitos obrigatórios, o que pode garantir uma boa leitura.

Contudo, esses dispositivos se mesclam com outros de cunho tipográfico, relacionados com a disposição, a divisão do texto, sua tipografia, sua ilustração. E, dessa forma, esses elementos de produção do livro não pertencem à escrita, mas sim, à impressão que, por sua vez, não é decidida pelo autor, mas pelo editor-livreiro que, certamente, irá exercer influências no momento da leitura.

É preciso convir, pois, que há algum tempo, historiadores e sociólogos do livro e da literatura, têm buscado direcionar suas pesquisas no escrito e no impresso, em sua evolução, divisão, sociabilidade e difusão. Fraisse destaca a relevância desses estudos afirmando que a crítica sócio-histórica e sociobibliográfica contribuem para a definição do texto, bem como restituem a intenção do autor de inscrever nos dispositivos materiais.

Nesta linha, o autor cita Genette que, ao retomar estudos de Goodman, afirma que a reprodução de um mesmo texto, porém em contexto ou materiais diferentes, contribui para uma alteração paradoxal, pois, ao reproduzi-lo, o texto imediatamente torna-se outro, ainda que não haja mudança no que diz respeito à disposição textual. Ou seja, em uma antologia, quando um texto é selecionado e agrupado a outros, ele já sofre modificações, ainda que continue o mesmo.

E a antologia, por seu turno, abarca um conjunto do dispositivo editorial que deve ser levado em conta:

os fragmentos propostos, mas também o paratexto, que exercem um papel decisivo, o modo de reconhecimento dos textos, segundo a cronologia, os gêneros ou os temas e até as condições editoriais propriamente ditas, estatuto dos autores, orientações e prestígios dos editores, natureza e objetivos das coleções (FRAISSE, 1997, p.3).

O autor adverte para o fato de que a antologia impressa é, por si mesma, “difusão para um público convidado”, por sua vez, a selecionar seus textos conservados. Importante é salientar que a antologia apresenta uma tensão entre dois polos. Primeiro no que diz respeito à sua conservação, e segundo, à preservação, em ambos observa-se sua tendência de manifestação. De um lado, ela pode manter a tradição de um cânone literário, mostrando-se frequentemente através dos aspectos que o definem; nesse sentido, crê somente em preservá-lo.

A antologia propõe uma economia de leitura e economia na leitura, isto porque em um único processo, ela direciona ao ler menos, mas com o meio de ler mais. Como ele completa: “Ler menos, reduzindo uma obra a um fragmento suficiente, ler mais, remetendo à totalidade da obra” (FRAISSE, 1997, p. 4). Assim, implica duas formas de seleção: a que busca sugerir textos “representativos da produção da qual ela dá conta e o que visa arrumar esses textos significativos dentro da organização global do interior do livro” (FRAISSE, 1997, p. 4). Além disso, a antologia oscila entre generalizar e especializar, pois pode envolver a literatura, uma literatura nacional em conjunto, em um determinado aspecto, tema, período, ou de um único autor.

Outro fator citado pelo autor é a imprensa, pois seu principal efeito foi o de modificar tanto a quantidade de textos disponíveis como o número dos que têm acesso ao saber. Ainda que se assemelhem as várias formas e tentativas de antologias observáveis ao longo da história, elas se distinguem da antologia moderna, do modo pelo qual ela se desenvolve no século XIX. A antologia propõe um olhar histórico frente ao literário que pode modificar as condições no quadro escolar e também fora de seus limites.

Além disso, ela partilha traços essenciais com o conjunto das obras que tendem à reunião e à compilação; ela diferencia-se ainda por ser capaz de propor reflexões no que confere aos efeitos estéticos de tal organização de textos literários.

Para finalizar este tópico, o autor comenta que a antologia exerce um papel não só literário, mas também um ideológico. Assim, ao refletir e fixar cânones, necessariamente define e interpreta a literatura. Oriunda de uma leitura que se volta à “meditação”, oferece uma imagem paradoxal de “fixar um momento” e de “traduzir um movimento”. Ao mesmo tempo em que valoriza e preserva determinados textos, por ela também, ao selecionar estes, outros são colocados em segundo plano ou até apagados.

Por meio da apresentação dos pressupostos apresentados, observam-se, então, os processos paradoxais pelos quais a antologia transita – o de selecionar e o de excluir –, pois quando um texto é selecionado para este formato, sua construção não é modificada, no entanto, sofrerá alterações justamente por ter sido deslocado de seu lugar de origem. No caso de Verissimo, todos os seus textos publicados em livros, reunidos em uma antologia, foram, primeiramente publicados no jornal e depois selecionados de acordo com alguns aspectos especificados pelo editor. Como Verissimo completa: “Selecionam-se as (crônicas) que fazem sentido em qualquer tempo ou contexto. O que não impede que se façam textos políticos e pertinentes à atualidade”.

Olhar para a crônica, portanto, apresenta uma das possibilidades de rever o cânone literário, em função da condição marginal a que foi submetida ao longo do registro feito por historiadores e críticos literários. Contudo, há que se destacar que o “livro alarga consideravelmente o campo de divulgação, mas é enganoso supor que o livro é que dá qualificação definitiva a qualquer escrito” (COUTINHO, 1986, 135). Em suma, a relação entre crônica e livro não garante sua permanência nas reuniões em antologias. Sua permanência está inegavelmente ligada às suas qualidades literárias, que não se alteram na mudança de suporte.

1.3. LUIS FERNANDO VERISSIMO E SEU PAPEL NA CRÔNICA BRASILEIRA

Conforme estudos de Simon (2004), Luis Fernando Verissimo tem sido um fenômeno editorial brasileiro, sobretudo, a partir da década de 90, pois, além das crônicas publicadas em jornais, tem também grande reconhecimento em publicação de livros. Dentre outros exemplos, pode-se citar o caso do *Analista de Bagé*, que, publicado em 1981, após dois anos já se encontrava na 21ª edição. Ou ainda, quando foram lançados seus dois últimos livros de crônicas *O mundo é bárbaro* (2008) e *Mais comédias para ler na escola* (2008), estes ficaram dentre os mais vendidos durante um período de 4 (quatro) a 5 (cinco) meses no site da editora Objetiva, com a qual o autor teve contratação a partir de 2000. O último trabalho do escritor trata de um romance, *Os Espiões* (2009); após três anos sem lançar romances, em notícia de O

Globo⁷, o escritor gaúcho parodia uma trama de espionagem, um romance policial, e a crítica no ciberespaço comenta que a simplicidade enganadora de sua escrita permanece.

Filho do escritor Érico Verissimo, é jornalista e iniciou sua carreira no jornal *Zero Hora*, em Porto Alegre, em fins de 1966, trabalhando em diversas seções (redator, editor nacional e internacional). Além disso, foi tradutor no Rio de Janeiro durante um tempo. A partir de 1969, passou a escrever matéria assinada, quando substituiu outra coluna no *Zero Hora*. Em 1970, mudou-se para o jornal *Folha da Manhã*. Em 1973, o autor publica seu primeiro livro, intitulado *O popular* e traz uma antologia das suas crônicas publicadas diariamente através da imprensa; mas voltou ao antigo emprego em 1975 e passou a ser publicado no Rio de Janeiro também. O sucesso de sua coluna garantiu o lançamento, naquele ano, do livro *A Grande Mulher Nua*, uma coletânea de seus textos.

O escritor é criador de personagens famosos, como o detetive Ed Mort, que chega ao público em 1979, em *Ed Mort e outras histórias*. A partir do sucesso da personagem, surgiram algumas adaptações na televisão, no cinema e também nos quadrinhos. O detetive de Verissimo pode ser considerado uma paródia dos clássicos detetives particulares dos Estados Unidos, dentro dos padrões criados por Raymond Chandler e Dashiell Hammett, conforme estudos de Koschier (2005). Como se trata de uma paródia, o detetive encontra-se sempre em situações precárias: sem dinheiro, ora por não ter resolvido um caso, ora por não ter recebido o seu pagamento e, além disso, parece não ter muita sorte com as mulheres, como observamos no excerto:

Meu nome é Mort. Ed Mort. Sou detetive particular. Pelo menos isso é que está escrito numa plaqueta na minha porta. Estava sem trabalho há meses. Meu último caso tinha sido um flagrante de adultério. Fotografias e tudo. Quando não me pagaram, vendi as fotografias. Eu sou assim. Duro. Em todos os sentidos. O aluguel da minha sala- o apelido que eu dou para este cubículo que ocupo, entre uma escola de cabeleireiro e uma pastelaria em alguma galeria de Copacabana- estava atrasado. Meu 38 estava empenhado. Minha gata me deixava por um delegado. A sala estava cheia de baratas. E o pior é que se reuniam num canto para rir de mim. Mort. Ed Mort. Está na plaqueta (VERISSIMO, 1979, p.9).

Segundo Koschier, em 1981 Verissimo apresenta ao público aquele que auxiliará na popularização de sua escrita dentro e fora do país: *O analista de Bagé*, personagem que

⁷ Informação retirada do site: <http://oglobo.globo.com/cultura/mat/2009/12/10/luis-fernando-verissimo-lanca-os-espies-responde-perguntas-de-leitores-mande-sua-915140058.asp>.

explicita uma visão paródica por meio do paradoxo do homem rústico de uma tradicional cidade gaúcha, com uma profissão que exige muita sensibilidade.

Aqui fica claro um dos recursos primordiais da crônica de Luis Fernando Veríssimo – a criação de figuras que, reunidas em duas ou três características, representam satiricamente aspectos da realidade brasileira. Entre estes tipos o mais popular é o Analista de Bagé. Com seus métodos poucos ortodoxos (“a terapia do joelho”, por exemplo), suas concepções baseadas no senso comum, mantendo sempre uma visão bem humorada a respeito da alma humana, utilizando uma variante coloquial do linguajar gauchesco, o analista permite ironizar tanto a psicanálise quanto o bairrismo sul-rio-grandense (KOSCHIER, 2005, p. 21).

Como observamos no fragmento a seguir:

- Buenas. Vá entrando e se abanque, índio velho.
- O senhor quer que eu deite logo no divã?
- Bom, se o senhor quiser dançar uma marca, antes, esteja a gosto. Mas eu prefiro ver o vivente estendido e charlando que nem china da fronteira, pra não perder tempo nem dinheiro. [...]
- Pos desembucha.
- Antes, eu queria saber. O senhor é freudiano?
- Sou e sustento. Mais ortodoxo que reclame de xarope.
- Certo. Bem. Acho que o meu problema é com a minha mãe.
- Outro...
- Outro?
- Complexo de Édipo. Dá mais que pereba em moleque. [...] (VERISSIMO, 1981, p.8).

Já em 1982 conquista uma coluna na revista de circulação nacional *Veja*, o que contribuiu para que seu nome se tornasse conhecido em todo o país. A partir de então publicou textos curtos em vários jornais e revistas e produziu scripts para a televisão.

Na televisão, Verissimo criou quadros para programas na Rede Globo, como a série *Comédias da Vida Privada*, baseada em livro homônimo e veiculada pela mesma emissora. Além dessas produções, Verissimo tem textos de ficção e crônicas publicadas nas revistas *Playboy*, *Cláudia*, *Domingo* (do *Jornal do Brasil*), *Veja*, e nos jornais *Zero Hora*, *O Estado de São Paulo*, *Jornal do Brasil* e, a partir de junho de 2000, no jornal *O Globo*, fato que contribuiu para tornar o autor uma leitura assídua em todo o país. Seus textos já foram traduzidos em mais de 13 países⁸.

Por sua vasta obra, Verissimo recebeu várias premiações, dentre elas: Troféu Juca-Pato de Intelectual do Ano (1997), Prêmio da Crítica pelo programa *Comédias da Vida*

⁸ Dados da revista *Seleções*, junho de 2004.

Privada, da Rede Globo, (1995). Foi contemplado várias vezes pela Editora Abril obtendo o prêmio de melhor cronista de humor do país e ainda o Prêmio Isenção Jornalística; também foi premiado com a Medalha Chico Mendes, concedida pela organização Tortura Nunca Mais. E o mais recente deles, o prêmio recebido no dia 8 (oito) de julho de 2010, na Academia Mineira de Letras – o Prêmio Minas Gerais de Literatura, pelo conjunto de sua obra com mais de 60 livros publicados⁹.

Luis Fernando Verissimo é, pois, dono de um estilo versátil, fazendo com que seus textos se tornem um verdadeiro mosaico revestido de temas como política, economia, sexo, traição, futebol, conflito entre gerações e muitos outros. Sobre sua forma de narrar, Ana Maria Machado (2001) comenta que o domínio do gaúcho é magistral, especialmente por apresentar uma “economia” ao utilizar as palavras, pois, assim, nada sobra em seus textos.

O escritor modernizou a crônica nacional e o contato com a literatura de língua inglesa exerceu importante papel em sua escrita, principalmente no que se refere ao humor. Cabe ainda, destacar que seu estilo é leve, pois não apresenta um lirismo poético e humor exacerbado. Mas é fato que retrata a verdade por trás do riso e, certamente, este não é um riso simplesmente gratuito; ele apresenta um caráter fortemente reflexivo em seus textos, como nos mostra Bordini (1982):

Embora nem sempre seja um riso de prazer- pois as contradições do mundo, embaçadas nesses jogos de linguagem, são em geral dolorosas, pela verdade com que mostram nessas ficções possíveis, ou pela acuidade implacável do olhar do cronista, quando parte de uma situação real- é esse riso doce-amargo que define o humor e a arte de quem realiza. É um riso torto, de quem enxerga o que não vemos e se diverte com nossa cegueira. É um riso desconsolado, pois não acredita que possa mudar o que vê. É um riso debochado, pois não leva a sério a seriedade de suas vítimas. É um riso atrevido, pois não teme ridicularizar os valores sacralizados pela sociedade e pelas ideologias. É, enfim, um riso libertador, pois nos permite superar o peso das opressões diárias, bem ou mal percebidas, sejam elas físicas ou metafísicas, conforme assim as entendemos (BORDINI, 1982, p.105-6).

Além de uma busca por fatos atuais que dialogam diretamente com seu público e, como observamos nas pesquisas sobre o gênero, a crônica atual – sobretudo a de Verissimo – apresenta o inusitado como destaque. Seu intuito, a nosso ver, é buscar o diferente no comum,

⁹Os dados do último prêmio foram retirados do blog do Projeto de Pesquisa: Política e Literatura: o significado político-pedagógico da literatura e sua contribuição à formação acadêmica na perspectiva da emancipação humana. Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá.

no cotidiano. Isso é claramente notado em vários de seus textos, dentre eles, *O nariz*, na obra *O nariz e outras crônicas* (1996) que nos mostra uma trajetória de “derrota” na vida pessoal e profissional da protagonista por adotar um nariz de borracha com óculos como adorno diário. As entrelinhas do texto sugerem uma sociedade que valoriza o físico ao extremo e, por consequência, demonstra o rechaço do ser diferente diante das convenções pré-estabelecidas.

Esse instante de quebra de paradigmas abre caminho para o “absurdo”, ou seja, o que não se enquadra nesses padrões. Isto tudo revestido pelo humor, elemento fundamental no gênero como tal e em todas as crônicas do autor. No entanto, não se trata de uma jocosidade gratuita, como vimos nas palavras de Bordini, mas provoca e instiga, sobretudo, o caráter reflexivo. Caminha, portanto, por temas complexos e sérios, mas de um modo leve e humorístico, um meio muito eficaz em se tratando do alcance ideológico.

É por meio do trato com a linguagem que toda essa façanha se desenvolve. O autor promove um jogo entre a linguagem coloquial, que é comum no modernismo, e, no entanto, é possível encontrar vocábulos que nem sequer sabemos qual seja a significação, como no texto *Defenestração*, do livro *O analista de Bagé* (1981), que discute que algumas palavras apresentam significados incorretos, uma armadilha para o leitor menos avisado. E assim, o modo pelo qual o escritor se vale de seus artifícios suscita o riso.

Na obra *O riso* (1900), de Henri Bergson, relata ser o riso algo humano, insensível e social, marcando o conflito cômico como uma oposição entre dois elementos incongruentes. Assim, no pensamento lógico, as pessoas seguem regras dadas pela lógica, que são, por sua vez, representadas pelo habitual, isto é, o socialmente construído. Porém, no cômico, aquele que ri observa um evento associado com dois campos ou áreas incompatíveis. O que é motivo de riso refere-se a dois contextos que não se correspondem.

Propp (1976), por seu turno, complementa dizendo que a contradição cômica está, acima de tudo, na relação recíproca entre o sujeito que ri e o objeto do riso, que é explicado da seguinte forma: “Contradição suscitadora do riso é a contradição entre algo que, por um lado, encontra-se no sujeito que ri, no homem que dá risada e, por outro lado, naquilo que está em frente dele, no objeto do riso” (PROPP, 1976, p.176). E, ainda, o desvio das convenções é visto como defeito que também suscita o riso.

Em obras humorísticas de qualquer gênero, como é o caso de Verissimo, são ressaltados no homem aspectos que são objetos de zombaria também na vida. Mas cabe lembrar que nunca um ato ao extremo pode ser cômico, por exemplo, o caso da bebida e da

embriaguez – esta só é engraçada quando não é total e o mesmo podemos aplicar para questões que envolvam drogas, obesidade e outros assuntos.

Para este trabalho, importa salientar que não se trata de o cômico ser um gênero, pois sua presença ocorre nas várias manifestações literárias, como romance, conto, crônica, mas, sobretudo, na comédia. Podem ser usados ainda a paródia, a ironia, a sátira, dentre outras manifestações.

Diante dessas ponderações, a importância do cômico está, a nosso ver, na atitude de protesto contra algum tipo de falsidade vista diante de alguma manifestação ou evento que permita que o ser humano possa rir de todo e qualquer tipo de defeito, inclusive daqueles que correspondem ao próprio sujeito que ri. Enfim, o cômico, muitas vezes “ataca” algo que a sociedade convencionou como correto, o que nos dá a consciência de norma.

Já sobre o cômico, Fantinati (1996) afirma que este se baseia, de fato, num contraste, ou ainda num conflito diante de uma norma ou regra, assumindo configurações diferentes. Por exemplo, quando mencionamos em alguma situação que alguém é concomitantemente juiz e culpado ou alguém que prega algo, mas não o faz. A necessidade de uma convenção se faz necessária a partir do momento em que, se as pessoas que dela participam não tiverem concepções semelhantes, o riso não será suscitado.

Conforme Konzen (2002), a comicidade está entre as características constantes em suas narrativas – nas mais diversas formas. A leveza em abordar qualquer tema e a visão sólida diante dos fatos assinalam análises inteligentes e precisas do cotidiano: a arte desse escritor reside, sobretudo, na capacidade de captar cenas, insignificantes a um primeiro olhar, mas através de seus recursos é capaz de transformá-las em visíveis e risíveis.

A agilidade em observar e analisar a alma humana e suas (i)limitações, reveladas ao leitor de forma clara, pode tornar suas obras referências para o estudo de algumas questões ligadas ao contexto brasileiro das duas últimas décadas do século XX. Segundo Konzen, o texto é revestido de forma que o autor utiliza para conquistar seus públicos diversos de leitores por meio do uso da comicidade em suas narrativas e “por meio de recursos diversificados como a paródia, a ironia, o sarcasmo, a alegoria, o nonsense, a inversão de papéis, a transposição de situações, etc.” (KONZEN, 2002, p. 96). Como assinala:

Lançando mão desses recursos, o autor realiza um processo de desautomatização de estereótipos, desmistificando comportamentos alienados, compreendidos em sentido amplo. Além disso, pretende-se discutir as relações existentes entre esses artefatos

literários e outros textos a partir do conjunto de elementos presentes nas crônicas que apontam o modo como é construída a representação do cotidiano. Suas narrativas possuem uma composição que articula de forma constante vários planos- tais como o do conteúdo histórico e o da matéria ficcional- a partir dos quais se pode inventariar, problematizar e discutir questões relativas às fronteiras dos textos literários com outras produções artísticas (KONZEN, 2009, p.97).

Na *História do riso e do escárnio*, Minois (2003) considera que o riso está presente por toda parte no mundo: “do trocadinho grosseiro ao humor fino, passando pelo grotesco, pelo burlesco, pela ironia, pela zombaria, pelo sarcasmo” (MINOIS, 2003, p.78). O autor acrescenta a dificuldade e as controvérsias ao se definir o humor, ainda que a maioria dos estudiosos do assunto admita a existência de um espírito humorístico em Cícero, Horácio, Plauto, dentre outros. Ele cita Pierre Daninos, que apresenta uma das mais consistentes definições sobre humor:

É antes de tudo, em minha opinião, uma disposição de espírito que nos permite rir de tudo sob a máscara do sério. Tratar jocosamente coisas graves e gravemente coisa engraçadas, sem jamais se levar a sério, sempre foi próprio do humorista. Graças a isso ele pode, com frequência, dizer tudo, sem parecer tocá-lo (DANINOS, 1958 *apud* MINOIS, 2003, p.78-9).

O autor também aponta que uma das qualidades do humor é escapar de definições, revelando-se como um espírito que passa e que seu conteúdo pode ser variável. Buscando a origem do humor, coloca que este nasce com o primeiro homem, pois ao tomar distância de si mesmo, viu-se derrisório e incompreensível.

Outra grande qualidade do humor é sua universalidade, não adquirindo formas específicas a um povo, uma nação, uma religião, etc.. De fato, ele agrega-se em estruturas e culturas concretas, mas transcende sua origem, possibilitando ser apreciado por muitos.

Ao valer-se do humor como sexto sentido, que não é menos útil que os outros, indica que assim como os outros sentidos, o humor também adoece. “Ele pode ser míope, presbíope, daltônico; e ainda, há dias em que está ausente. Mas é raro que desapareça definitivamente” (MINOIS, 2003, p.80). Entretanto, inversamente aos outros sentidos, há possibilidades de melhorá-lo, expandi-lo, exercitá-lo, podendo melhorar, inclusive, quando a idade avança, mesmo que outras capacidades sejam enfraquecidas.

Assim, quando o próprio escritor é indagado sobre a função do humor em seus textos, de forma objetiva, comenta:

Escrever com humor, ou com leveza, é uma forma de manter o texto atraente, mesmo que se esteja escrevendo sobre um assunto sério. O importante é não ser empolado e manter o interesse do leitor.

Concluindo este capítulo, mas não encerrando o estudo, os elementos do gênero em questão apreciados no texto do escritor gaúcho tornam a leitura muito mais próxima de seus leitores e, desta forma, estes também podem ressignificar experiências já vividas em algum momento de suas vidas, através de uma linguagem semelhante à coloquial.

Concordamos, portanto, quando Candido salienta que este gênero textual é despretenso, insinuante e revelador, um verdadeiro prêmio para os leitores. É, por fim, breve e simples, mas ‘guarda’ em seu interior uma complexa profundidade, apesar de sua aparência de ‘conversa fiada’, nas palavras de Vinicius de Moraes.

No capítulo a seguir, trataremos da metodologia deste trabalho apresentando todas as etapas realizadas durante seu desenvolvimento.

2. O PERCURSO DA PESQUISA: ONDE ESTÃO OS LEITORES DE LUIS FERNANDO VERISSIMO?

A ciência não deve ser um agrupamento estático de teorias ou leis por uma série de razões. [...] Primeira. As ciências pretendem ser uma forma de conhecimento da realidade. Ora, tanto o mundo físico (o mundo dos organismos e dos fenômenos naturais; das rochas, dos metais e gases; dos planetas e dos átomos, dos sistemas estelares e dos microorganismos) quanto o mundo social (das organizações coletivas e processos humanos, das culturas e dos desejos individuais, do trabalho e das revoluções) estão em contínuo processo de transformação. A realidade não é estática, e, por isto, os conhecimentos sobre ela devem ser capazes de acompanhar, de refletir estas mudanças. [...]

Eduardo Augusto Tomanik¹⁰

Quando uma pesquisa científica é realizada há um percurso a ser trilhado para que aquilo que foi planejado anteriormente se torne concreto. Neste capítulo, apresentaremos o encaminhamento metodológico utilizado para a realização de nossas investigações e coleta de dados. Para tanto, utilizamos três tópicos na metodologia: a natureza da pesquisa, qualitativo-interpretativa e quantitativa; os instrumentos e a descrição dos três ambientes visitados por nós em busca dos leitores de Verissimo: as escolas, as comunidades do Orkut e as bancas de jornal e revista.

2.1. A NATUREZA DA PESQUISA

Esta etapa da pesquisa é de extrema importância, pois o papel da metodologia, conforme Tomanik (2004) é o de apresentar e avaliar a adequação dos procedimentos adotados pelos pesquisadores, observando desde a coerência destes procedimentos

¹⁰ TOMANIK, E. A. *O olhar no espelho: “conversas” sobre a pesquisa em Ciências Sociais*. 2.ed. rev. Maringá: Eduem, 2004.

relacionados aos conceitos teóricos, até o valor de ambos para a elaboração das conclusões pretendidas ou apresentadas (TOMANIK, 2004, p.184). Em outros termos, a metodologia serve não só para indicar os caminhos a serem seguidos pelos investigadores, mas também para avaliar se esses caminhos são os melhores para que os objetivos pretendidos sejam alcançados.

Em se tratando de pesquisa qualitativa, para Erickson (1988), o contexto da pesquisa se refere ao que as pessoas fazem, onde fazem, quando fazem e como fazem seus trabalhos, desempenham suas funções. Na sequência, um dos objetivos da pesquisa qualitativa é descrever e analisar parcial ou totalmente o que é uma cultura, quando é demonstrado seu cotidiano. O fim da investigação qualitativa, conseqüentemente, é chegar a representar e a interpretar a cultura e tal como é vista pelos participantes da mesma. A negociação para entrar no lugar que será investigado é de extrema importância para que não haja nenhum tipo de problema durante a realização da pesquisa, bem como a seleção do(s) contexto(s), as pessoas a serem observadas, entrevistadas ou aquelas que responderão a algum questionário.

Nesse método de pesquisa, a preocupação do investigador é com o significado, com a maneira própria que as pessoas veem a si mesmas, as suas experiências e o mundo que as cerca. Para o estudioso, tal procedimento é mais inclusivo e focaliza sua investigação para compreender o significado humano na vida social através da elucidação e da exposição por parte daqueles que realizam o trabalho.

Enquanto a pesquisa quantitativa preocupa-se apenas com os números para provar relações entre variáveis (não que essa não seja importante, e é, mas ela por si só não basta), a investigação qualitativa utiliza principalmente metodologias que possam criar dados descritivos que lhe permitirão observar o modo de pensar dos participantes numa investigação.

Lüdke & André (1986) complementam, por seu turno, com alguns passos relevantes para o desenvolvimento da pesquisa, como escolher o local a ser pesquisado; os contatos significativos para a realização da mesma; focalizar pontos relevantes com o fim de compreender e interpretar aquilo que se busca; e, por fim, fazer o agrupamento e a relação dos pontos em comum e averiguar as “descobertas” em um contexto mais amplo.

Já Martins (2004), em *A pesquisa qualitativa*, nos revela que na trajetória desenvolvida nas pesquisas das Ciências Humanas, o recurso básico e inicial é a descrição. Nesse sentido, o estudioso ressalta que o mérito principal de uma descrição não está apenas

em sua exatidão, mas sim na capacidade de criar uma reprodução clara e objetiva para quem irá ler a pesquisa.

Para Triviños (2007) a descrição também é essencial quando a pesquisa qualitativa tem a fenomenologia como apoio teórico. E como as descrições dos fenômenos revelam significados que o ambiente lhes transmite, e como as primeiras são produto de uma visão subjetiva, a expressão quantitativa, numérica, encontra-se em segundo plano. Desse modo, a interpretação dos resultados é constatada por meio da totalidade de uma especulação que tem como base a observação de um fenômeno no contexto. Assim, não é vazia, mas coerente, lógica e consistente. Dessa forma, os resultados podem ser expressos, por exemplo, em retratos (ou descrições), em narrativas, com declarações dos informantes, com fotografias e ainda outros recursos obtidos pelo investigador.

Outro elemento importante nesse tipo de pesquisa é o significado, preocupação essencial na abordagem qualitativa. Conforme o autor, uma das grandes postulações dessa é a atenção preferencial aos entrevistados e ao contexto em que os mesmos se encontram. A explicação para isto pode ser observada a seguir:

O enfoque fenomenológico privilegiou esta análise porque considerou que os significados que os sujeitos davam aos fenômenos dependiam essencialmente dos pressupostos culturais próprios do meio que alimentavam sua existência. Por isso, os investigadores dessa corrente aprofundam, especialmente através da entrevista semi-estruturada e da observação livre, o estudo do que pensavam os sujeitos sobre suas experiências, sua vida, seus projetos. Na busca do que estava aí, muitas vezes invisível, os pesquisadores procuravam detectar os significados que as pessoas davam aos fenômenos (TRIVIÑOS, 2007, p.130).

Em suma, o que notamos diante de todos os teóricos que abordam a pesquisa qualitativa como uma metodologia de investigação é a importância da descrição dos procedimentos para a própria divulgação do trabalho, a escolha do(s) local(is), do público a ser entrevistado, etc.. E, por fim, o significado de todos os dados coletados na análise final para observar se os objetivos foram alcançados ou não.

2.2. OS INSTRUMENTOS: O QUESTIONÁRIO E A ENTREVISTA

Segundo Triviños (2007), o pesquisador qualitativo, ao considerar a participação do sujeito como um dos elementos de seu trabalho científico necessita apoiar-se em técnicas e

métodos que reúnem e ressaltam características daqueles que fornecem as informações. Neste sentido, pode ser a entrevista semi-estruturada, a entrevista aberta ou livre, o questionário aberto, a observação livre, dentre outros. Nesta pesquisa, utilizamos um único questionário com perguntas fechadas e abertas e a entrevista semiestruturada os quais descreveremos a seguir.

Para o estudioso, o questionário fechado, de emprego usual no trabalho positivista, também pode ser utilizado na pesquisa qualitativa, pois, em alguns casos, o pesquisador desta linha de estudo necessita caracterizar um grupo tendo em vista seus traços gerais (profissão, nível de escolaridade, estado civil e outras informações, como se apresenta a primeira parte de nosso questionário).

No que confere ao perfil do questionário aplicado aos leitores de Luis Fernando Verissimo, este foi dividido em duas partes. A primeira consta de: *I. Identificação*, composta por 6 itens, em que tivemos o intuito de averiguar dados como nome (opcional), idade, sexo, profissão, escolaridade e o lugar onde o respondente reside. Já na segunda parte, intitulada: *II. Leitores e suas leituras*, composta por 10 itens através dos quais buscamos constatar o repertório de leitura de nossos respondentes, e se neste há o hábito da leitura da crônica.

De início, indagamos aos respondentes qual a frequência de leitura em diferentes suportes, como jornal, revista, livros e o acesso a sites e blogs, pedindo que os mesmos citassem os nomes dos livros, jornais, etc.. A seguir, questionamos se eles têm o hábito de ler crônicas e quais os cronistas preferidos. Por fim, elaboramos questões referentes à leitura de crônicas de Verissimo, por exemplo, como se deu o interesse pela leitura do autor; aspectos que mais agradam nos textos do escritor; se no ato da leitura há utilização de dicionário ou outras formas de pesquisas, se o respondente comenta os textos com alguém e ainda outras questões que podem ser observadas no APÊNDICE 1.

Por meio desse questionário, é possível constatar um fragmento da história de leitura dos respondentes, já que observamos os tipos de leituras que realizam, notadamente sobre a crônica, que fez e faz parte da vida leitora da maioria dos participantes. Além dos gostos e preferências, levamos em conta também, os meios sociais nos quais eles estão inseridos e o nível de escolaridade, componentes fundamentais que a Sociologia da Leitura nos apresenta.

Podemos notar, nesse sentido, que o questionário é, de fato, específico para aqueles que leem os textos de Verissimo, pois quem não o lê, poderia responder apenas as perguntas sobre o repertório de leitura individual, como ocorreu com os questionários respondidos por

estudantes que, em sua maioria, retornaram em branco ou com apenas a primeira parte respondida. O caso das escolas será explicitado e discutido mais adiante. Os demais questionários coletados por nós (dos leitores das bancas de jornal e das comunidades do Orkut destinadas ao escritor) todos foram devidamente respondidos. Cabe ressaltar, ainda, que alguns respondentes revelaram que nosso questionário era muito longo, contudo, participaram. Concordamos, propusemos, sim, muitas perguntas, porém, todas necessárias para as indagações da pesquisa e para que os objetivos fossem alcançados.

Já sobre a entrevista, foi realizada via e-mail com o escritor Luis Fernando Verissimo. O contato com o cronista foi importante no que diz respeito a vários questionamentos que abordam a crônica, como sobre a definição do gênero; sobre o público para o qual o escritor se direciona; a crônica em diferentes suportes: jornal e livro; qual a importância desse gênero para a formação de jovens leitores e outros elementos observados pelo escritor. As questões para a entrevista encontram-se no APÊNDICE 2.

Assim como em suas crônicas, o autor respondeu a nossa entrevista de modo muito objetivo e direto. Sua contribuição foi interessante para o fato de acrescentarmos seus comentários em conjunto ou em contraste com alguns estudiosos de nossa fundamentação teórica, mostrando também sua versatilidade ao tratar do gênero com o qual trabalha e todos os procedimentos até que esses textos cheguem às mãos do leitor.

2.3. OS RESPONDENTES E SEUS RESPECTIVOS CONTEXTOS: A ESCOLA, A BANCA E A COMUNIDADE DO ORKUT

Diante da grande quantidade de leitores de Luis Fernando Verissimo e, conseqüentemente, a quantidade de livros vendidos pelas editoras que os publicam, perguntamo-nos onde estão estes leitores com o intuito de traçar um perfil do público desse escritor. Nesse passo, a hipótese inicial de nossa pesquisa era a de que encontraríamos leitores do escritor em três ambientes, sendo estes: escolas; bancas de jornal e revista e comunidades do site de relacionamentos Orkut direcionadas ao autor.

O primeiro ambiente a ser apresentado por nós é o das escolas. A escolha desse público foi organizada da seguinte maneira: os estudantes deveriam estar cursando qualquer série do Ensino Médio (1ª, 2ª ou 3ª) e a faixa etária deveria variar entre 14 e 19 anos, de duas

escolas da cidade de Maringá¹¹, noroeste do Paraná, sendo uma instituição pública e uma particular. O total de estudantes respondentes foi de 10 em cada escola, perfazendo um total de 20 respondentes, sendo estes 10 meninos e 10 meninas, para que houvesse um equilíbrio tanto no que se refere à idade quanto em relação ao sexo.

Tendo em vista que nas duas primeiras escolas 90% da segunda parte dos questionários retornaram em branco, indicamos três justificativas possíveis: eles não leem Verissimo, muitos nem o conhecem e outros comentaram que não se lembravam, e não associavam o nome do autor com alguma obra, mas que poderiam ter lido.

Diante desses dados, buscamos mais quatro escolas, duas da rede estadual e duas da rede particular, sempre com o intuito de comparar os ambientes socioeconômicos do público. Contudo, o mesmo fato foi observado: a segunda parte do questionário em branco. Assim, os leitores de Luis Fernando Verissimo não estão no ambiente escolar, pelo menos não no recorte desta pesquisa: Maringá e as escolas selecionadas para observação e aplicação dos questionários. Certamente, não podemos afirmar que os jovens, de um modo geral, não o leiam, por isso a ênfase no recorte.

As escolas por nós visitadas da rede pública foram as seguintes: Colégio Estadual Presidente Kennedy; Colégio Estadual Dr. Gastão Vidigal, Instituto de Educação Estadual de Maringá e uma escola da cidade de Cianorte¹², o Colégio Estadual Dom Bosco – Ensino Fundamental e Médio; a primeira e a última são escolas consideradas de periferia, enquanto o Instituto é localizado em região central da cidade.

Já as escolas da rede particular de ensino foram: Colégio Platão, Colégio Sapiens e Colégio Adventista (Zona 04). Os contatos com os respondentes de todas as escolas ocorreram de diversas formas tais como: da nossa intervenção na escola em horário de intervalo e de saída; uma terceira pessoa (duas professoras conhecidas por nós) nos auxiliaram levando o questionário para as salas de aula em que atuam; e ainda por meio de nossos próprios alunos - curso de Inglês e Espanhol- na escola onde trabalhamos (CCAA), tendo em vista a grande quantidade de alunos tanto de colégios distintos quanto de um mesmo colégio. Essa variedade de estratégias se justifica, pois nosso objetivo não era saber se os estudantes

¹¹ Maringá é uma cidade média-grande, com uma população de quase 327 mil habitantes. É localizada na região Noroeste do Paraná e fica a 450 km de Curitiba.

¹² Cianorte também é localizada na região Noroeste do Paraná, tem uma população de aproximadamente 65 mil habitantes e fica a 510 km de Curitiba.

leem ou leram textos do autor em sala de aula, em aulas de Literatura ou Língua Portuguesa, mas se, de alguma forma, o escritor fez ou faz parte do repertório de leituras deles, independentemente da mediação dessa leitura.

Em conversas com esses jovens leitores – que não foram gravadas por nós, mas conforme algumas questões respondidas podem ser confirmadas – notamos que a maioria não conhece ou não ouviu falar do escritor ou alguns mencionavam que leram, talvez, alguma coisa, mas sem relacionar o nome do autor com títulos de livros que eles conhecem. A partir disso, perguntamos informalmente aos respondentes se gostavam de ler, e apontaram que suas leituras literárias apresentam sempre um objetivo. Ou seja, liam porque o professor pedia, e então eles nos revelaram que leem as obras exigidas pela grade da série escolar e as obras direcionadas para o vestibular. E, como os mesmos comentaram, é comum recorrer a resumos da internet para ter conhecimento do enredo da história, já que muitas vezes as leituras não são agradáveis.

Mas de um modo geral, esses estudantes são leitores, sim, ainda que não sejam leitores de Verissimo. Os respondentes tanto das escolas públicas quanto das particulares se mostraram leitores de jornais (locais, on-line, entre outros), revistas (Veja, Época, Caras, e outras). A maioria tem acesso à internet constantemente, seja em casa, em casa de familiares, “lan houses”; é, enfim, uma geração que nasceu na era virtual, por isso sua facilidade ao manusear computadores e outros aparelhos eletrônicos. Assim, acessam diversos sítios desde os de relacionamentos como Orkut, Twitter, Facebook, acessam e-mails, Messenger, e ainda outros portais aparecem em suas respostas como O Globo, Globo News, Youtube, Google, blogs, fotologs, dentre outros.

Os best-sellers também aparecem no repertório dos estudantes, dentre eles o campeão que conquistou o público adolescente da série *O Crepúsculo*, de Stephenie Meyer; *A menina que roubava livros* (Markus Zusak), as séries de *O Senhor dos Anéis* (J. R.R. Tolkien) e *Harry Potter* (J.K.Rowling), *Anjos e Demônios* (Dan Brown), além de outros que também aparecem entre os 5 (cinco) últimos livros lidos pelos estudantes.

A escola que nos surpreendeu, já que foi a última investigada, e diante de tantos questionários em branco, foi a escola pública de Cianorte: todos os adolescentes (10) nos responderam de forma positiva, ou seja, todos já leram algum texto do Verissimo.

Conforme os alunos, eles se lembravam de terem estudado textos do autor nas aulas de Literatura e muitas vezes leram livros por indicação da professora. A leitura de seus textos

não havia sido tão recentemente em relação ao mês que responderam ao questionário, mas eles mencionaram, por exemplo, os títulos de algumas crônicas e de alguns elementos textuais observados no momento da leitura. De acordo com suas respostas, os estudantes demonstraram que também conhecem outros cronistas como Fernando Sabino, Mário Prata, Walcyr Carrasco e aqueles que em algum momento de sua carreira também escreveram crônicas, como Carlos Drummond de Andrade e Machado de Assis.

No que confere às obras do autor lidas por eles, temos: *Comédias da vida privada*, *O analista de Bagé*, *Mais comédias para ler na escola*, *Comédias para se ler na escola*, *Ed Mort*, *Melhores comédias da vida privada* e alguns citaram também o nome de algumas crônicas. Os dois livros que mais apareceram nas respostas dos alunos foram: *Mais comédias para ler na escola* (2007) e *Comédias da vida privada* (1994), o primeiro refere-se a um dos mais recentes livros do autor e é uma seleção feita por Marisa Lajolo, destinada a estudantes. O segundo, por seu turno, é uma reunião de crônicas – um livro muito conhecido do autor que, inclusive, tornou-se um programa de TV com o mesmo título. De modo geral, notamos que aquilo que é marcante nos textos do autor, conforme os alunos apontaram, é o humor e “eles dão boas risadas quando o leem”. No capítulo 4 (quatro) analisaremos de modo mais específico as respostas dos jovens leitores.

Diante dessas constatações, acreditamos que ainda seja “difícil” inserir os estudantes no perfil de leitores de Verissimo, já que a bagagem dos alunos está sendo construída. Diferentemente desses, os demais estudantes não estudaram textos do autor em sala de aula ou não se lembravam, pois talvez não tenham sido “marcantes” para os mesmos. Enfim, não tiveram uma mediação da obra de Verissimo, e por si só, eles ainda não descobriram a escrita do autor. Já nos ambientes pesquisados a seguir, é possível inserir os dois grupos pesquisados em um perfil de quem lê a obra do escritor gaúcho.

O segundo ambiente no qual buscamos por leitores de Verissimo foi o espaço virtual, através de comunidades do site de relacionamentos Orkut, que apresentou um público muito variado de regiões do Brasil. Os leitores tiveram como fator comum: terem idade entre 20 e 30 anos e também serem de número equilibrado de ambos os sexos (homens e mulheres). Assim como em cada escola, a mesma quantidade de respondentes foi convidada a responder ao questionário, ou seja, um total de 10 (dez), sendo 5(cinco) homens e 5(cinco) mulheres. O contato com esses respondentes foi realizado de modo que, através do Orkut, nós participávamos de várias comunidades, conversando sobre Luis Fernando Verissimo e

criávamos fóruns, pois todos os integrantes poderiam observar nossa mensagem e, se houvesse interesse por parte dos mesmos, bastaria terem acesso ao nosso perfil e nos responder.

Nesse passo, ao elaborar os fóruns nas comunidades, deixávamos uma breve explicação sobre a pesquisa de mestrado relatando que necessitávamos de leitores de Verissimo, e, para nossa surpresa, o contato desses respondentes ocorreu de forma eficaz, além do previsto. Em torno de duas semanas, estávamos com os 10 (dez) questionários respondidos.

Após notar que os respondentes se interessavam em participar da pesquisa, pedíamos o e-mail do respondente e enviávamos o questionário que rapidamente retornava ao nosso e-mail. Em contrapartida, também é fato que algumas pessoas nunca nos devolveram o questionário, por isso calculamos um número maior de contatos, em torno de 25 pessoas, para que pudéssemos obter o número planejado. Outro recurso utilizado por nós para a comunicação com esses leitores, foi adicioná-los diretamente como “amigos” com uma breve explicação de nossa investigação e depois procedermos da mesma forma, enviando o questionário via e-mail. Sem dúvida, todos os questionários estão completos, salvo uma ou outra pergunta de cuja resposta o leitor não se lembrou para completá-la. Porém, certamente, os dados desse ambiente é uma parte muito interessante desta pesquisa e mostra sobretudo, como as pessoas estão cada vez mais ativas no ciberespaço.

Nesse aspecto, as comunidades são locais ricos para discussões sobre leitura, indicações de livros e há, ainda, enquetes e fóruns sobre o autor, suas obras e suas personagens, e não só sobre Verissimo, nesse site utilizado por nós há inúmeras comunidades de escritores da literatura mundial e para todos os gostos de leituras, desde Dan Brow até Machado de Assis.

Além das comunidades do Orkut, outro recurso foi utilizado por nós para encontrar leitores do escritor: o site de relacionamentos Skoob (O que você está lendo agora?). A pessoa que adentra este mundo é convidada a fazer sua estante virtual. Nela, há categorias dos livros que são organizados como: lidos, lendo, gostei, não gostei, abandonei, relendo, quero ler, tenho, comprei, emprestei, etc.. A partir disso, o participante adiciona seus livros por meio de um banco de dados do próprio site que imediatamente o leva ao livro e a uma breve resenha do mesmo.

Esse mesmo banco de dados apresenta a editora do livro e seus respectivos preços, o que não deixa de ser uma forma de circulação muito eficaz, além da troca de informações, pois os usuários compartilham o que estão lendo. Os leitores podem ainda fazer resenhas sobre o livro e atribuir notas. Quando este não é cadastrado, o que é raro, podemos fazê-lo preenchendo algumas informações como título, autor, edição, ISBN dentre outras e fazer uma resenha. Contudo, para nossa pesquisa, as comunidades do Orkut se mostraram mais eficazes para encontrar os leitores, já que essas são direcionadas ao autor, enquanto que o Skoob é muito abrangente.

Por último, o terceiro ambiente no qual buscamos leitores foi a banca de jornal e revista, tendo em vista que Verissimo escreve também para o jornal. Duas bancas foram frequentadas por nós, uma localizada em região central de Maringá, a Banca Esportiva, no quarteirão do estádio Willie Davids e outra em região periférica, Banca 13- Jornal & Cia, na avenida Morangueira da mesma cidade. A faixa etária dos respondentes deveria ser a partir de 31 anos e a mesma quantidade de leitores para cada banca, 10 (dez) leitores, 5 (cinco) homens e 5 (cinco) mulheres.

Diferentemente da busca por leitores na internet, que foi rápida, este momento pareceu-nos o mais longo de nossa pesquisa, pois, inicialmente, deixamos os questionários com os donos das bancas para que os clientes mais fiéis os respondessem. Porém, conforme os donos, os clientes, em geral, “vão com pressa” apenas comprar um jornal ou uma revista e seguem, por isso, ninguém respondeu ao questionário dessa forma. Diante desse fato, em torno de um mês, frequentamos as bancas aos domingos e às quintas-feiras de cada semana, pois são estes os dias que Verissimo escreve para *O Estado de São Paulo*. Outra dificuldade encontrada por nós nessa terceira etapa foi a pouca venda desse jornal, informada pelos donos das bancas, e não encontramos crônicas do escritor em outros jornais paranaenses que circulam em Maringá.

Em seguida, dirigimo-nos ao redor da Banca Esportiva, lugar de grande movimento, onde muitas pessoas caminham ao redor do estádio todos os dias e às quartas-feiras há uma feira. Assim sendo, muitos dos que frequentam a banca transitavam naquele momento e conseguimos, então, a quantidade necessária de questionários respondidos. A maioria dos respondentes frequenta a banca todas as semanas e o jornal mais lido por eles, como foi observado na outra banca também, sem dúvida, é *O Diário*, o que é natural, conforme os

leitores, pois mais importante para os mesmos é ler notícias locais, isto é, relacionadas ao mundo que os cercam.

Na Banca 13- Jornal & Cia, com a autorização do dono da banca, permanecemos algumas manhãs e quando aparecia um cliente, (a banca não era tão movimentada quanto à primeira) nós explicávamos sobre a nossa pesquisa e perguntávamos se poderia participar. Raras foram as vezes que alguém se negou a participar; de um modo geral, os leitores foram receptivos à nossa pesquisa.

Notamos que embora as bancas sejam situadas em lugares distintos, o público foi muito parecido no que diz respeito a sua diversidade, em ambas as bancas observamos professores, jornalistas, administradores, profissionais da saúde, etc.. Além disso, a maioria dos clientes com quem conversamos, relatou que são clientes “fiéis” de suas bancas, dificilmente se dirigem a outras, muitas vezes pela banca ser do bairro em que vivem ou pelo próprio gosto.

Na sequência, trataremos da fundamentação teórica que abrange as Teorias da leitura, ressaltando a Estética da Recepção e Sociologia da Leitura.

3. TEORIAS DA LEITURA

[...] - *Aqui está o Labirinto- disse indicando-me uma alta escrivantina laqueada.*

-Um labirinto de marfim!- exclamei-. Um labirinto mínimo...

Um labirinto de símbolos- corrigiu. Um invisível labirinto do tempo. A mim, bárbaro inglês, foi-me oferecido revelar esse mistério diáfano. Ao fim de mais de cem anos, os pormenores são irrecuperáveis, mas não é difícil conjecturar o que sucedeu. Ts'ui Pên teria dito uma vez: Retiro-me para escrever um livro. E outra: Retiro-me para construir um labirinto. Todos imaginarão duas obras; ninguém pensou que livro e labirinto eram um único objeto.

Jorge Luis Borges¹³

3.1. ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

Teresa Colomer (2003), em *A formação do leitor literário*¹⁴, apresenta a atual situação dos estudos de literatura infantil e juvenil, realizando uma análise das características dessas narrativas. Sua obra é dividida em dois momentos: no primeiro o enfoque é para o campo teórico: uma “evolução” dos estudos sobre a literatura infantil e juvenil. Já o segundo é dedicado à caracterização da narrativa para o público em questão na obra. Neste estudo, valemo-nos apenas da primeira parte da pesquisa da autora.

A estudiosa, ao acreditar na concepção de literatura como fenômeno comunicativo, também mostrou interesse por compreender o porquê de um texto ser considerado literário e, dessa forma, quais estratégias são relevantes para interpretar um texto. A teoria da recepção, presente na fundamentação de nosso trabalho, levou em consideração tais questões relacionando-as com a evolução dos estudos linguísticos do texto na Europa, cuja coerência é

¹³ Tradução de Carlos Nejar. Trecho original em *Ficciones*: (...) - Aquí está el Laberinto- dijo indicándome un alto escritorio laqueado.-¡Un laberinto de marfil!- exclamé-. Un laberinto mínimo...Un laberinto de simbolo-corrigió. Un invisible laberinto del tiempo. A mí, bárbaro inglés, me ha sido deparado revelar ese misterio diáfano. Al cabo de más de cien años, los pormenores son irrecuperables, pero no es difícil conjecturar lo que sucedió. Ts'ui Pên diría una vez: Me retiro a escribir un libro. Y otra: Me retiro a construir un laberinto. Todos imaginaron dos obras; nadie pensó que libro y laberinto eran un solo objeto (...) (BORGES, 2001, p.109).

¹⁴ Texto publicado originalmente em espanhol (1998) sob o título: *La formación del lector literario: narrativa infantil y juvenil actual*.

resultado das estratégias de leitura. A teoria recepcional acrescentou, aliás, que o texto “não é o único elemento do fenômeno literário, mas é também a recepção do leitor e que, por conseguinte, é preciso explicar o texto a partir dessa reação” (COLOMER, 2003, p.95).

Uma grande contribuição dessa teoria é o enfoque estabelecido a partir do leitor. Conforme Colomer, Iser (1976) acredita que o texto apresenta um efeito potencial e é atualizado por meio do “leitor implícito”, que não apresenta existência real, pois, com palavras de Iser: “ele materializa o conjunto das preorientações que um texto ficcional oferece, como condições de recepção a seus leitores possíveis. Em consequência, o leitor implícito, não se funda em um substrato empírico, mas sim na estrutura do texto.” (ISER, 1976, p. 73)

A pesquisadora prossegue citando que Eco parte do princípio de que a interpretação do texto é um ato subjetivo, livre de condicionantes textuais. Para ele, o texto está repleto de elementos não-ditos, e cabe ao leitor preenchê-los, porém, “o texto tem que ter previsto a interpretação do leitor através de seus próprios mecanismos de geração de sentido”.

Diante disso, podemos notar que houve uma expansão nos territórios da teoria literária, indo além de elementos como o próprio texto e o autor, muitos estudos colocaram em evidência um elemento que para nós é fundamental, mas que há muito tempo ficou esquecido: o leitor.

Posto isso, centraremos nossas discussões nas propostas de Hans Robert Jauss, bem como nas contribuições de Regina Zilberman e de outros estudiosos sobre o assunto. Em 1967, Jauss ministra a aula inaugural pública na Universidade de Constança, sob o título original de *O que é e com que fim se estuda a história da literatura?* Esta palestra, após a ampliação de suas teses, deu origem à obra *A história da literatura como provocação à teoria literária*¹⁵.

De acordo com Jauss (1967), nos últimos 150 anos, a história da disciplina em questão tem inequivocadamente caminhado para uma decadência, ressaltando, aliás, que nos cursos oferecidos pelas universidades alemãs aquela estava visivelmente desaparecendo. A preocupação deste pesquisador está em apresentar suas reflexões acerca dos métodos da história da literatura da época.

¹⁵ Texto publicado originalmente em alemão (1967), sob o título: *Literaturgeschichte als Provokation der Literaturwissenschaft*.

A crítica se faz a partir de dois modelos abordados pelo estudioso. No primeiro, a história da literatura, em sua forma mais habitual, costuma esquivar-se do perigo de uma enumeração cronológica dos fatos ordenando seu material segundo tendências gerais, gêneros, etc., abordando as obras individualmente em uma sequência cronológica. Já no segundo, o historiador da literatura ordena seu material de forma unilinear, seguindo a cronologia dos grandes autores e apreciando-os conforme o esquema vida e obra. Enquanto aquele se encontrava frequentemente nas literaturas modernas, este corresponde ao cânone dos autores da antiguidade clássica.

Nesse sentido, Jauss constatou que, a partir dos modelos existentes, não havia uma história da literatura que pudesse “unir” a historicidade das obras e suas qualidades estéticas. Deste modo, Jauss acredita que a qualidade e categoria de uma obra não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão-somente de seu posicionamento no contexto sucessório do desenvolvimento de um gênero, mas sim, dos critérios de recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade, critérios estes de mais difícil apreensão.

Na sequência, Jauss examina a filosofia da história do século XIX, buscando explicações para a decadência da história da literatura e as insatisfações deixadas pela mesma. Comenta ainda que o positivismo também exerceu influência sob a história da literatura a partir do princípio da explicação causal. O resultado disso foi que houve apenas relevância aos fatores determinantes externos, oferecendo-se importância demasiada também à investigação das fontes e “apagando” a propriedade específica das obras de arte. Por seu turno, o idealismo, bem como a estética de Croce decidiram suprimir a história.

Diante desse quadro, resultou um impasse entre a história e a estética, cuja presença de uma levava à ausência da outra. Tal situação perdurou nas correntes seguintes: “Da orientação definida pela escola positivista e pela idealista destacaram-se a sociologia da literatura e o método imanente, aprofundando ainda mais o abismo entre poesia e história” (JAUSS, 1994, p.14).

O marxismo e o formalismo também apresentaram dificuldades. A primeira corrente recebeu uma série de questionamentos por não conceber a história da arte como um processo independente e seus representantes afirmavam que a função da arte era meramente reprodutora. Os formalistas, por seu turno, buscavam a separação da literatura, ou seja, ela era considerada um objeto de estudo autônomo.

Ambas as escolas mencionadas privam a literatura da dimensão de sua recepção e de seu efeito. Tanto o método formalista quanto o marxista ignoram o leitor em seu legítimo papel, imprescindível tanto para o conhecimento estético quanto para o histórico: o papel do destinatário a quem, primordialmente, a obra literária visa (JAUSS, 1994, p.23).

Portanto, para Jauss, a relação entre literatura e leitor possui implicações tanto estéticas quanto históricas e à medida que se considera a dimensão da recepção e do efeito da literatura, reata-se a ligação entre a experiência passada e a experiência presente, a qual foi rompida pelo historicismo.

Nesse caminho, surge o seguinte questionamento: como se poderia hoje fundamentar metodologicamente e reescrever a história da literatura?

Zilberman (1989), por sua vez, pondera que na reestruturação da história da literatura, sob o ponto de vista de Jauss, é imprescindível que se leve em conta a recepção e o efeito da literatura. Apenas desta forma é possível abarcar dois aspectos fundamentais à história da literatura, dando conta da estética e do papel social da arte, já que ambas se consolidam por meio da relação obra - leitor. E ressalta:

A estética da recepção tem meios de resolver o problema, porque seu pressuposto é o de que ‘a vida histórica da obra literária não pode ser concebida sem a participação ativa de seu destinatário’(p.169). Com isto, recupera a historicidade da literatura, nascida de seus intercâmbios com o público; e chega a esse resultado por restabelecer a relação, rompida pelo historicismo, entre passado e o presente, condição imprescindível para a reconciliação entre os aspectos estético e histórico de um texto. Com tal propósito e a segurança de ter sanado as dificuldades da história da literatura, responsáveis por sua decadência, Jauss passa a enumerar seus princípios teóricos (ZILBERMAN, 1989, p.33).

Para tanto, Jauss formula suas sete teses para uma renovação da história da literatura. Em sua primeira tese, o estudioso evidencia que as estéticas tradicionais da produção e da representação sejam fundamentadas numa estética da recepção e do efeito. Isto é, Aguiar (1996) menciona que a historicidade da literatura dependerá da interação da obra literária com seus leitores, pois as diferentes atualizações realizadas pelo leitor no texto literário modificam-no. Sendo assim, é este processo de produção e recepção que determina a história da literatura e não o “rol elaborado depois de concluídos os eventos artísticos de um período” (ZILBERMAN, 1989, p.33). O fato de sempre haver atualizações nas obras literárias é o que possibilita que as mesmas permaneçam vivas.

Na segunda tese, Jauss ressalta a experiência estética do leitor, sendo esta o diálogo entre obra e leitor. O autor apresenta um conceito de grande valia para seus estudos, o conceito de horizonte de expectativa. Este é relevante para a análise da experiência literária do leitor (podendo ser um conhecimento prévio do gênero a ser lido, da forma e do tema de obras já conhecidas pelo leitor). Assim como em toda experiência real, na experiência literária também há um “saber prévio”, ainda que a obra seja desconhecida, pois:

(...) A obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de um maneira bastante definida. Ela desperta a lembrança do já lido, enseja logo de início expectativas quanto a ‘meio e fim’, conduz o leitor a determinada postura emocional e, com tudo isso, antecipa um horizonte geral da compreensão vinculada, ao qual se pode, então- e não antes disso-, colocar a questão acerca da subjetividade da interpretação e do gosto dos diversos leitores ou camadas de leitores (JAUSS, 1994, p.28).

Já na terceira tese, o autor considera que o horizonte de expectativa de uma obra pode ser reconstruído de forma objetiva, confirmando que o caráter artístico de uma obra pode ser medido. Para tanto, apresenta o conceito de distância estética:

O horizonte de expectativa de uma obra, que assim se pode reconstruir, torna possível determinar seu caráter artístico a partir do modo e do grau segundo o qual ela produz seu efeito sobre um suposto público. Denominando distância estética aquela que medeia entre o horizonte de expectativa preexistente e a aparição de uma nova obra – cuja acolhida, dando-se por intermédio da negação de experiências conhecidas ou da conscientização de outras, jamais expressas, pode ter por consequência uma “mudança de horizonte” - tal distância estética deixa-se objetivar historicamente no espectro das reações do público e do juízo da crítica (sucesso espontâneo, rejeição ou choque, casos isolados de aprovação, compreensão gradual ou tardia) (JAUSS, 1997, p.31).

Quanto maior for a distância estética entre a nova obra e a expectativa pelo público, exigindo deste novas percepções, eleva-se o seu valor artístico; assim, quanto maior a distância, mais perto do grau de “obra-prima” a obra alcança. Ao contrário, a redução desta, permanecendo as obras sem produzir mudanças de novos horizontes, aproximam-se da esfera da arte “culinária” ou ligeira. Isso acontece por já atender às expectativas arraigadas no público que delineiam uma tendência dominante do gosto, ou porque reproduzem o “belo usual”; podem até lançar problemas morais, mas já apresentam questões previamente decididas.

Na quarta tese, Jauss apresenta alguns princípios da hermenêutica literária e pelo sistema de pergunta–resposta examina, de forma mais completa, as relações entre o texto e a época de seu aparecimento. Para o autor, a importância da reconstrução do horizonte de expectativa referente à publicação de uma determinada obra, diz respeito à possibilidade de entendimento da pergunta a que ela serviu como resposta, como forma de resgate ao processo comunicativo na época em que surgiu. Essa reconstrução demonstra o modo de recepção da obra pelos receptores e, igualmente recupera a história da recepção, pois facilita a identificação de diferentes interpretações entre a expectativa passada e a presente, observando uma diversidade de leituras.

Nesse passo, a reconstituição do horizonte de expectativa é relevante, pois a possibilidade de distintas interpretações entre a recepção do passado e a atualização no presente (apresentando diferentes respostas às novas perguntas, em épocas distintas) é a marca de sua historicidade, isto é, de sua história atuante, em oposição à existência de um espírito de época uniforme. Assim, o modelo proposto por Jauss “liberta” a literatura do confinamento das obras de um determinado período.

Após as quatro teses explicitadas, Jauss direciona seu estudo para seu programa metodológico que examina a literatura sob três aspectos: referindo-se à recepção das obras no decorrer do tempo (diacrônico); referindo-se a um “recorte” no sistema de relações da literatura em uma determinada época (sincrônico) e, por último, observando a relação entre literatura e vida prática.

Na sexta tese, a historicidade da literatura revela-se justamente nos pontos de intersecção entre diacronia e sincronia; portanto, as obras devem ser lidas a partir de sua história de recepções, num movimento diacrônico articulando várias faces, inclusive a leitura no momento de seu surgimento.

A partir dessa perspectiva, ao abordar a experiência cotidiana dos leitores, Jauss visa a que a literatura seja pensada a partir de seus efeitos estéticos, e, além disso, a partir dos efeitos éticos, sociais, psicológicos que ela possa suscitar.

Para o mesmo estudioso, o processo hermenêutico é compreendido a partir de uma unidade de três momentos: da compreensão, da interpretação e da aplicação. O sujeito apropria os seus sentidos, compara-os à luz de seu conhecimento e “introjeta-os”, incorporando-os conforme suas possibilidades e necessidades. O nível reflexivo da

experiência estética propicia ao sujeito vivência e consciência, e o prazer é fruto da possibilidade de integrar a sua vida aos fatos dessa ação.

O prazer estético nasce, de fato, da compreensão do sujeito com respeito à prática que vive, envolvendo participação e aproximação. Na experiência estética, o leitor deleita-se com o objeto que está em contato no momento da leitura. Diante da obra, nota sua própria atividade criativa de recepção da vivência alheia. É a consciência desse processo que origina o prazer estético, mediante um equilíbrio de uma participação desinteressada e outra interessada. Em outras palavras,

para o sujeito a experiência estética consiste em sentir e saber que seu horizonte individual, moldado à luz da sociedade de seu tempo, mede-se com o horizonte da obra e que, desse seu encontro, lhe advém maior conhecimento do mundo e de si próprio (AGUIAR, 1996, p.29).

No texto com tradução de Lima (1979) em que Jauss aborda uma história do prazer estético, notamos que há três categorias fundamentais da fruição estética: *Poiesis*, *Aisthesis* e *Katharsis*. A experiência estética é composta por estas três atividades que não devem constituir uma camada hierárquica, mas sim, uma relação de funções autônomas, que não se subordinam umas às outras, mas é possível que estabeleçam relações de sequência.

A experiência estética seria, portanto, fruto do relacionamento de uma obra e do leitor, que é o aspecto fundamental da abordagem recepcional. É composta por três etapas que dialogam: a *Poiesis*, pois o recebedor participa da produção do texto, é uma espécie de co-autor da obra; a *Aisthesis*, é o momento em que se amplia o conhecimento de mundo que o destinatário possui, com a possibilidade de renovar a sua percepção não só na realidade externa, mas também na interna. A última, por seu turno, é a *Katharsis*, durante a qual ocorre o processo de identificação que afeta as possibilidades existenciais do leitor, isto é, a concretização de um processo de identificação que leva o receptor a assumir novos comportamentos sociais numa retomada de ideias expostas anteriormente. Nesse momento, são oferecidos tanto padrões de identificação quanto afetivos.

Cumprir destacar, por fim, que os pressupostos que orientam esse projeto implicam a sua permanente crítica e reformulação histórica. Regina Zilberman, por exemplo, refere-se à Estética da Recepção como um projeto abrangente e rico de intenções, mas não deixa de questionar suas falhas ao expor suas críticas. Antes de mais nada, ela questiona o conceito de

distância estética, alegando que Jauss reduz o valor da obra a “uma medida quantitativa e fixa” (ZILBERMAN, 1989, p.39). Também a noção de recepção e efeito estético passa por um olhar crítico, pois ora é entendida como um impacto da obra na sociedade e na história, ora como manifestação por parte do leitor. Por último, Zilberman aponta a experiência do leitor como insuficientemente descrita por uma teoria que reflete sobre o leitor e a experiência estética, a partir de noções tão vagas como horizonte de expectativa, por exemplo. O próprio Jauss submete suas teses a uma autocrítica, em *L'esthétique de la réception: une méthode partielle*, anexada como posfácio ao capítulo *De l'Iphigénie de Racine à celle de Goethe* (1975). A revisão das teses, uma década depois, aponta uma série de limitações do repertório original e representa uma significativa ampliação em relação a este.

Mas, a nosso ver, a figura em evidência neste trabalho □ o leitor – não é um elemento isolado, mas faz parte de um processo social abrangente. Pela experiência transmitida por meio da leitura literária, o receptor participa de um processo comunicativo em que a sua relação com a leitura possa transformar-se em motivação para transformar o seu próprio comportamento social. E cabe lembrar, ainda, que a Estética da Recepção preocupa-se mais com o texto e seus efeitos. É, portanto, intratextual, e em conjunto com a Sociologia da Leitura, que abordaremos a seguir, completa-se no processo literário, já que esta se ocupa notadamente com elementos extratextuais.

Assim, é como Silva (1986) nos revela:

A significação de um texto não se encerra nele mesmo. Não é prévia ao momento de sua leitura. Não se oferece fechada a um “bom entendedor”, capaz de decifrá-la. Ela se constitui no encontro do texto com o leitor e é, portanto, diferente a cada leitor. E a cada tempo histórico, porque autor e leitor têm sua dimensão social que invade o texto no momento da sua escritura e da sua leitura. Daí o texto arrastar consigo a história de suas leituras, das suas interpretações, renovada e alterada a cada novo leitor, a cada tempo. Daí a dialética da leitura (SILVA, 1986, p.59).

3.2. SOCIOLOGIA DA LEITURA

Por volta do final do século XIX, estudiosos e pesquisadores encontram uma relevante “aliada” para os estudos sobre o fenômeno literário: a Sociologia da leitura, que permite investigações em vasto campo, desde como se dá a produção de um livro até o momento de sua leitura, ou de seu consumo.

Conforme Aguiar (1996), a Sociologia da leitura é um segmento da Sociologia da literatura que tem o intuito de estudar o público como elemento atuante do processo literário, levando em consideração suas mudanças em relação às obras, que, por sua vez, alteram o curso da produção das mesmas. Desse modo, as pesquisas são sobre preferências do público, considerando os diversos segmentos sociais que podem interferir na formação do gosto e servem de mediadores de leitura, e ainda condições específicas dos consumidores conforme seu lugar social, cultural, etário, sexual, profissional, dentre outros.

A Sociologia da leitura compreende o literário em seu sentido mais amplo focalizando o terceiro elemento da comunicação □ o leitor □, mas levando em conta todos os aspectos externos que o envolvem. Nesse passo, Zilberman (2001) em *Fim dos livros fim dos leitores?* complementa as ideias de Aguiar, pois para a primeira, uma ciência da leitura, de cunho sociológico, é fruto de dois produtos. O primeiro sendo “o que leva em conta a história, buscando no passado a configuração e o fortalecimento de certas práticas”; e o segundo diz respeito ao presente, “para entender a que procedimento estão sendo conferidas relevância e difusão institucional” (ZILBERMAN, 2001, p.82). Dessa forma, na Sociologia da leitura:

Discutem-se, então, a função social do escritor, a história das obras junto aos diferentes públicos, as características definidoras da cultura popular e erudita, os processos de produção e popularização do livro, as políticas de leitura, o êxito dos autores e dos textos. Paralelamente, traçam-se histórias individuais e as práticas de leitura, recompõem-se o percurso do livro historicamente e as situações humanas em que ele é objeto de disputa, culto, censura, louvação, isto é, aquelas em que ele é o móvel da ação dos indivíduos (AGUIAR, 1996, p. 25).

Na obra de Hauser (1973), *Sociologia del arte*, há um volume tratando da importância do papel dos mediadores (sociologia do público) como o das bibliotecas, livrarias, escolas, igrejas e outros como um importante papel em manter a literatura e a arte vivas através dos tempos. Com isso, desenvolveu sua teoria da arte que relaciona as manifestações artísticas com os fenômenos socioeconômicos, revelando que há muito trabalho antes que os produtos culturais cheguem às mãos de seus receptores, da mesma forma como Aguiar nos apresentou. Assim:

Mas qualquer que seja a constituição de uma obra de arte, normalmente passa por muitas mãos antes de chegar do produtor ao consumidor. A sensibilidade e a capacidade associativa, o gosto e o juízo estético do público são influenciados por uma série de fatores, intérpretes e críticos, professores e especialistas, antes de se constituir em pautas mais ou menos obrigadas e critérios específicos para obras que ainda carecem de um selo

de qualidade, de um selo acadêmico, e problemáticas conforme a opinião pública. (HAUSER, 1973, p.551, tradução nossa)¹⁶.

Nessa perspectiva, em *Literatura e Sociedade*, Antonio Candido (1976) discute aspectos fundamentais que dizem respeito aos elementos de uma obra literária. Ele revela que estudos mais antigos pressupunham que o valor e o significado de uma obra dependiam, em primeiro lugar, de ela expressar ou não aspectos da realidade. Em seguida, o que era mais valorizado naquela obra eram suas operações formais, e não a matéria mesma, mas atualmente (ressaltando que a escrita do autor é datada da década de 60), as duas visões estão associadas, ou seja, texto e contexto, elementos internos e externos se combinam e apresentam uma relação dialética no processo interpretativo.

O autor ainda nos observa o fato de que mesmo que a crítica contemporânea valorize mais os aspectos formais, disciplinas como a Sociologia da literatura e a História Literária devem ser levadas em conta, e não menos empregadas, como relata no fragmento:

A crítica atual, por mais interessada que esteja nos aspectos formais, não pode dispensar nem menosprezar disciplinas independentes como a sociologia da literatura e a história literária sociologicamente orientada, bem como toda a gama de estudos aplicados à investigação de aspectos sociais das obras, - frequentemente com finalidade não literária (CANDIDO, 1976, p. 8).

Nesse sentido, podemos notar que o intuito do autor é focalizar aspectos sociais que abarcam a vida artística e literária em seus diversos momentos. Para tanto, o autor nos propõe uma reflexão sobre qual seria a influência que o meio social exerce sobre a arte e qual a influência que a obra de arte exerce sobre o meio.

No que se refere ao primeiro aspecto, há tendências da estética moderna que vem se empenhando em estudar como a obra de arte “molda” o meio, cria seu público. Nas palavras do estudioso, há duas respostas para a primeira pergunta. Uma estuda em que medida a arte é

¹⁶ Trecho original: Mas, cualquier que sea la constitución de una obra de arte, normalmente pasa por muchas manos antes de llegar del productor al consumidor. La sensibilidad y capacidad asociativa, el gusto y el juicio estético del público son influenciados por una larga serie de intermedios, intérpretes y críticos, maestros y expertos, antes de constituirse en pautas más o menos obligadas y criterios rectores para obras que todavía carecen de una asignación cualitativa, de un sello académico, y problemáticas según la opinión pública (HAUSER, 1973, p.551).

expressão da sociedade, enquanto a segunda, em que medida há interesse nos problemas sociais.

A ideia de que a arte exprime a sociedade não era tão evidente como é hoje. Este pensamento começou a aparecer no século XVIII e durante o século XIX não se falou muito nisso, exceto pelas inúmeras análises que buscavam explicar em que medida determinada forma de arte é correlata à realidade. A segunda tendência, por sua vez, analisa o conteúdo social das obras com base em motivos de ordem moral ou política e, assim, afirmando que a obra deve apresentar conteúdos desta natureza.

Conforme o autor, ambas as tendências atingiram êxito em conferir que a arte é social, podendo ser a ação de fatores do meio expresso na obra e também o efeito prático que produz nos indivíduos, e que esses repensem sua conduta e sua concepção de mundo ou reafirmando seus valores sociais.

Dessa forma, um dos objetos dessa tendência é investigar as influências exercidas pelos fatores socioculturais, sendo que, os mais importantes dizem respeito à estrutura social, aos valores e ideologias, que variam de acordo com os aspectos considerados na produção artística, e por último, as técnicas de comunicação.

Segundo Candido, tais fatores indicam alguns momentos dessa produção: o artista, por meio de uma necessidade interior, orienta-se conforme os padrões de sua época, elege determinados temas, utiliza certas formas e a produção age sobre o meio. Assim, a repercussão da obra não deve ser separada do momento em que ela foi feita, pois este é um processo de interação permanente. Portanto, destacamos que três fatores são indissolúveis no sistema literário: autor, obra e público. E a atuação dos fatores sociais vai variar de acordo com as obras. Assim, Candido revela:

Mas, penso, ter ficado claro que o estudo sociológico da arte, a florado aqui sobretudo através da literatura, se não se explica a essência do fenômeno artístico, ajuda a compreender a formação e o destino das obras; e nesse sentido, a própria criação (CANDIDO, 1976, p.39).

Anterior a Candido e em âmbito francês, Robert Escarpit (1974) também se ocupou de uma abordagem sociológica em seus estudos. Para ele, definir literatura é uma tarefa difícil, pois este termo é muito amplo, e, ao mesmo tempo incoerente. Ele menciona três disciplinas distintas que permitem o estudo da literatura; a primeira é a *teoria da literatura* que diz

respeito à sistematização de uma forma artística concebida de modo abstrato, isto é, fala-se de literatura como se fala de música ou de pintura.

Já a segunda, a *história da literatura*, é o estudo diacrônico de certo conjunto de fatos históricos de natureza variada, que ocupa um papel de destaque, porém, não exclusivo. E por último, a *crítica literária*, que é considerada um estudo analítico de determinada obra, a partir de um sistema de valores ou de certa visão histórica. Todas essas disciplinas são fundamentais para que se chegue a um conceito de literatura como seleção.

Apesar de o autor afirmar a existência do fenômeno literário, não existe, no entanto, um conjunto de elementos que seja capaz de definir o que é literatura. Platão, aliás, em notável obra - *A República* (Livro X) - expulsa os poetas da república, pois ele considerava a literatura impura, o que, por sua vez, é fruto da ambiguidade que essa arte expressa, mas que é necessária para que se compreenda a especificidade literária. Com o intuito de facilitar a compreensão do conceito de literatura, Escarpit recorre a outros estudiosos.

Ao se valer da terminologia de Sartre, Escarpit observa que a ambiguidade na literatura é coisa e significação. No gênero poesia, segundo ele, a coisa se sobrepõe à significação, sendo que a primeira diz respeito à parte estrutural do texto, enquanto a segunda faz menção ao “real”; ao contrário, na prosa, a significação é a mais ressaltada. Conforme Escarpit, a ambiguidade é vista como uma das especificidades do literário, ainda que a literatura não se reduza a signos, mas é composta também por todos os outros elementos externos à linguagem que constroem uma obra.

A literatura apresenta um código, uma escrita, ou seja, as letras ocupam determinada posição, os fonemas, as frases, enfim, cada elemento destes significa algo. Mas não é apenas isso. A combinação dessas partículas e de outros aspectos como o papel, a encadernação produz uma *supersignificação*, que seria outra especificidade da literatura. Escarpit comenta que Barthes, ao tratar desse termo, diz que o escritor □ criador de significações □ precisa ter domínio em sua capacidade de seleção nas diferentes situações com que se depara.

Já sob o ponto de vista de George Lukacs, segundo Escarpit, ele utilizou um método de análise literária, no caso específico da novela, estabelecendo um *paralelismo*, outra especificidade da literatura, dos valores implícitos que envolvem o herói e aqueles que se encontram à sua volta, isto é, um paralelismo entre o universo ficcional e a realidade.

Goldmann, a seu juízo, vai um pouco mais adiante que Lukacs. Propõe o método estruturalista-genético, que tem como hipótese fundamental que o caráter coletivo da obra seja

oriundo do fato de que as estruturas do universo da literatura são homólogas, ou seja, semelhantes às estruturas mentais de determinados grupos sociais. Assim, para este estudioso, a literatura é a transposição direta e implícita da vida econômica na vida literária.

Com base nestas constatações, importa salientar que os três pesquisadores mencionados por Escarpit apresentam um olhar sob o literário, a partir do ponto de vista da “feitura” do objeto literário, e parece não levarem em consideração aqueles que percebem tal fenômeno □ os leitores. Portanto, dialogando com Candido, Escarpit também afirma que a literatura é um processo permanente de interação entre autor (quem produz), obra (o objeto) e o leitor (receptor).

Com o surgimento da imprensa, por volta do século XVIII, houve uma aceleração na difusão do material escrito e o texto se transformou em objeto, com proprietário, preço e assinatura. Mas antes disso, havia uma grande valorização da oralidade: as pessoas se reuniam, contavam e ouviam histórias, inclusive os escritores quando iam apresentar suas obras, ou também no caso do teatro, cujo público assistia às peças, estimulado através da visão e da audição. No século XVIII, no período em que a burguesia ascendia, a literatura era para poucos, para intelectuais, de classe nobre e muitas vezes para homens.

Por essa razão, é oportuno mencionar que a história da leitura em geral mostra que a literatura era circulada em ambientes requintados e lida por determinado público, em sua maioria, por homens, nobres e brancos. Isto não significa que mulheres, crianças, negros ou pessoas de baixa renda não liam, mas o fato de um livro ser um objeto caro, dentre outros fatores, dificultava o acesso. A própria história do livro, conforme Manguel (1997), afirma que na iconografia cristã o livro pertencia, de forma tradicional, à figura masculina, aquele “em quem a palavra de Deus se fez carne”, mostrando assim, a forte simbologia que o livro carrega em sua representação.

Em *Fim dos livros, fim dos leitores?*, Regina Zilberman (2001) também apresenta um panorama sobre a história da leitura desde a Antiguidade, apresentando-nos um percurso da história da leitura dividida por períodos. Em suma, ela comenta que na Antiguidade Clássica, Platão proibia a entrada de poetas em sua República; na Idade Média, os livros eram vistos como um perigo e, por isso, o acesso era restrito aos religiosos; durante o século XVI, descobriu-se a tipografia e, em consequência, o livro se popularizou um pouco. Um marco nesse mesmo século foi a escrita da obra *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha*, por Miguel de Cervantes, cujo herói enlouquece de tantas leituras que fez.

Com a Revolução Industrial, tudo começou a ser produzido em grande quantidade, reduzindo o custo e facilitando “a integração ao cotidiano burguês, especialmente no contexto urbano” e a ascensão da burguesia, no século XVIII; e para tanto, a escola tornou-se indispensável. Diante desse quadro, a autora constata que:

Esses processos – aperfeiçoamento tecnológico dos métodos de impressão somado à escolarização da população urbana – desembocam no crescimento maciço do público leitor, que passou a dispor de variedade notável de formas de manifestação escrita. A sociedade se deparava com oferta múltipla de textos diferentes; a ficção, por sua vez, contava com consistente núcleo de interessados que cabia atrair e conquistar (ZILBERMAN, 2001, p. 32).

Darnton (1998), por seu turno, ocupou-se de uma literatura pouco conhecida, de difícil acesso, mas de grande circulação, no final do século XVIII. Eram os livros proibidos, sob a nomenclatura de filosóficos, que atacavam autoridades, a Igreja Católica ou que feriam a conduta moral. A partir de sua investigação, ele nos mostra diversas técnicas utilizadas pelos livreiros para “driblar” as fiscalizações e assim poder sustentar o comércio ilegal da época, tão lucrativo, por sinal. Elemento essencial na prática de contrabando eram os catálogos enviados, um contendo as obras permitidas, e outro, geralmente solto, com as obras filosóficas. O autor comenta que a prática do contrabando foi muito importante na história do livro, bem como todas as outras técnicas, como as de permuta, foram essenciais para a formação do mercado editorial como é conhecido hoje. E, além disso, as pessoas da época tinham fome de ler essa literatura proibida.

Fato importante a ser mencionado é que com a aceleração da imprensa, há uma popularização do objeto literário, para que este chegue às camadas mais baixas da sociedade. Mas a situação se agrava no momento em que outros veículos de comunicação surgem e, assim, vão contribuir para que se instaure uma cultura de massa, de indivíduos que não dialogam, tornando-se receptores passivos diante daquilo que lhes é passado.

Em se tratando da atualidade, a situação parece não ser tão distinta, em *Altas literaturas*, Leila Perrone- Moisés (1998) discute alguns aspectos sobre os rumos que a literatura está tomando e afirma que hoje o objetivo principal é responder ao mercado, ou seja, atingir o maior número de leitores possíveis. Desse modo, a cultura de massa está ganhando cada vez mais público, com seus produtos padronizados e muitos com baixa qualidade

estética. Hoje são valorizados a técnica do lucro e o objeto literário transformado em “mercadoria de grife na indústria cultural” (PERRONE-MOISÉS, 1998, p.206).

Em síntese, quando tratamos de leitura, não é possível que pensemos apenas no contato do receptor com o texto literário, é imprescindível nos lembrarmos também dos inúmeros elementos e aspectos que promoveram e propiciaram esta leitura. É por isso que Estética da Recepção e Sociologia da Leitura se completam, pois, enquanto a primeira se ocupa da relação texto-leitor (e vice-versa), a segunda, por sua vez, vale-se de aspectos externos que se agregam a esta relação para que o processo literário seja completo.

3.3. DIÁLOGOS E CONCEPÇÕES: LEITURA LITERÁRIA E LEITORES

Em *Como incentivar o hábito da leitura*, Bamberger (2004) apresenta de modo objetivo conclusões de pesquisas internacionais e trabalhos práticos realizados na área da leitura, mostrando um panorama do ensino desta matéria ao redor do mundo. O autor ressalta que a leitura é um dos ramos mais novos da ciência, e que o conjunto de pesquisas sobre a mesma projetou novos horizontes sobre seu significado, tanto no que confere às necessidades da sociedade, quanto às do indivíduo. “O direito de ler significa igualmente o de desenvolver as potencialidades intelectuais e espirituais, o de aprender e progredir” (BAMBERGER, 2004, p.10).

Para o estudioso, ler, em si mesmo, é um ato que contribui muito para o desenvolvimento do intelecto. No momento da leitura, há grande atividade cerebral e assim, há uma movimentação muito grande de células. Mas a leitura também apresenta alguns papéis na autoeducação, pois temos necessidade de satisfazer nossos interesses e aspirações individuais através das escolhas dos materiais de leitura. Assim, todo ser humano “pode ser ajudado” pela leitura a se desenvolver da melhor forma que puder, como acionar sua capacidade crítica e aprender a selecionar obras de boa qualidade estética ou, ainda, ter a curiosidade de experimentar outros tipos de leitura que lhe chamem a atenção.

Outra grande contribuição para os estudos sobre a leitura foi de Paulo Freire (2005) em *A importância do ato de ler*. Ainda que suas ideias tenham sido aplicadas especificamente para a Educação de Jovens e Adultos, a nosso ver, podem ser direcionadas para qualquer público. O escritor assinala que o ato de ler é um processo:

que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 2005, p.11).

O estudioso, portanto, retrata a grande importância de a leitura fazer sentido para nós. No que diz respeito ao contexto em que estamos inseridos, é, conforme Freire, um movimento necessário do mundo da palavra e vice-versa sendo que a palavra flui através de nossa leitura.

Endossando a proposta de Freire, Martins (2003) menciona que, para a leitura ser realizada, não basta apenas saber o significado das palavras, mas também a relação destas com as experiências vividas de cada indivíduo, implicando no universo social e cultural dos mesmos. Mais importante que decodificar é cultivar e exercer as práticas sociais que usam a leitura, pois podem desencadear o desenvolvimento de uma reflexão crítica sobre nossas visões de mundo, pois, parafraseando Martins (2003), ler é como viver, o homem se encontra num constante processo de “interação entre sensações, emoções e pensamentos” (MARTINS, 2003, p.81).

Assim como os estudiosos citados, Lajolo (1982) em *O texto não é pretexto*, também acredita que a leitura não se restringe à decifração e complementa:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir de um texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista (LAJOLO, 1982, p.59).

Segundo a autora, o texto não é pretexto para nada ou pelo menos não deve ser. Este existe somente na medida em que haja um elo entre dois sujeitos: aquele que produz e aquele que recebe. Ambos, escritor e leitor, unidos pelo ato solitário de ler. Para a estudiosa, a maturidade do leitor é construída ao longo de suas relações com muitos textos e que em cada nova aventura “desloca” e “altera” significados já lidos, construindo uma compreensão mais sólida do mundo ao seu redor.

Desvendando outras faces da leitura, em *Ler: uma operação de caça*, Certeau (1994) tece observações sobre as relações presentes na atividade da leitura. O pesquisador demonstra que leitura não é sinônimo de passividade e esta atividade é muito mais que mera submissão

ao produto cultural □ seja ele livro, obra de arte ou espetáculo □; que ler é, portanto, uma “viagem nômade”, é ler nosso passado e futuro nas entrelinhas daquilo que lemos no presente. O escritor faz ainda algumas considerações sobre sua insatisfação diante de uma sociedade estruturada por meio de papéis impostos e condicionados a nós, que também são vistos no ato da leitura, como relata:

A leitura fica de certo modo obliterada por uma relação de forças (entre mestres e alunos, ou entre produções e consumidores), das quais ela se torna o instrumento. A utilização do livro por pessoas privilegiadas o estabelece como um segredo do qual somente eles são os ‘verdadeiros’ intérpretes. Deste ponto de vista, o sentido ‘literal’ é o sinal e o efeito de um poder social, o texto se torna uma arma cultural, uma reserva de caça, o pretexto de uma lei que legitima, como ‘literal’, a interpretação de profissionais e de clérigos *socialmente* autorizados (CERTEAU, 1994, p.267).

Nesse passo, surge a figura do leitor, sem o qual nenhum processo mencionado poderia acontecer. São inúmeras as metáforas usadas pelos teóricos da leitura para definir o leitor. Para Certeau, o leitor é o “produtor de jardins que miniaturizam e congregam um mundo”, às vezes como o caçador na floresta, que vê o escrito na mira e vai buscando pistas; às vezes como jogador, deixando-se prender naquele escrito e se adentrando cada vez mais naquela ficção que ora se parece com a realidade.

Os leitores são viajantes de bosques, circulando em terras conhecidas e desconhecidas, “nômades caçando por conta própria” e tomando decisões pelos caminhos que passam. Assim, “a leitura não tem garantias contra o desgaste do tempo (a gente se esquece e esquece) [...] e cada um dos lugares por onde ela passa é repetição do paraíso perdido. A leitura não tem lugar nem tempo” (CERTEAU, 1994, p.270).

Por outro lado, em *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*, Lajolo (2001) faz alusão a um poema de João Cabral de Melo Neto e comenta que tal texto sugere uma bela concepção de leitura:

os galos que tecem a manhã evocam os leitores que tecem o significado dos textos com que se deparam ao longo da vida. *Tecendo a manhã* conota artesanato, solidariedade e diálogo, construindo uma metáfora que sublinha aspectos relevantes para uma reflexão sobre o papel da leitura numa sociedade democrática (LAJOLO, 2001, p.104).

Posto isso, a autora esclarece que o ato de tecer é uma prática ancestral de fiar, e de entrelaçar os fios nos tecidos, sendo a raiz da metáfora da leitura. Ao longo de sua história, a tecelagem se encontra hoje nas indústrias têxteis, e antes, o tecelão participava de apenas uma das etapas de produção, e dessa forma, há uma perda do sentido da totalidade “tanto do objeto que produz, como do processo pelo qual o objeto é produzido.”

E como a manhã, que no poema é realizada pelo entrelaçamento do canto de galos, da mesma forma a leitura □ especialmente a literária □ pode ser pensada como um tecido individual e coletivo ao mesmo tempo, pois o leitor, na sua individualidade, entrelaça o sentido pessoal de suas leituras com os outros sentidos que um mesmo texto já recebeu em sua história. Assim como o texto tem uma história, o leitor também tem a sua, mas de suas leituras; portanto, quando ele “entra” em um mundo de palavras novo, entrelaça seu significado em conjunto com os outros textos que já leu. Nesse momento, ele pode aceitar, recusar, discutir, enfim, dialogar com o texto. Assim, “o significado de um novo texto afasta, afeta e redimensiona o significado de todos os outros.”

Em *Práticas da leitura*, o texto de Jean Marie Goulemot (1996) retrata a leitura, seja ela qual for, como produção de sentido. Não é, pois, encontrar o sentido desejado por quem a produziu, como se houvesse um tipo de acordo cultural. “Ler é, portanto, constituir e não reconstituir um sentido.” A situação da leitura é, em decorrência disso, a revelação de uma das virtualidades significantes do texto (GOULEMOT, 1996, p.108). Para o autor, a leitura é virtual até o momento em que o leitor entra em contato com ela e então suas atualizações se iniciam. E o texto literário, para o estudioso é polissêmico, promovendo um processo de troca entre leitor e texto e texto e leitor.

Com certa afinidade com Lajolo, ao relatar que ao ler o leitor traz consigo sua história de leituras, o pesquisador ressalta que ler é sempre “fazer emergir a biblioteca vivida, quer dizer a memória de leituras anteriores e de dados culturais. É raro que leiamos o desconhecido” (GOULEMOT, 1996, p.113). Ler é, portanto, “fazer-se ler e dar-se a ler.” Em outras palavras, é dar um sentido, é falar de algo que, provavelmente, não possa ser relatado de outra forma. E, em cada releitura, outros sentidos se revelam e o mesmo texto torna-se outro.

Michèle Petit (2008) também se vale do diálogo entre leitor e texto. Assim como observamos nos estudos de Certeau e outros teóricos, o leitor não é passivo, mas “opera” na

produção do trabalho, ele reescreve. Ele é livre, pode alterar o sentido, distorcer, voltar ao sentido primeiro e assim por diante.

Para a autora, o espaço íntimo que a leitura nos abre não é apenas uma ilusão ou uma válvula de escape. Pode ser sim, quando nos consolamos diante de algum fato, das desilusões amorosas e das histórias de outrem. Porém, mais importante que isso é a fuga para um lugar em que não se depende dos outros. Dá-nos a ideia de que há, sim, uma alternativa, quando pensamos que não há mais. “Esse espaço íntimo é muito povoado: passam por ali fragmentos de frases, escritas ou ditas por outros, que juntamos e que revelam essa parte oculta de nós mesmos” (PETIT, 2008, p.40).

Além desse aspecto, Petit apresenta que para o público por ela entrevistado, a experiência da leitura nos convida a outros modos de vínculo social. Permite-nos compartilhar, socializar e conhecer a experiência de pessoas “daqui” e de outros lugares, do presente e do passado e pode ainda nos ensinar muito sobre nós mesmos: o que outrora estava guardado em nós se revelou por meio da leitura. “É uma promessa de não pertencer somente a um pequeno círculo.” Com isso conclui:

Não é que ler torne a pessoa mais virtuosa, não sejamos ingênuos: sabemos o quanto a história é rica em tiranos ou perversos letrados. Mas ler pode fazer com que a pessoa se torne um pouco mais rebelde e dar-lhe a ideia de que é possível sair do caminho que tinham traçado para ela, escolher sua própria estrada, sua própria maneira de dizer, ter direito a tomar decisões e participar de um futuro compartilhado, em vez de sempre se submeter aos outros (PETIT, 2008, p. 100).

Como este trabalho aborda notadamente a leitura literária, Lajolo (2001) nos lembra que a literatura é modalidade privilegiada de leitura, e, sendo assim, cumpre destacar que há outras, e, aliás, são de grande circulação social, mais que a primeira. E são, inegavelmente, importantes para que os leitores as desfrutem, mas que não substituem a leitura literária, que é fundamental.

Conforme a autora, por meio da leitura literária, confiam-se diferentes imaginários, sensibilidades, valores e comportamentos por meio dos quais uma sociedade expressa e discute tudo o que é ou o que quer ser. Por esse motivo é que a autora ressalta a importância da literatura no ambiente escolar: os estudantes necessitam se apossar da leitura para se tornarem competentes diante da linguagem literária, auxiliando no exercício pleno de sua cidadania.

Zilberman (2001) completa a ideia de Lajolo comentando que ao capacitar as pessoas a pensar e agir com liberdade, mesmo com a mediação da fantasia e do imaginário, ler é sinal de perigo para sociedades autoritárias. Por isso, ainda hoje há quem veja a leitura, em especial a literária, sob vários rótulos “negativos”.

No entanto, Zilberman destaca uma propriedade importante da leitura: o estímulo do imaginário, “para procurar entender que processo é esse que, indiretamente, realiza o desejo de viagem e conhecimento internalizado pelo ser humano” (ZILBERMAN, 2001, p.50). Aqui cabe, pois, mencionar Eco (2001) quando nos mostra que qualquer narrativa de ficção é necessária e rápida, pois não é possível abarcar e incluir tudo sobre esse mundo. E este texto pede, portanto, que o leitor preencha as lacunas nele presentes, porque todo texto é uma “máquina preguiçosa” pedindo auxílio ao leitor. Um texto jamais teria fim se apresentasse tudo o que o leitor devesse compreender.

E para nos falar da imersão do leitor no texto literário, Eco retoma a metáfora de Borges, cujo texto é um jardim de caminhos que se bifurcam e que o leitor, uma vez dentro, necessita optar todo o tempo qual caminho seguirá. Ora o narrador nos deixa livre para imaginarmos a continuação da história, ora nos perdemos por causa de escolhas equivocadas.

Nessa linha, Iser (1976) considera que o texto literário é uma figura fictícia: ele carece de aspectos necessários do real e também não se esgota na denotação de objetivos empiricamente dados. Contudo, a ficção não é realidade não porque carece de atributos reais, mas, sobretudo, porque tem a capacidade de organizar a realidade em forma de comunicação.

Como resultado, a ficção sempre nos comunica de algum modo algo da realidade, o que está contido na primeira tem relação com a segunda. Tomando a ficção como processo comunicativo, evidenciamos seus efeitos e não apenas sua significação. E para finalizar este tópico, encerramos com uma citação de Silva que sintetiza nossa discussão:

A leitura é uma ação, um trabalho do leitor no texto. Que sem dúvidas envolve a recuperação da lógica posta pelo seu autor, da história contada, do argumento alinhavado, da idéia defendida, mas que não pára aí. O leitor lê mais do que isso. Lê também o modo pelo qual essas idéias se produziram e aí lê o texto na sua relação com o autor, com a história. Nesse mergulho o leitor traz para o texto outros textos, outras histórias, que nele estão escondidas. Faz o vaivém entre a sua vida e a vida contada no texto, a sua interpretação e a interpretação já sancionada para o texto (SILVA, 1986, p.59).

3.4. DIFERENTES FACES: A LEITURA EM NOVOS SUPORTES

Conforme Coracini (2005), estamos imersos em uma era eletrônica, de novas tecnologias, e com ela novos modos de penetrar no mundo da leitura, como por exemplo, em meio aos hipertextos. Na tela do computador, o hipertexto proporciona a relação de um primeiro texto com outros textos que vão surgindo através de um clique sobre uma palavra. Essas relações dos textos podem ser de naturezas diversas, como dicionários, leituras de rodapés, checagem de bibliografia, dentre outras, basta clicar na palavra e ler. E assim se constitui toda uma rede hipertextual.

Há muita controvérsia sobre este tema, relativamente novo, mas alguns pesquisadores acreditam que a principal característica desta “nova” atividade é a interatividade do leitor com a máquina e o texto. E neste sentido, há intervenção humana, desde, por exemplo, rever o documento desejado, congelá-lo, fazer escolhas, propor respostas, discussões e uma série de outras ações que se modificam a cada dia.

Dessa forma, podemos notar a incompletude e fragmentação do hipertexto que nos permite a transformação do texto, bem como combinar textos constituindo outros novos. Para a autora, a função do leitor continua a mesma, contudo, ela aponta algumas modificações:

O que muda, parece-me, é a relação do sujeito com o texto, seja na atividade de produção (escrita, pictórica ou outra), seja na atividade de leitura (de compreensão, de observação). O desaparecimento do objeto manipulável, a perda da materialidade do livro, a privação da percepção de nossa posição de leitor com relação ao documento, os gestos □ físicos □ que substituem outros gestos, menos visíveis, menos palpáveis, menos concretos do leitor convencional □ como ocorre com os meios eletrônicos, virtuais □ modifica, certamente, a relação do sujeito com o texto e tira dele a possibilidade de abrir um livro e ler em qualquer lugar, a qualquer momento (CORACINE, 2005, p.35).

Em *O verbal e o não-verbal*, Aguiar (2004) aponta que, por volta da segunda metade do século XX, a produção de novas tecnologias e a socialização das mesmas começou a eclodir. A concepção e o uso do computador □ que é a máquina mais popular hoje, levando em consideração outros aparelhos eletrônicos, que se valem das linguagens verbal, visual e cinestésica □ faz-nos pensar que essa tecnologia vai ocupar cada vez mais lugar na vida contemporânea, seja nos modos de ler e se comunicar, seja na cultura livresca que vem acontecendo de forma rápida.

Assim como outros estudiosos do livro, Aguiar comenta que com o manejo do computador, as práticas apoiadas no impresso tendem a desaparecer, pois o que temos diante

de nós é uma tela sobre a qual o texto eletrônico está exposto para a leitura, e com o controle do mouse ou de algumas teclas movimentamos o texto.

Diante dele, o sujeito cria seu próprio texto, porque pode abrir páginas novas com um mágico clicar e ir estabelecendo uma tessitura combinada segundo seus interesses, sendo possível a cópia de fragmentos que, colados, dão origem a um novo texto. O que ele tem diante de si é um novo mar de opções simultâneas que o conduz a uma leitura globalizada e dinâmica, em busca da inscrição que pode levá-lo a seu foco de interesse. Em outras palavras, nesse momento a leitura linear e contínua é impossível. A seguir, diante de um texto de fôlego, lê as páginas consecutivas, quase como um leitor de um livro. Não pode, é claro, escrever nas margens, sublinhar, riscar, mas a grosso modo, ele é, ao mesmo tempo, os dois tipos de leitor, o tradicional e o informatizado (AGUIAR, 2004, p.95-6).

Ao passo que com o material impresso o leitor tem um contato mais direto, no computador, diante da mediação do teclado e do mouse há um afastamento entre autor, leitor e texto. A nova posição de leitura é, pois, diferente, tanto no sentido intelectual como no físico. Por outro lado, o meio informatizado produz uma síntese: todas as funções que são especializadas na cultura livresca estariam juntas no mundo computadorizado, e, assim, tudo seria responsabilidade de uma só pessoa.

Para Aguiar, por causa do direito de interferência nos textos e as possibilidades de participação do leitor, as noções de texto e autor podem ser confundidas, promovendo alterações no sentido dos textos com relação aos originais.

Mas concordamos com a autora no sentido de que os dois suportes podem e devem existir simultaneamente e que a existência de um não anula a do outro, enquanto algumas pessoas preferem uma leitura “virtual”, outros optam pelo contato físico com o livro.

Por seu turno, Ana Maria Machado (1999) comenta alguns ganhos sobre as novas tecnologias para o indivíduo. Considera como positivo “um aumento da perspectiva global”, levando em conta a complexidade das inter-relações, a expansão da capacidade dos neurônios, diante de uma imensa quantidade de estímulos e informações e a possibilidade de compreensão de situações que envolvem preconceitos, notando assim, uma maior tolerância com o outro e com o aquilo que é novo. Por outro lado, há perdas também, como promover a fragmentação do tempo, o que possivelmente afeta a experiência da duração e da profundidade e uma redução quando tratamos de concentração e uma impaciência por causa de procuras prolongadas (MACHADO, 1999, p.115).

Apesar de alguns problemas, assim como Aguiar, Machado acredita na sobrevivência do livro:

embora admita que ele possa até mudar de forma e de suporte, porque acredito no poder criador do homem manifestado através da palavra. E na sua permanência através da escrita. E acredito num leitor que vai continuar lendo, um leitor que existe há séculos, sendo atraído para os livros por uma curiosidade irresistível, pela paixão do mistério e da comunhão (MACHADO, 1999, p.121).

Na obra *A aventura do livro: do leitor ao navegador*, Chartier (1999), promovendo um retorno à história, acrescenta que houve uma crise do livro ligada à superprodução, desde a segunda revolução industrial do livro, no século XIX, a dos anos 1860-1870, “quando se abandona a composição de Gutenberg para passar à era do monotipo e depois à da linotipo”. Assim, o aumento das tiragens e da produção impressa, sem falar da produção do jornal e a multiplicação dos periódicos e revistas, acompanham esta mutação técnica. Em torno de 1910 surge mais claramente a questão de uma crise de superprodução, pois havia livro demais para um número de leitores bem menor. E isso é visto hoje em dia, certamente a quantidade de artigos, dissertações, teses, livros e qualquer outro material impresso produzido atualmente é superior ao número de quem lerá.

Diante desse quadro, mais uma vez a solução foi direcionada para o ciberespaço. A partir do momento em que qualquer material foi transformado em livro, seja ele revista ou periódico e ele foi propagado na rede, parece que não é mais necessária sua existência como objeto físico. Em outra obra, *Os desafios da escrita*, Chartier (2002) levanta a hipótese de morte do leitor e desaparecimento da leitura como consequência da civilização da tela e da comunicação eletrônica.

Há muita preocupação por parte dos historiadores do livro, pois, quando se muda o suporte, muda-se a leitura, ainda que o texto seja o mesmo. O sentido construído pelo leitor irá depender de todos os elementos que estão presentes no próprio texto e ainda do conjunto dos textos reunidos em um único número e do projeto completo da revista ou do jornal.

Nesse passo, o autor observa o fato de que, para todos os textos que não sejam oriundos das telas, precisamos “preservar as próprias condições de sua inteligibilidade, conservando os objetos que os transmitiram”. A biblioteca eletrônica é uma promessa do futuro, que já está acontecendo, e a biblioteca material, tem o seu futuro necessário também,

para preservar todas as formas de cultura impressa que possuir. Por fim, segundo o autor, a chamada “revolução eletrônica” pode aprofundar, e não reduzir as desigualdades.

Posto isso, acreditamos que mesmo com o surgimento de novos suportes de leitura, como o ciberespaço e seus incontáveis sites, ainda haverá o leitor que prefira manusear um livro ou comprá-lo, mas que ao mesmo tempo queira ler um noticiário on line. Desse modo, o novo, para nós, surge sempre como possibilidades, e não como ameaça de desaparecimento das formas primeiras.

O próximo capítulo retrata a descrição e análise dos questionários respondidos pelos entrevistados desta pesquisa.

4. ENTRE LEITORES E NÃO-LEITORES DE VERISSIMO: UMA LEITURA DOS QUESTIONÁRIOS

Os leitores nunca deixam de nos surpreender. E sem dúvida quando uma obra oferece uma metáfora, quando permite um deslocamento, quando “trabalha” realmente o leitor, que ele pode ser transformado por ela e, nas entrelinhas, encontrar sua fantasia inventiva, se deixar levar pela imaginação, e pensar.

Michèle Petit¹⁷

Este capítulo resulta da leitura, da descrição e da análise dos questionários respondidos pelos leitores de Luis Fernando Verissimo com auxílio da fundamentação teórica, para tecer comentários e explicações que julgamos necessários.

4.1. JOVENS LEITORES DE VERISSIMO: O AMBIENTE ESCOLAR

A partir da premissa de Luis Fernando Verissimo ser um escritor muito lido e de ter conquistado espaço no jornal, no livro e no ciberespaço, questionamos onde estão esses leitores e o que estes podem nos revelar sobre a leitura dos textos do cronista. Vale ressaltar que a pesquisa trata de um recorte em pequenos grupos da cidade de Maringá/PR e Cianorte/PR. Dessa forma, selecionamos respondentes de três ambientes, sendo eles: o leitor da escola, o leitor do ciberespaço (comunidades do Orkut) e o leitor do jornal e, assim convidamos os diferentes públicos a responderem ao questionário da pesquisa. Diante das respostas observadas nos questionários aplicados em seis escolas □ dentre elas três públicas e três particulares □, constatamos que, em sua maioria, os estudantes nunca leram textos de Verissimo, ou não se lembram de terem lido, ou não conseguiram estabelecer relação entre o nome do autor com alguma obra lida.

¹⁷ PETIT, M. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2008. p.185.

Nesse contexto, apenas os alunos de uma escola pública de Cianorte, o Colégio Estadual Dom Bosco – Ensino Fundamental e Médio, considerada escola de periferia, apresentou leitores do escritor gaúcho. É a partir de seus comentários que apresentaremos o que eles opinam sobre a (s) leitura (s) realizada (s).

A faixa etária desses estudantes do Ensino Médio é de 15 a 17 anos, sendo eles um total de 10 (dez), 5 (cinco) meninos e 5 (cinco) meninas. Todos os respondentes nos revelaram serem estudantes, exceto um garoto que trabalha como garçom. Os alunos comentaram que no início do ano leram crônicas de Verissimo □ informação divergente das demais escolas.

Comentada a primeira parte do questionário que se referia à *Identificação*, direcionemo-nos para a segunda, intitulada *Leitores e suas leituras*.

A primeira pergunta diz respeito à frequência com que esses estudantes leem jornal, e suas respostas ficaram equilibradas entre a alternativa *nunca* e a alternativa *uma vez por semana*. Revista, por sua vez, a maioria lê *uma vez por semana*, enquanto que livros, os respondentes, de forma unânime, afirmaram ler todos os dias. Já a leitura por acesso a sites e blogs, é realizada apenas pela minoria □ três alunos, com baixa frequência durante a semana. Esses dados podem ser observados de forma sucinta na tabela abaixo, lembrando que o total de alunos entrevistados foi de 10 (dez).

	Todos os dias	Mais de duas vezes	Uma vez	Nunca
Jornais	1	1	4	4
Revistas	0	2	5	3
Livros	4	3	3	0
Sites/ Blogs	2	0	1	7

Tabela 1. Frequência de leitura realizada pelos (10) dez estudantes nos suportes mencionados.

Por meio dos números, os estudantes mostraram que o suporte mais utilizado para a leitura é o livro. Por um lado, julgamos o dado positivo, pois o contato com livros é de grande importância para a história de leitura desses indivíduos e para sua formação enquanto jovens

leitores. Por outro lado, é negativo, pois a leitura para eles pode, diante disso, ser sinônimo de livro, ideia relacionada à própria história do livro, de este objeto ser tão simbólico e cheio de mitos. Em *Uma história da leitura*, Manguel (1997) confirma que a associação de livros com seus leitores é diferente de qualquer outra relação entre objetos e usuários, pois roupas e utensílios apresentam uma função simbólica, “mas os livros infligem a seus leitores um simbolismo muito mais complexo do que o de um mero utensílio. A simples posse de livros implica uma posição social e certa riqueza intelectual” (MANGUEL, 1997, p.242).

Contudo, a nosso ver, é necessário que a leitura para esses jovens seja mais diversificada, para que possam notar que as disposições, estruturas, linguagens e outros recursos são tecidos de distintas formas em cada suporte e em cada gênero, e sendo assim, a leitura jamais será igual em diferentes suportes.

Em *Andar entre livros*¹⁸, Teresa Colomer (2007) considera que a leitura literária pode ampliar seu “espaço” na escola por meio de múltiplas atividades, com o intuito de promover sua integração e conferência com outros tipos de aprendizado. Ainda sob esse aspecto, a estudiosa observa que os mais imediatos são os linguísticos e que segundo ela há dois lados. O primeiro, “o trabalho linguístico e literário conjunto permite apreciar as possibilidades naqueles textos sociais” (COLOMER, 2007, p.159); e segundo, “a inter-relação se produz através de formas indiretas, já que o contato com a literatura leva as crianças a interiorizar os modelos do discurso, as palavras ou as formas sintáticas presentes nos textos que lêem” (idem). Isso tudo só pode ser construído de forma que os estudantes conheçam outras formas de leitura, que não deixam de ser outros modos de leitura.

A minoria que realiza outras formas de leitura, que não apenas a do livro, mencionou os seguintes jornais: *Tribuna de Cianorte*, *Folha de Cianorte*, *Folha de Londrina* e *Folha Universal*. O primeiro é o mais lido, revelando assim uma preferência pelo jornal local ou regional. Há de se levar em conta a presença de um jornal religioso, o último citado nos nomes anteriores, indicando a relação entre leitura e religião. Assim, cabe ressaltar que as religiões também são fontes de promoção da leitura, tendo como suportes principais as escrituras sagradas, como a Bíblia, por exemplo.

No que confere às revistas mencionadas pelos respondentes temos: *Veja*, *Pelegrino*, *Capricho*, *Época*, *Caras*, *Isto é* e *Superinteressante*, porém, a mais lida, como era esperado, é

¹⁸ Texto publicado originalmente em espanhol (2006) sob o título: *Andar entre libros: la lectura literaria en la escuela*.

a primeira. A *Veja* □ embora seja uma revista de grande circulação nacional, com panorama bem amplo sobre as principais notícias do país e do mundo □ acreditamos que apresenta os fatos de modo particularmente fechado. Contudo, é fato que o texto só se torna vivo no momento em que o leitor entra em cena e, retomando a metáfora de Eco (2001), é ele quem precisa estar atento a seguir seu caminho no bosque. É nesse momento que o leitor precisa estar atento para desconfiar do ponto de vista que o texto sugere como verdade.

Diante da constatação de que os livros são os materiais de leitura mais utilizados pelos estudantes, e levando em consideração que os mesmos são provenientes de um ambiente social menos favorecido, já podemos inferir: as crônicas de Verissimo chegam até a esses alunos somente através dos livros, e não por jornal, pois *O Estado de São Paulo* não foi mencionado uma única vez.

No que se refere aos livros, segue a lista¹⁹ abaixo com a relação dos títulos e entre parênteses a quantidade de vezes apontadas e o respectivo autor:

- *Onze* (Machado de Assis)
- *O seminarista* (Bernardo Guimarães)
- *A formiga e a neve* (João de Barro)
- *O velho e o barco*²⁰
- *A senhora* (2) (José de Alencar)
- *Ubirajara* (2) (idem)
- *Iracema* (3) (idem)
- *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (Machado de Assis)
- *Harry Potter e a Câmara secreta* (J. K. Rowling)
- *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (idem)
- *Harry Potter e o Cálice de fogo* (idem)
- *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* (idem)
- *Cinco minutos* (José de Alencar)
- *Os lusíadas* (Luís Vaz de Camões)
- Outros de suspense e de terror
- *A viuvinha* (José de Alencar)
- *As mais belas lendas da mitologia* (José Feron; Emile Genest; Marguerite Desmurger)

¹⁹ Os títulos dos livros são cópias dos questionários sem nenhum tipo de correção, mas acrescentamos os autores das obras.

²⁰ Não encontramos este título. Talvez o respondente tenha se referido ao livro *O velho e o mar*, de Ernest Hemingway.

- *Amor de perdição* (2) (Camilo Castelo Branco)
- *O cabeleira* (Franklin Távora)
- *Um gosto de quero mais* (Sonia Salerno Forjaz)
- *Clarissa* (Érico Verissimo)
- *Hamlet* (William Shakespeare)
- *O cobrador* (Rubem Fonseca)
- *Melhores poemas de João Cabral de Melo Neto* (Coletânea de Antônio Carlos Secchin)
- *Os melhores poemas* (Coleção Brasileira)²¹
- *Os ratos* (Dyonélio Machado)
- *A moreninha* (2) (Joaquim Manuel de Macedo)
- *Sozinha no mundo* (Marcos Rey)
- *Mariana* (Pedro Bandeira)
- *Vidas secas* (Graciliano Ramos)
- *Crepúsculo* (Stephenie Meyer)
- *Comédias da vida privada* (Luis Fernando Verissimo)
- *Helena* (Machado de Assis)
- *Meu primeiro beijo* (Walcyr Carrasco)

Com base na lista de livros citados pelos estudantes, observamos o predomínio pelas obras estudadas na escola, muitos clássicos da literatura nacional, mostrando uma boa variedade. Porém, isso corrobora a ideia de que a leitura literária para estes respondentes deva estar estritamente relacionada aos romances com os quais tiveram contato e, a nosso ver, a diversidade de gêneros literários é fundamental quando o assunto é formação de leitores. Nesse estudo, nem se questiona a qualidade de ensino ou a qualidade da aula ministrada, mas o fato de não haver uma diversidade literária é que nos parece uma “falha”, se assim podemos denominar este fato.

Mesmo considerando que a instituição referida é pública e, portanto, apresenta um público menos favorecido e, quiçá, a única fonte de leitura seja o que lhes é ofertado pela própria escola, é inegável a importância do estudo dos clássicos nacionais, como os que apareceram na lista. Cabe ressaltar a importância desse fato para promover a atualização das obras, tal como Jauss (1994) nos coloca. Ou seja, é possível observar como os jovens leitores

²¹ Acreditamos que este livro apresente outro título: *Cem melhores poemas brasileiros do século*, de Ítalo Moriconi (org.).

se posicionam diante de leituras de outros séculos ou até mesmo deste, averiguando se houve identificação do leitor com o enredo ou com as personagens, ou ainda se houve crítica.

Ao abordar a questão da diversidade textual, concordamos com o que Petit (2008) assinala:

(...) é preciso lembrar que as coisas não são equivalentes, que ler literatura - quer se trate de ficção, de poesia ou de ensaios com estilo elaborado – não pertence à mesma ordem que ler uma revista de motocicletas ou um manual de informática, ainda que, com certeza, seja preciso apropriar-se da maior variedade possível de suportes de leitura. E que ler Kafka ou García Lorca não é a mesma experiência que ler romances de espionagem de baixa qualidade (PETIT, 2008, p.178).

Para que tudo isso aconteça, é preciso conhecer e experimentar. Petit (2008), ao abordar o papel do mediador, indica que seria desejável uma equipe de bibliotecários com o conhecimento da pluralidade da produção editorial e a diversidade da literatura juvenil. Porém, seria praticamente impossível fazer uma lista definitiva de obras que achamos mais adequadas aos adolescentes, auxiliando-os em sua construção.

Por meio de entrevistas em bairros menos favorecidos na França, Petit revela que alguns dos entrevistados se inspiraram através da leitura de grandes clássicos a tomarem alguma atitude, como coloca: “(...) quem poderia imaginar que Descartes seria a leitura preferida de uma jovem turca preocupada em escapar de um casamento arranjado (...)” (2008, p.184). Considerando ainda a lista de livros acima mencionada:

Isso nos evidencia os limites desses livros escritos sob encomenda para satisfazer essa ou aquela suposta ‘necessidade’ dos adolescentes. Os textos que mais trabalham o leitor são aqueles em que algo passa de inconsciente a consciente. E isso nos escapará sempre, pelo menos em grande parte- felizmente (PETIT, 2008, p.184). (sic)

Em se tratando do acesso à internet, notamos que os estudantes não usam sites e blogs com o intuito de leitura, pois a maioria não tem acesso, entretanto, alguns sites e blogs apareceram: *Orkut* e *MSN* (os dois mais acessados), *UOL*, *Google*, *Youtube*, Notícias do mundo e *IKARIAM* (site de jogos). Portanto, para aqueles que acessam esses sites, constatamos que o intuito seja o entretenimento, a comunicação com amigos que conheçam ou com amigos virtuais ou, porventura, pesquisas e buscas. Cremos que o mundo da literatura virtual ainda não tenha sido apresentado ou descoberto por estes estudantes, mas sabemos que sempre há tempo para o novo.

Quando os respondentes foram questionados sobre terem o hábito de ler crônicas, a maioria respondeu positivamente, demonstrando que o livro (7) é o suporte mais utilizado, como era o esperado, e em sites (3), havendo uma contradição, já que anteriormente os mesmos afirmaram que acessam pouco a internet e que não a usam com o fim da leitura. Mesmo assim, insistimos em que o livro é o suporte através do qual eles leem crônicas.

No que se refere aos livros de crônicas lidos pelos estudantes, também apareceram títulos de crônicas ou ainda alguns equívocos foram constatados, como por exemplo, quando citam os livros: *Crônicas de Nárnia*, cuja confusão provavelmente se deu devido ao vocábulo *crônica* e o livro *A espera de um milagre*. Os demais títulos mencionados foram: *O melhor das comédias da vida privada* (3), *Mais comédias para ler na escola*, *Comédias da vida privada*, *Ed Mort*, Machado de Assis. O único site que aparece quando afirmam ler crônicas no ciberespaço é o Google, o que para nós se mostra sem clareza, já que se trata de um site de buscas.

Na sequência, pedimos aos respondentes que citassem os nomes de seus cronistas favoritos, e constatamos os seguintes: Luis Fernando Verissimo (9), Walcyr Carrasco (4), Carlos Drummond de Andrade (2), Mário Prata e Fernando Sabino, evidenciando maior apreciação pela obra de Verissimo.

No que confere ao suporte a partir do qual os respondentes leem textos de Verissimo, todos os (10) dez apontaram livros, citando como preferidos:

- *O melhor das comédias da vida privada* (6)
- *Comédias para se ler na escola* (2)
- *Mais comédias para ler na escola*
- *O analista de Bagé*
- *Feliz Natal* (título de crônica)
- *Emergência* (idem)
- *Uma mulher fantástica* (idem)
- *Saudade* (idem)
- *Negar fogo* (idem)
- *O homem que caiu do céu* (idem)

Tendo em vista as obras conhecidas e lidas pelos estudantes, observamos certa variedade e que a maioria desses textos refere-se a uma produção um pouco mais antiga do escritor. Notamos apenas um livro mais recente: *Mais comédias para ler na escola* (2008). Sendo assim, os livros apresentados são obras “clássicas” de Verissimo sugerindo que não só

fizeram sucesso no passado, mas que continuam sendo atualizadas até hoje, em conjunto com suas personagens como *O Analista de Bagé* e *Ed Mort*. As duas obras mais lidas são *O melhor das comédias da vida privada* (2004) – seleção feita pelo autor das melhores crônicas de seu clássico dos anos 90 –, e a segunda, *Comédias para se ler na escola* (2001), cuja seleção foi feita por Ana Maria Machado. Embora esta obra possa ser indicada para jovens leitores mergulharem na leitura, também é indicada para o público em geral.

Na pergunta de número quatro os estudantes foram questionados sobre como surgiu o interesse pela leitura do autor e a frequência com que leem crônicas. Três alunos apresentaram um aspecto relevante: o incentivo da professora que trouxe livros do autor para a aula, o que ressalta a importância da mediação da leitura.

O mediador que Petit (2008) também chama de *iniciador aos livros* “é aquele que ajuda a ultrapassar os umbrais em diferentes momentos do percurso” (p.174). Seja ele ou ela quem for, auxilia o leitor no momento da escolha do livro, oferecendo-lhe a oportunidade de fazer muitas descobertas.

O iniciador é aquele ou aquela que exerce uma função-chave para que o leitor não fique encurralado entre alguns títulos, para que tenha acesso a universos de livros diversificados, mais extensos. Porque uma das especificidades dos livros é a sua variedade (PETIT, 2008, p.175).

Nesse caminho, outros dois respondentes mencionaram que se interessaram pela forma como o autor escreve e porque são de humor e então leem quando estão interessados. Outro participante citou que viu o irmão lendo e quis conhecer, mas não lê com muita frequência; outro se interessou porque são textos de fácil compreensão, rápidos e curtos e respondeu que lê uma vez por semana. O outro porque as crônicas são engraçadas e lê uma por dia. Os dois últimos estudantes se interessaram em razão de uma palestra realizada na escola, cujo ministrante leu uma crônica e indicou livros de Verissimo.

No que se refere aos aspectos que mais agradaram a eles na leitura de Verissimo, as respostas foram muito semelhantes, apontando o humor e a facilidade na compreensão da leitura dos textos, como observamos nos seguintes trechos transcritos²²:

1. Conta a parte engraçada da vida, as crônicas são engraçadas.

²² Os trechos transcritos são cópias das respostas dos questionários sem qualquer tipo de correção.

2. Textos rápidos e fácil de entender.
3. O humor das palavras, a alegria dos textos.
4. Textos curtos e uma língua fácil de se entender²³.
5. Ele coloca humor nas crônicas.
6. Linguagem fácil e como ele escreve os assuntos.
7. Fácil de ler, teor cômico, facilmente aplicado a aspectos simples do dia-a-dia como uma conversa de um casal ou de um pai e filho ou ainda de antigos namorados²⁴.
8. O humor.
9. Ele é comediante.
10. Fala sobre o lado bom da vida de uma maneira boa de se entender.

Verificamos que de modo geral, os estudantes, cada um com sua linguagem própria, consideraram dois aspectos relevantes a respeito da crônica: a linguagem fácil e o humor. A crônica apresenta uma linguagem simplificada, do cotidiano, por isso flui com essa facilidade mencionada pelos respondentes, é de fato uma conversa amena de que Antonio Candido (1992) nos fala em seus estudos sobre o gênero. Contudo, vale ressaltar que a crônica, por meio de seus diálogos e conversas, “esconde” e “guarda” muitos elementos a serem pensados, refletidos e discutidos, por isso é necessário que o leitor “desconfie”. É preciso observar o que o texto pode revelar nas suas entrelinhas, no seu espaço oculto, além das palavras, e nesse ponto, a mediação também é fundamental para que os estudantes vivenciem momentos de descobertas, mas que possam expressá-los por si próprios também.

Quanto ao segundo aspecto, o humor, é característica marcante na escrita de Verissimo, mas não é regra para todos os cronistas. Esse recurso que provoca o riso é o mesmo que auxilia para que a leitura se torne mais interessante, divertida, como os respondentes nos explicaram. Concordamos com os comentários dos estudantes, contudo, acrescentamos que esse modo engraçado de que eles nos colocam é uma maneira eficaz de abordar temáticas como preconceito e política, enfim, temas necessários para discussão. Vale

²³ O questionário completo encontra-se no ANEXO 3.

²⁴ O questionário completo encontra-se no ANEXO 2.

lembrar também que o riso suscitado pelos recursos do texto não é gratuito e é preciso atenção: “por que estamos rindo?”, “de que/quem estamos rindo?” e muitas vezes é um riso que “dói” pela semelhança com diversas situações que o leitor passou ou que são presentes no âmbito social, algo que muitas vezes não é claro, apenas na realidade. Uma vez mais acreditamos que esses elementos precisam ser descobertos pelos leitores com o auxílio de seus mediadores, para que as considerações dos estudantes não se esgotem apenas na frase: “o texto é engraçado”.

No que diz respeito à questão de como os estudantes leem os textos de Verissimo, se buscam vocábulos no dicionário, por exemplo, (4) quatro alunos mencionaram que sempre realizam uma releitura; outros (2) dois buscam ajuda na professora, ou ainda utilizam o dicionário. Outros, ao contrário dos primeiros, dizem que não é necessário, já que o autor se vale de uma linguagem simples, e é possível entender tudo através do próprio contexto.

Sob esse aspecto, podemos dividir essas respostas em dois grupos: o primeiro, integrando a maioria dos alunos, realiza uma releitura, busca ajuda em seu professor e, se necessário, utiliza o dicionário. Essas atitudes revelam que, se há dúvidas, os estudantes buscam algum tipo de auxílio para que comecem a tomar suas decisões e saberem quais caminhos devem seguir a partir de um ponto que se bifurca. É esse processo de vai-e-vem, dentro e fora do texto que permitirá a ele que sua leitura seja “completa” ou que ele se sinta satisfeito.

Por outro lado, os demais respondentes julgam não ser necessário utilizar nada, pois os textos do autor são fáceis de entender. Neste ponto, importa destacar que os recursos utilizados nas crônicas de Verissimo, muitas vezes, enganam o leitor pela simplicidade, e muitas vezes ele não é capaz de ver além dessa linguagem cotidiana. Será que o narrador do texto de Verissimo não está sendo irônico com tamanha simplicidade? Assim, inúmeras questões precisam ser levantadas para que a leitura não permaneça em um plano superficial em todo o processo de formação do leitor. É preciso ler, expandir e conectar, como um dos títulos da obra de Colomer (2007): *Andar entre livros*.

Quando indagamos aos estudantes se há diferenças entre a crônica do livro e a do jornal, a maioria esmagadora respondeu que nunca leu Verissimo no jornal. Apenas um estudante indicou que via uma diferença e relatou que os assuntos do jornal são diferentes daqueles dos livros. Esse resultado já era previsto considerando a questão de número três, onde os alunos revelaram que o suporte mais lido por eles é o livro. Não é de se estranhar que,

tendo contato apenas com livros, poderiam demonstrar que as estruturas e os recursos dos textos modificam-se nos diferentes suportes.

Desse modo, diante da única resposta obtida, o respondente procura estabelecer algum tipo de “lógica” para tentar diferenciar a crônica do livro da do jornal. Para muitos estudiosos, dentre eles, o próprio Verissimo, a crônica foi feita para o jornal e apresenta um caráter transitório, pois a crônica bem como o jornal são datados. Portanto, é como se uma crônica tivesse vida por um único dia, e no próximo já estaria morta para que outra viesse em seu lugar. Já no que confere ao livro, não é possível adotar as mesmas características, pois há certa reelaboração no que diz respeito à escolha dos textos e a todo o processo de feitura do livro. Os textos escolhidos para as coletâneas e antologias abordam, em geral, temas universais, diferentemente do jornal.

Já a pergunta seguinte questiona se os jovens leem textos do autor no ciberespaço e se veem diferença. Como também foi previsto, eles não utilizam a internet com a finalidade de leitura. Este dado já foi outrora identificado e comentado por nós na pergunta de número 2 (dois), que evoca a frequência da leitura por eles em alguns suportes, dentre eles o acesso a sites e blogs.

Quando os questionamos sobre com quem comentam as leituras de Verissimo, as pessoas mencionadas pelos estudantes foram:

- Amigos de sala de aula (8);
- Professora (2);
- Família;
- Mãe (inclusive leu uma crônica para ela);
- Com ninguém.

Observamos que a maioria deles comenta os textos lidos com os próprios amigos da sala, o que é importante, pois, dessa forma, expressam suas opiniões e também podem ouvir outras, que podem ser parecidas ou distintas. Nesse instante, as ideias vão se entrelaçando, fato imprescindível após uma leitura. Acreditamos que este seja, de fato, um momento único para esses leitores, pois os estudantes podem se identificar com as situações, personagens, podem lembrar-se de outros fatos ocorridos em suas vidas e muitas outras relações que podem ser capazes de estabelecer, a partir desses comentários.

Ao falar da experiência estética evocada por Jauss, Zilberman (1989) comenta que a natureza liberadora da arte, explicitada pela experiência estética, é composta por três atividades simultâneas e complementares - a *poesis*, a *aesthesis* e a *katharsis*- cuja realização depende da principal reação de que é capaz o leitor: a identificação (ZILBERMAN, 1989, p.54-55).

No que diz respeito ao primeiro plano, o da *poesis*, “corresponde ao prazer de se sentir coautor da obra”. Já o segundo, *aisthesis*, está relacionado “à experiência estética enquanto tal, dizendo respeito ao efeito provocado pela obra de arte, de renovação da percepção do mundo circundante.” E por fim, a *katharsis*, no sentido de mobilizar: o leitor não apenas sente prazer, mas é também motivado a realizar uma ação. Esta característica acentua a função comunicativa da arte verbal, que, por seu turno, depende do processo vivido pelo receptor: o de identificação.

Nesse passo, estas três atividades são relevantes para a experiência estética, e a nosso ver, elas tornam-se mais claras a partir do momento em que os estudantes comentam suas leituras com alguém, pois de alguma forma, estão revivendo a experiência proporcionada no ato de ler primário.

Por fim, na décima questão, pedimos aos estudantes que comentassem um texto que tivesse deixado marcas positivas ou negativas, e que esclarecessem os elementos ressaltados. Apenas uma resposta ficou em branco. Podemos observar a transcrição das respostas abaixo, sem correção:

- 1- O pobre o rico e a galinha, gostei porque tem humor e faz agente pensar, pois a galinha é dita como irracional.
- 2- Teve um texto que eu gostei muito, achei muito interessante porque pelo fato de se relatar com a família até mesmo no nosso dia-a-dia.
- 3- “O casamento” e “O irmão”, o que marcou mais em “Casamento” foi como o noivo é tão diferente; já em “Irmão” marcou mais ainda que “Casamento” vc começa a ler pensando que ele vai falar dos irmão dele mas quando vê ele fala dos espermatozoides do pai dele, que poderiam ter vindo no lugar dele.
- 4- Negar fogo, é um texto muito engraçado, em que ele mostra diversas situações, mostrando, que ele alega que em algumas situações negar fogo é essencial.
- 5- O que pediria ao diabo, A vida eterna.

- 6- A vida, marcas positivas, e quando depois uma família distribui os presentes para as crianças e o Papai Noel vai para a casa alegrar a família.
- 7- O casamento, ajuda a você quando está deprimido, pois o texto é engraçado.
- 8- Que povo esta criticando deus por que mundo esta acabando no odio das pessoas eles queriam que deus acabe com o mundo.
- 9- Recriação, fala sobre um conresso no céu e os participantes dessa reunião tentam convencer Deus a destruir a Terra então e falando de todos os defeitos da Terra. Isso foi muito interessante.

De um modo geral, julgamos como muito positiva a participação dos estudantes, aliás, em se tratando de questões abertas, pois nós, pesquisadores, sabemos que há uma dificuldade em coletar este tipo de respostas, especialmente no ambiente escolar. Além disso, vale ressaltar que este foi o único grupo de estudantes, tendo em vista o recorte da pesquisa, que conhecia Luis Fernando Verissimo e havia lido textos do autor na própria escola.

O que podemos afirmar, a partir das respostas da última questão, é a fragilidade revelada ao expressarem o porquê do gosto pelos textos, já que não houve nenhuma resposta que apresentasse marcas negativas. Os comentários acima nos parecem uma mescla de tentativas de contar o enredo da narrativa e ao mesmo tempo inserir “que gostou”, “que achou engraçado”, “que é interessante”, “ajuda quando estamos deprimidos”, dentre outras colocações apreciativas dos respondentes.

Parece-nos, portanto, que se esses jovens leitores não conhecem a obra do escritor em questão, não é possível que apresentem uma visão aprofundada no que diz respeito às crônicas. No entanto, é possível que demonstrem maior desenvoltura no que confere aos romances nacionais. Apenas como exemplo, tomando o texto citado pelo respondente de número 1 (um) como exemplo, é possível levar em consideração as três personagens: o pobre, o rico e a galinha dentro de um labirinto. Os objetivos do rico, do pobre e da galinha eram os mesmos no labirinto? Por quê? Quais diferenças são colocadas entre o rico e o pobre? Será que elas podem ser observadas em nossa sociedade? Como cada indivíduo “enxerga” o meio social em que vive, que frequenta?

Como nos lembra um estudioso da crônica, é preciso ver mais nesse gênero: “A crônica – apesar de toda a sua aparente simplicidade – só pode ser valorizada quando a lemos criticamente, descobrindo a sua significação” (SÁ, 1985, p.79).

Nossos questionamentos justificam-se, sobretudo, por se tratar de estudantes do Ensino Médio cursando as últimas séries escolares, o que para muitos possa representar o “fim” dos estudos. Ademais, levamos em conta que estes estudantes são integrantes de uma parcela menos favorecida da sociedade. Por outro lado, sabemos também que a busca pelo ensino superior tem aumentado, pois há inúmeros programas através dos quais este público pode ser beneficiado para dar continuidade a sua formação. Então, esses estudantes poderiam e podem, sim, apresentar um pouco mais de maturidade e consistência quando abordam as leituras que fazem. É possível até que consigam expressá-las melhor de forma oral; no entanto, a forma escrita foi a única de que pudemos dispor na oportunidade da entrevista.

Vale ainda salientar que os comentários dos alunos do Ensino Médio podem ser comparados com pesquisa desenvolvida na UNESP/ Assis²⁵, quando realizamos a recepção de crônicas de Verissimo e outros escritores para 5º ano (correspondente à 4ª série) e 6º ano (correspondente à 5ª série), também de escolas públicas. Uma das perguntas do questionário aplicado indagava se os alunos haviam gostado ou não do texto, pedindo que fizessem um comentário para justificar as respostas, porém, as mesmas se mostraram sem consistência, salvo poucas exceções. As justificativas foram: “o texto era engraçado”, “bonito”, “interessante”, etc..

Com tal informação queremos mostrar que os alunos do 5º e do 6º ano ainda tinham (estão tendo) uma vida escolar com muita possibilidade de leitura pela frente, de muito trabalho em conjunto com a universidade e a escola. Mas então nos questionamos: e os alunos do Ensino Médio? Eles já tiveram toda essa vida escolar...

Nosso desejo não é que os estudantes saiam da escola especialistas em crônicas; pelo contrário, mas defendemos que precisam ler, discutir, refletir, para serem capazes de expressar opinião, ação utilizada constantemente em muitas práticas de nossas vidas. E já que a escola, em especial a pública, objetiva a formação de cidadãos conscientes, acreditamos que, sem realizar um trabalho bem elaborado com a leitura, isso nunca acontecerá.

Aguiar e Bordini (1988) comentam que, ao mergulhar no texto, o leitor faz parte de um jogo em que coloca a sua realidade de lado e passa a viver a história, aceitando aquele

²⁵ PIBIC/CNPq – (2007) Projeto: Literatura na escola: espaços e contextos. A realidade brasileira e a portuguesa (segunda fase). Tópico: A leitura da crônica em escolas públicas, sob orientação dos professores João Luis C. T. Ceccantini, Juvenal Zanchetta Jr. e Rony F. Pereira.

mundo como possível para si mesmo. Isto se dá pela grande coerência entre os seus componentes, tornando autossuficiente o todo que dessa forma foi estruturado. A estrutura dessas obras é fruto da interação e “das linhas de força estabelecidas entre seus componentes e funções.”

O universo a ser lido envolve espaços que serão preenchidos pelo leitor de acordo com o seu próprio repertório. Elas afirmam ainda que o “texto literário é plurissignificativo”, pois permite várias leituras a partir de suas características em aberto, o que não é visto em outros textos.

A literatura, desse modo, se torna uma reserva de vida paralela, onde o leitor encontra o que não pode ou não sabe experimentar na realidade. É por essa característica que tem sido acusada, ao longo dos tempos, de alienante, escapista e corruptora, mas é também graças a ela que a obra literária captura o seu leitor e o prende a si mesmo por ampliar suas fronteiras existenciais sem oferecer os riscos da aventura real (AGUIAR; BORDINI, 1988, p.15).

No caso dos estudantes, parece-nos necessário o contato com diversos gêneros literários com o fim de ampliar seus repertórios de leituras e para que possam se aventurar em outras experiências estéticas. Por isso, cremos que, neste momento, o auxílio do mediador é fundamental para sugerir vários caminhos que eles podem percorrer. Em cada um encontrarão árvores diferentes, flores vermelhas, ou em outras trilhas poderão ver animais... Os detalhes construirão um sentido para cada um, que poderá ser diferente, já que cada vez que entramos em um texto, temos nossa própria história que se envolve com a história do texto. E assim é o andar entre o texto, ora encontraremos paisagens bonitas, ora não muito agradáveis.

4.2. LEITORES DE VERISSIMO NO CIBERESPAÇO: COMUNIDADES DO ORKUT

No segundo ambiente de nossa pesquisa buscamos respondentes que apresentassem faixa etária de 20 a 30 anos. Foram entrevistadas 10 (dez) pessoas, dentre elas 5 (cinco) homens e 5 (cinco) mulheres.

Como esse contato foi via internet, obviamente, o público é composto por pessoas de diferentes partes do país, dentre elas Maringá (PR), Votuporanga (SP), Londrina (PR), Curitiba (PR), Bragança Paulista (SP), Taboão da Serra (SP), Monte Santo (BA), Belo

Horizonte (MG) e Santa Tereza (ES). Ainda que alguns estados tenham sido repetidos, notamos que os leitores de Verissimo estão espalhados por todo o país.

As profissões também são variadas, ainda que a de professor tenha se destacado, o que não fora previsto, pois nosso intuito foi o de convidar pessoas através do site de relacionamentos Orkut para participarem da pesquisa, tendo como fator comum apenas a idade. As profissões observadas foram as seguintes: professora de Inglês, servidor público, professor de Educação Física (universitário), estudante/estagiário, professora desempregada/do lar, professora de Português, professora de Alemão, secretário, estudante (intercambiário/ Alemanha) e bancária.

No que se refere à escolaridade, constatamos:

- Mestrado: 2
- Pós-graduação: 2
- Superior: 5
- Superior incompleto: 1

Observamos que a maioria dos leitores tem ensino superior completo, alguns com pós-graduação e mestrado e apenas 1 (um) com ensino superior incompleto. Esses dados podem nos sugerir leitores mais maduros, no sentido de já saberem quais tipos de leitura apreciam.

No que se refere à frequência de leitura dos respondentes, os dados podem ser observados na tabela abaixo:

	Todos os dias	Mais de duas vezes	Uma vez	Nunca
Jornais	4	4	2	0
Revistas	0	6	2	2
Livros	6	3	2	0
Sites/ Blogs	8	0	1	1

Tabela 2. Frequência de leitura realizada pelos 10 (dez) respondentes das comunidades do Orkut nos suportes mencionados.

Posto isso, podemos afirmar que esse grupo de leitores de Verissimo transita por diferentes práticas de leitura e que o acesso a sites e blogs foi votado pela maioria, quase unânime, mostrando que utiliza esses espaços diariamente. Na sequência, podemos observar quais jornais, revistas, livros e sites/blogs são os favoritos dos respondentes.

Dentre os jornais citados, conferimos que são diversificados tendo em vista que os respondentes são de estados e cidades diferentes:

- *O Diário* (Maringá)
- *A Cidade* (Votuporanga)
- *O Estado de São Paulo* (2)
- *Folha de São Paulo* (3)
- *Valor Econômico*
- *Gazeta do Povo* (Curitiba) (3)
- *Bragança Jornal Diário* (Bragança Paulista)
- *Gazeta Bragantina*
- *Jornal de Londrina*
- *Folha de Londrina* (2)
- *Jornal A Tarde* (Bahia)

Como já comentado anteriormente, notamos que os jornais são variados, já que acessamos leitores de diversas partes do Brasil; porém, é pertinente mencionar que a maioria deles representa jornais de circulação local e regional, sendo que *O Estado de São Paulo* e *A Folha de São Paulo* – jornais de circulação mais ampla – são citados poucas vezes. A partir disso, podemos afirmar que apenas a minoria lê as crônicas do autor através do jornal. Não obstante, cabe mencionar que muitos jornais do interior também trazem crônicas em seus cadernos, mas, ainda assim, poucos leitores confirmaram a leitura da crônica no jornal.

No que confere às revistas mencionadas, temos: *Veja* (6), *Época*, *Língua Portuguesa*, *Runners*, *Aventuras na História*. O respondente que está em intercâmbio na Alemanha disse que lia *Veja* apenas no Brasil, mas na Europa não tem lido produções brasileiras. Confirmamos outra variedade de revistas, distinta daquelas citadas pelos estudantes, mas a *Veja* também indicou grande circulação dentre este público, assim como foi visto com o grupo dos estudantes.

Dentre os livros²⁶ mencionados por eles, há uma lista que apresenta grande diversidade, compreendendo desde clássicos até autoajuda. A saber, os livros de Verissimo aparecem na lista dos cinco últimos livros lidos por eles.

- *O analista de Bagé* (Luis Fernando Verissimo)
- *Men are from Mars, Women are from Venus* (John Gray)
- *A mesa voadora (2)* (Luis Fernando Verissimo)
- *El Padrino* (Mario Puzo)
- *1984* (George Orwell)
- *A arte da guerra* (Sun Tzu)
- *Quando Nietzsche chorou* (Irven D. Yalom)
- *O processo* (Franz Kafka)
- *A arte da felicidade* (Dalai Lama)
- *O monge e o executivo* (James Hunter)
- *A grande arte* (Rubem Fonseca)
- *O jardim do inferno* (Luis Fernando Verissimo)
- *O grande mentecapto* (Fernando Sabino) (2)
- *O filho eterno* (Cristóvão Tezza)
- *A viagem do elefante* (José Saramago)
- *Os vendilhões do tempo* (Moacyr Scliar)
- *Obamanomics* (John R. Talbott)
- *O espetáculo do crescimento* (William Easterly)
- *A crise do sistema financeiro global*²⁷
- *Vale a pena*²⁸
- *The monetary History of the USA* (Anna J. Schwartz; Milton Friedman)
- *Relações perigosas* (Chordelos de Laclos)
- *Buick 8* (Stephen King)
- *História de O* (Pauline Réage)

²⁶ Acrescentamos aos títulos os nomes dos autores.

²⁷ Autor não encontrado. Vale salientar a possibilidade de equívoco quanto aos títulos mencionados pelos respondentes. Isto cabe para todas as obra que se encontram sem autor.

²⁸ Autor não encontrado.

- O marinheiro que perdeu as graças do mar* (Yukie Mishima)
- Nada é por acaso* (Zibia Gasparetto)
- Netto perde sua alma* (Tabajara Ruas)
- O rei da vela* (Oswald de Andrade)
- Lazarilho* (Anônimo)
- A morte e a morte de Quincas Berro D'Água* (Jorge Amado)
- A gente se acostuma a tudo* (João Ubaldo Ribeiro)
- A nudez da verdade* (Fernando Sabino)
- A ilustre casa de Ramires* (Eça de Queiroz)
- A grande mulher nua* (Luis Fernando Verissimo)
- A casa dos budas ditosos* (João Ubaldo Ribeiro)
- Cidade de Deus* (Paulo Lins)
- A história sem fim* (Michael Ende)
- O físico* (Noah Gordon)
- O perfume* (Patrick Süskind)
- Ich liebe dich* (Cecelia Ahern)
- Ana sem terra* (Alcy Cheuiche)
- Comer, rezar, amar* (Elizabeth Gilbert)
- Eu que amo tanto* (Marília Gabriela)
- Quem ama educa* (Içami Tiba)
- O vendedor de sonhos* (Augusto Cury)
- Dom Quixote* (Miguel de Cervantes)
- Além do bem e do mal* (Friedrich Nietzsche)
- Confesso que vivi* (Pablo Neruda)
- Contos negreiros* (Marcelino Freire)

Diante de livros tão variados, podemos constatar algumas “categorias” lidas pelos respondentes, como por exemplo: literatura nacional, literatura estrangeira (alemã, espanhola, norte-americana tanto livros originais quanto traduções), espiritualidade, autoajuda e best-sellers. Acreditamos serem essas as categorias essenciais, notando, de modo geral, um equilíbrio nas escolhas dos leitores, ou seja, não há pessoas que leem um único tipo de gênero, por exemplo.

No grupo das mulheres podemos fazer duas observações. Primeira: as leituras, em sua maioria, estão relacionadas com a área profissional de cada uma, no caso da professora de língua alemã, há mais livros da literatura alemã; na lista da professora de língua portuguesa e literatura há uma concentração de literatura nacional ainda que variada quanto aos gêneros e autores. Segunda: das (5) cinco mulheres, três (3) leem autoajuda, e no grupo dos homens apenas um citou esse tipo de leitura.

Enquanto no grupo dos homens, observamos a primeira característica das mulheres apenas no estudante de Economia, pois 3 (três) livros estão relacionados aos seus estudos, os demais homens apreciam, em geral, literatura nacional.

No que diz respeito aos sites e blogs acessados pelos leitores, temos: Comunidades do *Orkut* de Luis Fernando Verissimo, *Blog 3X30*, *YouTube*, *Yahoo Notícias*, *Google (3)*, *UOL*, *Orkut*, *Hotmail*, *Wikipédia*, Blog de amigos, *Skoob*, *Folha online*, *Blog do Rica Perrone*, *G1*, *Kibe Loco*, *Charges*, *Infomoney*. Observamos ainda que, alguns sites mencionados pelo grupo dos estudantes também aparecem para estes leitores, como o *Orkut*, *Hotmail*, *Google*, dentre outros.

No grupo dos leitores do ciberespaço há maior acesso a blogs, como o *Blog do Rica Perrone*, que é um jornalista esportivo, fazendo comentários, em especial, sobre futebol. Outro blog citado é o *3X30*, em que figuram três jornalistas (uma solteira, uma ex-casada e uma divorciada) □ é um espaço para as mulheres contarem suas histórias com respeito a relacionamentos amorosos, em geral que não deram certo, mas tudo com muito humor. Ainda que a maioria das histórias seja contada por mulheres, o blog contém mais de 300 seguidores, dentre eles homens e mulheres. Outros sites se referem a portais de notícias e entretenimento, como o *Kibe Loco* e o site das charges.

Quando os entrevistados responderam em quais suportes têm o hábito de ler crônicas, a distribuição dos dados mostrou-se da seguinte forma:

- Jornal: 3
- Revista: 3
- Livros: 7
- Sites e Blogs: 1

Constatamos, assim, que o livro ainda é o suporte favorito entre os leitores de crônicas e os demais se mostram secundários e contraditórios, já que esses leitores nos confirmaram anteriormente ler Veríssimo através do ciberespaço, notadamente nas Comunidades do *Orkut*. Mesmo que este grupo de respondentes leia em outros suportes, o livro é o “favorito” deles. Os jornais citados foram *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo* e a *Folha de Londrina*.

No que se refere às revistas, duas apareceram, a *Veja* e a *Rolling Stone*. Mas sabemos que Veríssimo não escreve para nenhuma delas. Dentre os sites e blogs que aparecem estão: *Clicrbs*, *Blog do Torero*, *Blog do Juca Kfourri*, *Blog do Lelê*, *UOL* (2), *poucavogal.com.br*, *Google*, *Wikipedia*, *Orkut*, *Hotmail*, *Baikaki* (clube do hardware). Notamos que a maioria dos blogs são referentes a notícias de esportes; o *Blog do Lelê*, por exemplo, trata do sobrinho fictício do jornalista José Roberto Torero (colunista de esportes) □ um blog infantil. O *Blog do Juca Kfourri* é um blog da UOL, que também retrata o mundo do futebol.

Já dentre os livros aparecem:

- Veríssimo, Scliar
- *O analista de Bagé*
- *As mentiras que os homens contam*
- *Pai não entende nada*
- *O estranho procedimento de Dona Dolores*
- *Ed Mort*
- *Sexa* entre outros
- *A última crônica, De homem para homem e A nudez da verdade* (Fernando Sabino)
- *Murais de Vinicius* e outros perfis
- As crônicas de Antonio Maria
- *Comédias para se ler na escola*
- *A gente se acostuma a tudo* (João Ubaldo Ribeiro)
- *A traição das elegantes* (Rubem Braga)
- *Coletâneas* de Fernando Sabino
- Machado de Assis, Fernando Sabino, Rubem Braga, Mário Prata
- Luis Fernando Veríssimo e a coleção *Para gostar de ler*

Há, notadamente, uma preferência pelas crônicas de Verissimo, mesmo que os leitores tenham apresentado maior variedade de cronistas e conseqüentemente de títulos, se compararmos com os mencionados pelos estudantes. Notamos renomados escritores que tiveram produção cronística, como Machado de Assis e Rubem Braga.

Na terceira questão perguntamos se os participantes leem Luis Fernando Verissimo e em que suporte. E a os dados apontaram para os seguintes números:

- Jornal (3)
- Revista (0)
- Livro (9)
- Sites e Blogs (2)

Os jornais que aparecem são *Zero Hora* e *O Estado de São Paulo* e os sites e blogs são alguns direcionados a Verissimo, mas outros não, como o *3X30*, que não contém textos do autor. O *Jornal de poesia*, por seu turno, é um site parecido com o do *Projeto Releituras*, com biografias e textos de vários escritores. Diante disso, há incoerência no respondente que citou o blog *3X30*, já que é um site para discussão de relacionamentos, como já explicamos anteriormente, e não há crônicas de Verissimo, a menos que alguma situação apresentada pelos membros tenha lembrado um texto do autor podendo ser postado e compartilhado.

Dentre os livros mais lidos de autoria de Verissimo estão:

- O analista de Bagé* (6)
- A grande mulher nua*
- As mentiras que os homens contam* (4)
- A mesa voadora*
- O mundo é bárbaro*
- Pai não entende nada*
- Comédias da vida privada* (3)
- Comédias para se ler na escola* (2)
- Ed Mort* (3)
- Novas comédias da vida privada*
- O clube dos anjos*

- *Comédias da vida pública*
- *A velhinha de Taubaté*

*O Analista de Bagé*²⁹, a obra mais citada por este grupo de leitores, é um clássico de Verissimo, por isso não é de estranhar tal constatação, já que a obra publicada na década de 80 fez tanto sucesso que fizeram adaptações para quadrinhos³⁰, com parceria de Verissimo e Edgar Vasques, bem como adaptações teatrais foram vistas por todo o país. A personagem retrata o estereótipo da personalidade típica dos cidadãos de Bagé, e as relações entre o protagonista e seus pacientes buscam desmistificar o regionalismo e a psicanálise, sempre com bom humor, como por exemplo, a técnica do “joelho”: aplicando este “golpe” nas partes sensíveis do paciente, o analista acredita que facilita o tratamento. Os diálogos fortes entre as personagens são repletos de vocabulário próprio da região Sul do Brasil □ em especial, por parte do analista.

O segundo livro mais apontado pelos respondentes foi *As mentiras que os homens contam* (2000), abordando temas cotidianos sobre os relacionamentos amorosos, levando em conta futebol, amigos, traições e muitos outros temas e situações são tratados nos textos de forma humorística e reflexiva ao mesmo tempo, sendo muito fácil identificar-se com algumas delas. O livro ficou entre os mais lidos de acordo com a revista *Veja*, durante um período longo e também foi adaptado para o teatro.

Ainda sobre os livros mencionados pelos leitores, vale destacar que as crônicas são as mais lidas por eles tanto pelo grupo de estudantes, que não citou nenhum romance de Verissimo, quanto pelo grupo de leitores das comunidades do Orkut que mencionaram apenas um: *O clube dos anjos* (1998). Este dado mostra que as crônicas do autor são mais receptivas para o público investigado.

Posto isso, pedimos que os leitores citassem seus cronistas favoritos, e os nomes conferidos foram os seguintes:

- Luis Fernando Verissimo (6)
- Moacyr Scliar (3)

²⁹ A primeira edição de *O analista de Bagé* é de 1981.

³⁰ Alguns dos quadrinhos de *O analista de Bagé* podem ser conferidos através do site www.paginadogaucha.com.br que é, na verdade, um portal da cultura gaúcha.

- Fernando Sabino (3)
- Rubem Braga (2)
- João Ubaldo Ribeiro (2)
- Carlos Heitor Cony
- José Roberto Torero
- Machado de Assis
- Mário Prata
- Paulo Mendes Campos
- Vinicius de Moraes

A partir desta lista podemos afirmar que o cronista mais citado (uma vez mais) é o próprio Verissimo, e os outros dois, Moacyr Scliar e Fernando Sabino. Embora três cronistas, os estilos divergem. Scliar também é um grande nome da literatura nacional contemporânea e sua escrita trabalha muito nas fronteiras do real e do fantástico, apresentando elementos do judaísmo, tendo em vista que este é presente na vida do escritor. Sobre Sabino, Jorge de Sá (1985) explica que sua escrita é voltada para o pitoresco ou o irrisório no cotidiano das pessoas. O escritor se vale muito da metalinguagem, mostrando que mesmo com a pressa, que é o trabalho do cronista, ele busca, seleciona e pesquisa antes de escrever. Conforme palavras de Sá, “a busca do pitoresco permite ao cronista captar o lado engraçado das coisas, fazendo do riso um jeito ameno de examinar determinadas contradições da sociedade” (SÁ, 1985, p.23).

Cada um ao seu estilo. Sabemos que a crônica de cada um desses escritores e de todos os outros é revestida por elementos, sejam eles o humor, o fantástico, o lirismo, mas sempre revelando algo muito profundo em suas entrelinhas, que só poderão vir à tona havendo a interação leitor e texto.

Quando os respondentes foram indagados sobre como eles se interessaram pela leitura das crônicas do gaúcho e com que frequência leem, ficou claro o papel da escola e o dos professores, pois 5 (cinco) pessoas afirmaram ter tido esse contato na escola, a partir da coleção *Para gostar de ler* bem como na universidade. A frequência média que os respondentes leem algo de Verissimo é entre uma vez por semana ou a cada quinze dias.

Assim como observamos a importância do mediador na vida leitora das pessoas, notamos mais uma vez que o primeiro contato que eles tiveram com a obra de Verissimo

ocorreu por meio do ensino. Vale salientar que os suportes pelos quais os respondentes tiveram o primeiro contato são variados: o livro, o jornal, o livro didático e a coleção *Para gostar de Ler*, mencionada uma vez. Essa coleção começou a circular a partir da década de 80³¹ e compunha-se de basicamente crônicas escritas por brasileiros conhecidos, como Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Carlos Drummond de Andrade, inclusive Verissimo que também contribuiu para os volumes da coleção. São livros dedicados especialmente aos jovens leitores, sendo que ora são divididos por textos dos escritores, ora pela temática e então os escritores se mesclam. E no final de cada obra há uma seção *Conhecendo o autor*, com um breve histórico da vida e obra de cada escritor.

Acreditamos que para o percurso da crônica quanto gênero, esta iniciativa tenha sido muito positiva para alcançar o público mais jovem, apresentando e convidando estes leitores a embarcarem nessas leituras.

Na sequência, os respondentes foram questionados sobre o que lhes agrada na leitura de Verissimo, isto é, os aspectos marcantes de suas crônicas. E as respostas giraram em torno da valorização do cotidiano e do humor. Em suas respostas observamos certo “prazer” ao retratarem os textos do autor, além de muitos elogios a Verissimo. Como podemos observar:

1. A vivacidade com que tudo acontece. O autor narra cenas do mundo real com muitos detalhes. Parece que eu estou “dentro da crônica”.
2. A inteligência refinada, a facilidade em escrever de maneira simples assuntos complicados. Os diálogos são geniais.
3. A forma irônica e cômica com que descreve os fatos do cotidiano. A ironia.
4. Seu humor. É crítico sem ser chato.
5. A sutileza ao captar os fatos cotidianos e o humor.
6. Senso de humor. É irreverente e inteligente. Gosto dessa mescla. O aspecto marcante é a forma como ele sintetiza aspectos cotidianos com uma visão satírica e humorística.
7. Gosto do humor inteligente presente nos textos, e creio ser este o ponto forte das crônicas do autor.

³¹ As informações sobre a coleção *Para gostar de ler* foram extraídas de dois sites: www.atica.com.br/catalogo/?i=8508086520 e www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=394.

8. Textos simples, inteligentes e bem humorados. Narrativa cotidiana, nos enxergamos em suas crônicas e rimos de situações que também acontecem conosco.

9. Humor. Ele sabe escrever fora dos clichês, o que faz o final de suas obras serem inesperadas, o que, creio eu, gera um humor nas suas publicações. Além, claro, da criatividade do autor.

Tanto essas respostas quanto as que se referem à última questão do questionário podem nos sugerir que o horizonte de expectativa dos leitores são sempre atendidos, já que se dizem leitores “fiéis” de Verissimo e falam, de modo geral, com propriedade sobre aquilo que mais gostam em seus textos. Como Jauss (1994) salienta em sua teoria, em qualquer leitura literária realizada, seja a obra conhecida ou desconhecida, sempre há um “saber prévio”, podendo despertar inúmeras sensações, desejos, expectativas que o leitor cria diante do texto como um todo, etc.. Isso acontece porque as crônicas de Verissimo □ ainda que os leitores conheçam sua estrutura, a de um texto curto, que aborda temas cotidianos e com humor □ sempre apresentam algo novo. E é isso que motiva os leitores a lerem um, dois, vários de seus textos. O fim é sempre inesperado e o humor é sentido por nós de várias formas, às vezes damos gargalhadas, ora nos envergonhamos, ora sentimos vontade de chorar e assim por diante.

A seguir, questionamos os respondentes sobre como eles leem esse autor e a maioria respondeu que os textos apresentam uma linguagem acessível, mas que se necessário buscam o dicionário, a internet ou ainda recorrem a uma releitura. Alguns afirmam que a dificuldade está na complexidade da linha de pensamento do autor ou nas expressões gaúchas, mas estas últimas são pesquisadas em sites de busca. Por outro lado, um respondente aponta que a leitura é muito acessível, já que ele conhece muito bem os posicionamentos do autor.

Destacamos a resposta de uma leitora, transcrita a seguir:

“□ Leio na cama e fico com preguiça de buscar palavras no dicionário para não quebrar o clima de lazer. E gosto de comer quando leio. Não tenho dificuldades geralmente.”

Observamos uma resposta diferente e significativa das demais. A leitora de Bragança Paulista, professora de Português, que não exerce a profissão e é do lar, mencionou que

geralmente não apresenta dificuldades, mas, por outro lado, revelou que tem preguiça de sair de seu local de leitura e quebrar o “clima”. Ela nos disse, de modo literal, como lê: na cama e se alimentando. Este fato nos remete à história da leitura e nos lembra de uma leitora na Literatura Portuguesa, Luíza, de *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós. A personagem ficava sentada em sua *chaise longue*, onde lia muitos romances e sua história a revela como uma mulher fútil e vítima dessas leituras, o que a teria, aliás, levado a trair o marido com seu primo. Os livros consumidos pela personagem eram considerados uma leitura perturbadora da ordem feminina no século XIX. Uma vez mais vemos a leitura retratada como perigo ou alienação.

Zilberman (2001) bem nos fala sobre o perigo da leitura que foi observado em várias personagens da literatura:

(...) à imagem e semelhança de *Madame Bovary*, acompanha esse padrão, fazendo da heroína, Luíza, uma mulher igualmente iludida por leituras escapistas. Logo nas primeiras páginas do romance, a moça lê *A dama das camélias*, de Alexandre Dumas Filho, que a põe a sonhar com aventuras amorosas, concretizadas adiante pelo melífico primo, o qual com poucas palavras, facilmente conquista e ocupa o terreno adrede preparado (ZILBERMAN, 2001, p.35).

É interessante o modo pelo qual a leitora de Verissimo nos revelou ler, remetendo-nos imediatamente à personagem da literatura. Ainda sob esse aspecto, vale mencionar a obra *Uma história da leitura* (1997), de Manguel. No capítulo intitulado *O louco dos livros*, o pesquisador coloca a dificuldade que os leitores tinham antes da invenção dos óculos. Este objeto é símbolo do ofício do leitor, contudo, antes de sua invenção, ler era uma tarefa penosa, como podemos conferir no parágrafo abaixo:

Antes da invenção dos óculos, pelo menos um quarto de todos os leitores teria precisado de letras extragrandes para decifrar um texto. As tensões sobre os olhos medievais: as salas em que tentavam ler eram escurecidas no verão para protegê-las do calor; no inverno, mergulhadas numa escuridão natural, porque as janelas, necessariamente pequenas para proteger das correntes de ar gelado, deixavam entrar pouca luz. Os escribas medievais queixavam-se constantemente das condições em que tinham de trabalhar e rabiscavam amiúde notas sobre suas dificuldades nas margens dos livros (MANGUEL, 1997, p.326).

Nós, pesquisadores, em geral sabemos que a tarefa de ler não é fácil, é como mencionou certo Florêncio, citado por Manguel, ler “extingue a luz dos olhos, encurva as

costas, esmaga as vísceras e as costelas, provoca dor nos rins e cansaço em todo o corpo” (MANGUEL,1997, p.326). Concordamos, mas nada se compara às péssimas condições descritas pelo estudioso; certamente, hoje há melhores condições para quem gosta de se aventurar na leitura. Acreditamos que a história da leitura deveria ser apresentada aos estudantes ou a alguns adolescentes que dizem não gostar de ler; quiçá essa experiência poderia mostrar-lhes como era difícil ler antes, e como é tão fácil ler hoje.

Quando os leitores foram questionados sobre se notam diferenças entre a crônica do jornal e a do livro, pudemos atentar para estas falas:

1. Não acho que haja muita diferença. Talvez o que esteja envolvido no jornal é uma temática mais voltada para denúncia.
2. Os textos no jornal geralmente têm referências aos acontecimentos políticos ou que estão sendo mais comentados pela mídia durante a semana, enquanto os que são publicados em livros podem ser lidos em qualquer época sem prejudicar o entendimento e a graça do texto.
3. No jornal, o autor parece ser mais irônico e mais objetivo.
4. Não sei dizer, pois faz um tempo que não leio Veríssimo.
5. Tenho a impressão que os textos para jornal são mais nus e mais crus, e os livros mais comerciais e mais comerciáveis.
6. A linguagem das crônicas do jornal é mais acessível.
7. Nos jornais só lia as tirinhas do autor.
8. Prefiro os livros, os jornais são mais dissertações.
9. Não leio os jornais, só leio os livros, mas creio que nos jornais ele tem um tom político maior e muito mais forte. Como temos posições políticas divergentes, normalmente discordo de suas colocações.
10. Os textos têm duas características diferentes. Nos fins de semana, Veríssimo escreve textos que remetem às *Comédias da vida privada*, explorando a classe média brasileira e suas muitas situações e contradições. Já no texto da semana, Veríssimo aborda questões como política, arte e futebol, fazendo textos mais “datados” por citar nomes e situações públicas (esse texto remete mais ao livro *Comédias da vida pública*, *Aquele estranho dia que nunca chega* e *o Mundo bárbaro*). Assim, os textos de jornal e livro são iguais, mas dependem do objetivo

do autor e do livro que é publicado (já que estes também não seguem um único padrão).

Mediante os comentários dos leitores, ponderamos que a maioria não sabe nos dizer ao certo as fronteiras entre a crônica do jornal e a do livro, contudo algumas das respostas não estão inteiramente equivocadas. Parece-nos que os respondentes se mostraram um pouco “presos” quanto à forma dos textos em ambos os suportes ou da forma como Verissimo escreve. Por exemplo, “é mais irônico e objetivo no jornal”, ou “a linguagem do jornal é mais acessível”. De fato, o modo de escrita do autor é o mesmo, mas o desenrolar da história estará bem relacionado com a temática abordada. No caso do jornal, é realmente mais comum que se abordem os temas que estejam em voga, os acontecimentos políticos, sociais, ambientais, dentre outros.

Destacamos o respondente de número 2 (dois), pois ele evidencia a questão de as crônicas do jornal retratarem acontecimentos, notícias comentadas, lembrando-nos de que o jornal é datado e assim também as crônicas. Dessa forma, o jornal de hoje serve para embrulhar objetos que utilizaremos amanhã, como nos fala Candido (1992); já os livros retratam sempre algo maior, universal, que supera a mudança do suporte.

Sem dúvida, a resposta mais significativa para nós foi a do leitor de número 10 (dez), porque ele desmembra com muita propriedade a escrita de Verissimo no jornal, levando em consideração os textos de domingo e os de quinta-feira (*O Estado de São Paulo*), bem como as crônicas do livro e ainda nos remetendo a exemplos de textos. Julgamos ser uma resposta muito bem elaborada e que leva em conta os dois dias que Verissimo escreve. Apenas a título de curiosidade, o leitor é professor universitário da área de Educação Física, de Londrina, e mostrou-se um leitor muito maduro da obra de Verissimo. Assim, este é o leitor definido em nossa fundamentação teórica. Embora alguns pensamentos sejam diferentes, sabemos que o centro de todos é que leitor e texto precisam estar em constante interação na leitura, no caso, a literária; e o leitor leva tudo de si quando entra no texto, misturando-se com toda a história que o texto promove. O questionário completo pode ser conferido no ANEXO 4.

No que confere a quem lê Verissimo na internet, 3 (três) afirmaram que não, porém a maioria revelou que sim. De fato, esses dados se mostraram um pouco contraditórios com relação à pergunta número 3 (três), pois na opção sites e blogs, a minoria confirmou ler o

escritor gaúcho no ciberespaço e naquela pergunta, a maioria, a nosso ver, preocupou-se em colocar os nomes dos livros lidos.

Os sítios que mais apareceram são as comunidades do site de relacionamentos *Orkut*, os secundários citados pelos leitores são: *O pensador*, *Jornal de Poesia*, Sites oficiais diversos, *Skoob*, e os próprios respondentes nos lembram que a grande parte dos textos que circulam por e-mail sob a autoria de Verissimo, na verdade, não o são. O mesmo respondente que destacamos a respeito das diferenças das crônicas do jornal e do livro, mencionou um exemplo sobre a falsa atribuição de textos ao autor, comentando um texto sobre o desarmamento, quando do referendo sobre o assunto, realizado no Brasil. O leitor revela que quando recebeu o texto foi fácil identificá-lo como falso, pela escrita mais direta e pela posição defendida no texto. O fato se confirmou com outro texto, este escrito pelo autor, defendendo a tese do desarmamento. Nesse passo, podemos notar que a maioria desses leitores nos apresenta uma variedade de suportes quanto à leitura desse autor.

Importa saber que a maioria dos leitores comenta com alguém os textos que lê, apenas 2 (dois) deles mencionaram que apenas refletem. Os demais comentam os textos com amigos, assim como observamos no grupo de estudantes, logo em seguida vem a família, alunos e membros das comunidades. Assim como o grupo de estudantes, este grupo nos mostra a necessidade de contar, divulgar, mostrar as preferências ou até as indignações sobre o que leu. Isto provando a mobilidade e a movimentação da leitura, o movimento do leitor com o texto e vice-versa e depois para além do texto que chega a outros leitores que podem ir àquele texto. E todo o ciclo se repete e se amplia.

Pedimos, por fim, que os leitores comentassem algum texto que possa ter deixado marcas positivas ou negativas. Das respostas, 3 (três) não mencionaram comentários ou textos sob os pretextos: em branco, “são vários textos” e “não lembro”.

De um modo geral, as respostas foram muito produtivas e significativas, e a maioria dos leitores mostrou-se muito identificada com as leituras, como se vivessem as crônicas lidas. Temos respostas mais curtas e objetivas, como a da professora de Alemão, de São Paulo, que cita o texto *Pai não entende nada*, revelando que em um texto curto, o autor dá conta de descrever um conflito de gerações muito complexo. Trabalhamos com este texto na recepção de nossa pesquisa já mencionada durante a graduação e a receptividade positiva foi quase que unânime. O texto coloca em choque muitos valores entre pais e filhos e há muitas falhas na comunicação.

Já a professora de Língua Portuguesa de Londrina destaca quatro textos que trabalhou com os alunos, extraídos do livro *Comédias para se ler na escola* (2002): “O homem trocado”, pelo humor gerado pelo infortúnio; “A foto”, pela abordagem familiar; “A bola”, pela criticidade; e “Tintim”, pelo jogo com a linguagem”.

O estudante intercambiário de Belo Horizonte nos conta que *O analista de Bagé* (1981) o marcou muito. O amigo com quem ele morava era psicólogo e ambos conversavam sobre a possibilidade de utilizarem as técnicas do gaúcho nas consultas do primeiro. Além de ficar brincando no grupo sobre quem era mais macho.

A professora de Inglês de Maringá menciona que gosta da crônica “A aliança”, do livro *As mentiras que os homens contam* (2000), revelando que já a leu inúmeras vezes, mas adora refazer a história em sua cabeça e se identifica com a mulher do texto.

Um respondente, estudante de Curitiba, nos apresenta a leitura de Verissimo como passatempo, apenas poucas marcas se encontram na personalidade dele, contudo, coloca que, a partir da leitura de *O mundo é bárbaro* (2008), buscou assistir a filmes nunca vistos e a rever outros.

O secretário, da Bahia, menciona o texto *A sexa*, do livro *Comédias para se ler na escola* (2002), apresentando-nos que esse foi muito debatido na universidade onde estuda com relação às idiossincrasias da língua portuguesa, dizendo que a questão dos gêneros dos substantivos causa dúvidas entre os falantes, por isso foi interessante Verissimo abordá-los na crônica.

A nosso ver, o comentário mais significativo sobre as crônicas lidas foi o da leitora já mencionada (a que lê na cama). Ela aponta o texto *O lixo*, das *Comédias da vida privada*, e a partir de seu comentário surge um novo texto dela sobre o de Verissimo, com 25 linhas. Podemos conferi-lo no ANEXO 5.

Em linhas gerais a respondente nos conta que através do lixo é possível reconhecer seu dono e que ela não sabe se foi depois de ler o texto que começou a se preocupar com o lixo ou se já era “paranóica” antes disso. Ela se preocupa muito com isso, aliás, quando lê a crônica, ela comenta: “Sinto como se LFV tivesse escrito “Lixo” especialmente para mim” e revela que comprou um picador de papel que quebra CDs e cartões, tudo por um lixo anônimo e por privacidade.

Manguel em sua obra, cita Freud que nos sugere que quando lemos ficção, a fruição dessa obra surge da liberação das tensões da mente, o que permite o fruir de nossas fantasias

sem autorrecriação (MANGUEL,1997, p.337). Mas conforme o escritor, essa não é a experiência de muitos leitores. Na maioria das vezes lemos, mas presentes em terra firme.

Sabemos que estamos lendo, mesmo quando suspendemos a descrença; sabemos por que lemos mesmo quando não sabemos como, mantendo em nossa mente, a um só tempo, o texto ilusivo e o ato de ler. Lemos para descobrir o final, pelo prazer da história, não pelo prazer da leitura em si. Lemos buscando, como rastreadores, esquecidos de onde estamos. Lemos distraidamente, pulando páginas. Lemos com desprezo, admiração, negligência, raiva, paixão, inveja, anelo. Lemos em lufadas de súbito prazer, sem saber o que provocou esse prazer (MANGUEL,1997, p.340).

Seríamos, portanto, capazes de responder o que são essas emoções quando lemos, ou o que é essa alegria que sentimos quando lemos tão profundamente que nos faz muitas vezes viver a história? Será que nossos respondentes sabem por que a leitura de Verissimo faz tão bem para eles? Para Manguel, de fato, não sabemos:

(...) lemos ignorantemente. Lemos em movimentos longos, lentos, como que pairando no espaço, sem peso. Lemos cheios de preconceitos, com malignidade. Lemos generosamente, arranjando desculpas para o texto, preenchendo lacunas, corrigindo erros. E às vezes, quando as estrelas são favoráveis, lemos de um único fôlego, com um arrepio, como se alguém ou algo tivesse ‘caminhando sobre nosso túmulo’, como se uma memória tivesse subitamente sido resgatada de um lugar no fundo de nós mesmos – o reconhecimento de algo que nunca soubemos que estava lá, ou de algo que sentimos vagamente, como um bruxuleio ou uma sombra, cuja forma fantasmagórica ergue-se e instala-se em nós, sem que possamos ver o que é, deixando-nos mais velhos e sábios (MANGUEL, 1997, p.340).

Diante desse paradoxo do saber e do não saber exatamente por que lemos, finalizamos este tópico com falas³² dos leitores a respeito dos textos de Verissimo, que se, por um lado, não apresenta um porquê de ler, por outro nos mostra aquilo que sentem quando imersos nas crônicas. O mestre em Educação Física, 28 anos, diz: “São diálogos geniais”; a professora de Inglês, 26: “Adoro relê-la (a crônica *A aliança*) e “refazer” a história na minha cabeça. No final sempre dou risada e penso ‘nossa, isso é verdade, a gente (mulher) é assim mesmo’; a professora do lar, 30: “Sinto como se LFV tivesse escrito ‘Lixo’ especialmente para mim. Acredito que muitos leitores tenham grande identificação com as personagens classe-média criadas por ele e com as situações do cotidiano que ele narra”; e por último, o secretário da Bahia de 23 anos: “Verissimo é muito vasto em suas temáticas, e isso é que é extraordinário

³² Novamente os trechos citados expõem transcrições dos questionários.

em suas leituras. Talvez eu tenha algum dia o prazer de conhecê-lo e felicitá-lo por este grande acervo literário, que é a sua obra.”

4.3. VERISSIMO NAS BANCAS: O LEITOR DO JORNAL

No último ambiente pesquisado por nós, bancas de jornal e revistas, a mesma quantidade de pessoas foi convidada a responder aos questionários da pesquisa, isto é, 10 (dez) pessoas, dentre elas homens e mulheres que tivessem idade a partir de 31 anos. Na primeira banca, Banca Esportiva, situada em uma área central da cidade de Maringá/PR, a pessoa mais “velha” a responder ao questionário foi uma de 59 anos. As profissões foram bem diversas, dentre elas aposentada (bancária), revisor de textos, biólogo, construtor, professora (3), servidora pública, enfermeira, escritor. Mais uma vez, a profissão de professor repetiu-se, assim como no grupo dos respondentes das comunidades do *Orkut*.

Os frequentadores de uma segunda banca também foram convidados a participar da pesquisa, a Jornal & Cia. Enquanto a primeira banca é localizada em uma região central, a segunda é um pouco mais afastada; assim escolhemos com o intuito de promover um contraste entre ambientes e grupos de leitores distintos. A faixa etária para essa banca, assim como para a primeira, foi a partir de 31 anos, porém nesta segunda a pessoa “mais velha” foi uma de 45 anos.

As profissões também foram variadas e dentre elas temos: coordenadora de produção em indústria metalúrgica, gerente de cafeteria, pedagoga/terapeuta familiar, psicólogo, administrador de empresas/acadêmico de Direito, jornalista (2), geógrafo, professora e servidora público. Diante dos dados de ambas as bancas, notamos que não é possível estabelecer algum critério como, por exemplo, na Banca 1³³ as profissões nos sugerem que as pessoas são mais favorecidas financeiramente, ao contrário do que acontece na Banca 2. Esse tipo de consideração não é viável, mesmo em se tratando de bairros distintos. Parece-nos que em ambas as bancas, há profissões que são mais favorecidas financeiramente em detrimento de outras.

Quanto à escolaridade, temos os seguintes dados:

Banca 1:

³³ A Banca Esportiva será denominada por nós de Banca 1, enquanto a Jornal & Cia será chamada de Banca 2.

- Pós-graduação (Mestrado) (3)
- Pós-graduação (1)
- Especialização (1)
- Superior (5)

Banca 2:

- Pós-graduação (4)
- Superior (4)
- Ensino Médio (2)

A partir dos dados acima, notamos que na Banca 1 o nível de escolaridade dos respondentes é maior que na segunda banca. É fato que na Banca 2 também há respondentes com pós-graduação, porém, nem todos nos revelaram ter ensino superior, justamente o que difere a primeira da segunda, pois 2 (dois) respondentes indicaram o ensino médio. Assim, no que se refere ao grau de escolaridade, podemos dizer que a Banca 1 é mais favorecida.

Considerando a frequência de leitura de jornal, de revista, de livros e de acesso a sites e blogs, podemos fazer uma comparação entre as duas tabelas:

	Todos os dias	Mais de duas vezes	Uma vez	Nunca
Jornais	8	2	0	0
Revistas	1	5	4	0
Livros	5	5	0	0
Sites/ Blogs	7	2	1	0

Tabela 3. Frequência de leitura realizada pelos 10 (dez) respondentes da Banca 1 nos suportes mencionados

	Todos os dias	Mais de duas vezes	Uma vez	Nunca
Jornais	5	0	4	1
Revistas	2	4	4	0
Livros	4	4	2	0
Sites/ Blogs	9	0	1	0

Tabela 4. Frequência de leitura realizada pelos 10 (dez) respondentes da Banca 2 nos suportes mencionados.

Diante das tabelas, julgamos que assim como no grupo das comunidades de *Orkut*, os respondentes das bancas também dispõem de diferentes suportes de leitura. Um dado significativo é que em ambas as bancas o ciberespaço é acessado com grande frequência, quase que diariamente, mostrando que isso não é exclusividade do público jovem e nem apenas dos internautas. Não obstante haja diferenças, nos três ambientes pesquisados há esse acesso. Apontamos ainda que na Banca 2, a frequência de acesso a sites e blogs é maior do que a leitura do jornal, enquanto que na Banca 1 a diferença foi de apenas um número entre as alternativas jornal e ciberespaço. Isso pode nos levar a pensar na facilidade da leitura através da internet, e a considerar também que estas pessoas têm acesso a este meio, talvez em suas próprias residências, no ambiente de trabalho ou em outros lugares.

Dentre os jornais destacados pelos leitores, constam os seguintes:

- Diário de Maringá* (6)
- Folha online*
- Folha de São Paulo* (2)
- Estado de São Paulo* (5)
- Folha do Paraná*
- O Estado do Paraná*
- Gazeta do Povo*

A maioria dos respondentes da Banca 2, mencionou dois jornais, *O Estado de São Paulo* e a *Folha de São Paulo*, como principais, e o *Diário de Maringá* ocupou lugar

secundário. Notamos assim, que o jornal para o qual Verissimo escreve é um dos mais indicados pelos leitores, isto pode nos levar a pensar que eles leem o escritor gaúcho no jornal, o esperado para nossa pesquisa. Quanto à Banca 1, observamos uma maior variedade de jornais, contudo, *O Estado de São Paulo* também é citado, assim como na Banca 2, como um dos principais jornais lidos pelos respondentes.

As revistas mais lidas pelos participantes foram:

Bancas 1 e 2, respectivamente:

- Isto é* (3)
- Veja* (7)
- Boa Forma*
- Superinteressante* (3)
- Galileu*
- Revista da Língua Portuguesa*
- Época*

- Isto é* (2)
- Exame* (3)
- Mundo Jovem*
- Bravo!*
- Cult*
- Veja* (4)
- Científicas em geral
- Claudia*
- Nova*

Considerando ambas as bancas, 1 e 2, a revista mais lida novamente foi a *Veja*, assim como nos grupos dos estudantes e dos leitores do ciberespaço. Outrora mencionamos nosso ponto de vista sobre esta revista, no que tange à apresentação de um ponto de vista particularmente fechado; no entanto, essa mesma revista mostrou-se a mais lida nos três ambientes investigados por nós. Nesse passo, importa considerar que a *Veja* oferece um panorama capaz de atender a vários públicos, primeiro por meio da linguagem, e segundo,

porque oferece matérias variadas – política, economia, cultura, arte, dentre outros assuntos □ alcançando diferentes públicos.

As demais revistas mais votadas pelos leitores foram *Isto é*, *Exame* e *Superinteressante*. A *Isto é*³⁴ é uma revista que também proporciona notícias e reportagens do Brasil e do mundo, mas não apresenta grande circulação como a *Veja*. A revista *Exame*³⁵, por seu turno, é mais voltada para economia, finanças e negócios; portanto, é mais específica para pessoas das áreas mencionadas. A maioria de suas reportagens gira em torno de empresas, de como elas se desenvolvem e assim por diante. E seus textos são revestidos de uma linguagem mais restrita, tendo em vista os assuntos que aborda. Por fim, a *Superinteressante*³⁶ indica diversidade de pesquisas realizadas em âmbito nacional e internacional, relacionadas a comportamento, saúde, tecnologia, futuro, história, e outros.

Quanto aos últimos 5 (cinco) livros lidos pelos participantes da pesquisa, estes também se mostram diversificados e muitos estão relacionados à profissão de cada um. São os que se seguem.³⁷

Banca 1:

- Livros para concurso público
- *A viagem de Theo* (Catherine Clément)
- *Pai rico pai pobre* (Robert Kiyosaki; Sharon Lechter)
- *Médico de homens e de almas* (Taylor Caldwell)
- Harry Potter (J. K. Rowling)
- *Os pilares da Terra* (I e II) (Ken Follet)
- *Poderes emergentes em Ásia*³⁸
- *As crônicas de Nárnia* (C. S. Lewis)
- *The life of Pi* (Yann Martel)
- *O menino do pijama listrado* (John Byne)

³⁴ Informações retiradas do site www.istoe.com.br/capa.

³⁵ Site www.portalexame.abril.com.br/.

³⁶ Site www.super.abril.com.br/.

³⁷ Todos os dados retirados dos questionários, como nomes de livros, jornais e revistas bem como partes de algumas respostas são descrições sem correção.

³⁸ Autor não encontrado.

- O leitor* (Bernhard Schlink)
- O segredo* (Rhonda Byrne)
- Malinche* (Laura Esquivel)
- Ensaio sobre a cegueira* (José Saramago)
- Olhai os lírios do campo* (Érico Verissimo)
- São Bernardo* (Graciliano Ramos)
- Teatro* (Machado de Assis)
- Escritos Avulsos* (Machado de Assis)³⁹
- O retrato I* (Érico Verissimo)
- O dia do Chacal* (Frederick Forsight)
- A insustentável leveza do ser* (Milan Kundera)
- Sexo e destino* (Chico Xavier)
- Em busca da verdade* (Divaldo Pereira Franco)
- Zona morta* (Stephen King)
- De Machado de Assis a Lourenço Diaféria: antologia da crônica brasileira* (org. Douglas Tufano)
- A décima segunda noite* (Luis Fernando Verissimo)
- Sementes de Amora* (Isolda Marinho)
- O santinho* (Luis Fernando Verissimo)
- Os melhores contos de Balzac* (Honoré de Balzac)
- Hoje é seu aniversário- prepare-se* (Antonio Bras Constante)
- Deus um delírio* (Richard Dawkins)
- O guia dos mochileiros das galáxias* (Douglas Adams)
- O caçador de pipas* (Khaled Hosseini)
- A menina que roubava livros* (Markus Zusak)
- Diversos de literatura esotérica e espírita
- O retrato de Dorian Gray* (Wilde)
- Memórias Póstumas de Brás Cubas* (Machado de Assis)
- A dança do universo* (Marcelo Gleiser)
- Cartas a Guiné Bissau* (P.F)

³⁹ Nos parece que o título desta obra é *Papéis avulsos*.

- O passe espírita* (Luis C. de M. Gurgel)

Banca 2:

- Anjos e demônios* (Dan Brown)
- O jogo do anjo* (Carlos Ruiz Zafón)
- O matuto* (Zibia Gasparetto)
- Quando chega a hora* (Zibia Gasparetto)
- Nada dura para sempre* (Zibia Gasparetto)
- Marley e eu* (John Grogan)
- Eram os deuses astronautas* (Erich Von Däniken)
- Christiane F. – aos 13 anos drogada e prostituída* (Horst Rieck; Kai Herman)
- Shagum*⁴⁰
- Ramsés* (Cristian Jacq)
- Comédias brasileiras de verão* (Luis Fernando Verissimo)
- O monge e o executivo* (James Hunter)
- O imperador do vinho* (Elin McCoy)
- Guia do Barista* (Edgard Bressani)
- O melhor das comédias da vida privada* (Luis Fernando Verissimo)
- Os homens que não amavam as mulheres* (Stieg Larsson)
- Coração ferido* (Celsie Cain)
- Sedução* (Nicole Jordan)
- O beijo das sombras* (Richelle Mead)
- Quando termina é porque acabou* (Greg Behrendt)
- Freud e Reich: ruptura ou continuidade* (Cláudio Mello Wagner)
- Lacan* (Gerard Miller)
- Razões públicas, emoções privadas* (Jurandir Freire-Costa)
- A neurose obsessiva* (Charles Melman)
- Atos obsessivos e práticas religiosas* (Sigmund Freud)
- O amor acaba: crônicas líricas e existenciais* (Paulo Mendes Campos)
- Nova antologia poética* (Vinícius de Moraes)

⁴⁰ Autor não encontrado.

- Quase tudo* (Danuza Leão)
- Auto-engano* (Eduardo Giannetti da Fonseca)
- Freios e contrapesos* (Paulo Fernando Silveira)
- Livros técnicos
- Escrevendo pela nova ortografia Antonio Houaiss* (Instituto Antonio Houaiss e João Carlos de Azevedo)
- A linguagem da encenação teatral* (Jean Jacques Roubine)
- Palestras de Juscelino Kubitschek*⁴¹
- A sangue frio* (Truman Capote)
- A arte de fazer um jornal* (Ricardo Noblat)
- A era das revoluções* (Eric J. Hobsbawm)
- Bola de neve* (Alice Schroeder)
- Formação econômica do Brasil* (Celso Furtado)
- Casais legais enriquecem juntos* (Gustavo Cerbasi)
- Filhos brilhantes alunos fascinantes* (Augusto Cury)
- O local da cultura* (Hommi Bhabha)
- E a história começa* (Amós Oz)
- A identidade na pós-modernidade* (Staurt Hall)
- Humanismo e Crítica Democrática* (Edward Said)
- Minhas Contas* (Luiz Antonio)
- Palavras de especialista* (Samantha Ettus)
- O que aprendi com Warren Buffet* (Barnett C. Helzberg)
- Rico sem dinheiro* (Alexander Von Schönburg)
- A arte de fazer acontecer* (David Allen)
- The king Arthur and the knights of the round table* (Roger L. Green)

Dentre os livros mencionados pelos leitores da Banca 1, temos uma grande diversidade de clássicos da literatura nacional como Machado de Assis, Graciliano Ramos, Érico Verissimo, bem como da estrangeira, como Balzac e Wilde, mas a proporção desta última é menor em relação à nacional. Há ainda muitos best-sellers estrangeiros, autoajuda e

⁴¹ Autor não encontrado.

também livros de cunho religioso, sobretudo espíritas, como os de Chico Xavier e os de Divaldo Pereira Franco. Notamos apenas um livro citado em língua estrangeira, *The life of Pi*, sugerindo que foi lido em inglês, enquanto os demais que são de outros idiomas, tratam de traduções como *Malinche*, de Laura Esquivel, cujo idioma no original é espanhol.

Quanto aos livros de Verissimo, constatamos dois, um romance e um de crônicas. Ainda sobre este último gênero, há um livro com estudos de alguns cronistas mais destacados, sob o título de *De Machado de Assis a Lourenço Diaféria: antologia da crônica brasileira* (org. Douglas Tufano), mostrando que a crônica é um dos gêneros mais ricos de nossa literatura e também apresenta alguns textos selecionados.

No que diz respeito à Banca 2, observamos uma variedade de livros, porém, em se tratando de clássicos literários tanto nacionais quanto de literatura estrangeira, não foram apontados. Levando em consideração os respondentes da outra banca, esta segunda apresenta uma maior quantidade de best-sellers, autoajuda e religião, o que vem nos provar que são livros muito lidos e aceitos por uma grande quantidade de leitores.

Os livros de autoajuda apontados se valem de temas como liderança, finanças e comportamentos em geral. Acreditamos que os leitores precisam ser maduros para escolher o tipo de leitura que mais lhes agrada e com o qual mais se identifiquem. Contudo, a nosso ver, necessitam também experimentar e vivenciar outros tipos de experiências estéticas que possam abalar seus horizontes de expectativas, para que possam “desconfiar” das leituras e então se identificarem ou não com elas.

Outro ponto a ser considerado no grupo de leitores da Banca 2, são três exemplos de leitores que apresentaram obras relacionadas com suas carreiras, dos 5 (cinco) livros, 4 (quatro) ou 5 (cinco) são restritos à área de suas profissões. O primeiro exemplo é de um psicólogo que apresenta livros sobre Lacan, Freud e alguns temas como a neurose; o segundo é uma mestrandia em literatura citando livros relacionados à pós-modernidade, identidade e pós-colonialismo; e o terceiro e último exemplo é o de uma jornalista, que cita uma obra sobre a arte de fazer um jornal e outra sobre língua portuguesa. Para nós, é necessário que o leitor não permaneça “confinado” em determinados estilos de leitura e, desse modo, a leitura literária surge como uma opção de mergulho na ficção, uma busca de encontros e desencontros nos enredos, uma mescla de histórias de leitor e de texto para que a vida leitora desse público não se “acomode” a um gênero específico.

Concordamos com Zilberman (1990) quando considera que o texto literário contribui, sim, para a formação do homem □ o que Candido (1972) também observa anteriormente □, colaborando para seu aprimoramento intelectual e ético. Para a estudiosa, na ficção não há leitura sem um trabalho conjunto entre imaginação e intelecto, e a obra literária, enquanto criação, não pode ser realizada sem que a imaginação do escritor seja, num primeiro momento, ativada. O leitor busca na literatura elementos que expressem seu mundo interior e nesse passo, o mundo criado no texto literário incita seu imaginário promovendo manifestações, motivo pelo qual algumas leituras se confundem com nossa vida.

Os estudos de Petit (2008) buscam refletir como nos tornamos leitores; e sabemos que, em grande parte, essa é uma questão social. Mas é fato que os determinismos sociais não são absolutos. Podemos afirmar, por exemplo, que um público desfavorecido financeiramente ou até mesmo oriundo de família com pouco estudo pode produzir grandes leitores. E foi exatamente isto que a pesquisadora nos mostrou em suas investigações, pois, atuando em áreas pobres da França encontrou uma série de leitores que a surpreenderam. O contrário também é verdadeiro, pode ocorrer que pessoas de meios mais favorecidos não leiam ou que limitem essa prática a uma área profissional, como observado nos hábitos de nossos leitores, ou a um gênero textual. A autora cita exemplos de estudantes universitários que leem apenas teses e dissertações, bibliotecários que se limitam a ler contracapas ou ainda professores de literatura que apenas folheiam os manuais pedagógicos. E acrescenta:

Essas diferenças entre pessoas de uma mesma categoria social podem ser atribuídas em parte à diferença de temperamento. Os médicos homeopatas distinguem, por exemplo, diferentes tipos de pessoas, diferentes perfis, que segundo eles teriam uma relação diferente com a leitura. É muito divertido. Uma médica homeopata um dia me explicou que as pessoas que fazem uso do remédio *Sépia* são as que têm maior relação com a leitura (...) (PETIT,2008, p.139).

Portanto, nós, pesquisadores, estamos sempre objetivando decifrar nossos leitores e entender melhor como se dá o processo de suas escolhas, por que leem mais isso que aquilo, podendo acrescentar em nossas conclusões que a leitura tem muito da individualidade de cada um, ainda que todos façam parte de grupos. E certamente isso é o fascinante da leitura, de ser diferente e de atuar ou não atuar na vida dos leitores.

Quanto aos sites e blogs que os participantes mais acessam, observamos:

- Blog do Josias* (Folha online)
- Blog da Embaixada* (idem)
- Blog do Reinaldo Azevedo* (Veja on line)
- Blog Classe média way of life* (blogspot)
- Comunidade de Verissimo no Orkut*
- Comunidade Hienas Verissimianas*
- Olavo de Carvalho nos odeia* (Orkut)
- Discutindo literatura*
- Folha online*
- Blog do Noblat* (Globo online)
- Kibeloco*
 - Cyanide & Happiness, Blog do Juca, Capinaremos, Banguela, Sedentário & Hiperativo, Ocioso, Brainstorn, Brogui*
 - Yahoo e Hotmail*
 - Skoob e Filmow*
 - UOL*
 - PCI concursos*
 - F. Carlos Chagas*
 - Vunesp*

Banca 2:

- Blog mais.tempo.com.br*
- Zenhabits.net*
- Colunistas.ig.com.br*
- Bookmarks*
- Dinheirama.com/blog www.ted.com/www.eslpod.com*
- www.englishexperts.com.br*
- Blog socialistas, políticos e literários*
- 4share.com*
- xpi.com*
- Veja, Isto é, O Globo, BM&F, Bovespa, Bacen, Foreign-policy news*

- *UOL (2), Abril, G1*
- *Blogs.abril.com/narrativasculterais, Wordpress, Folha online, Estadão*
- *Orkut (5), Facebook, Skoob e Livro é tudo*
- *Twitter (2) e MSN*
- *Terra*

Observamos também que os leitores de ambas as bancas nos mostraram uma multiplicidade de opções: sites de relacionamentos, acesso a e-mail, sites de notícias, blogs de colunistas diversos, comunidades do Orkut (por exemplo- Hienas Verissimianas), que buscam discutir os falsos textos atribuídos a Verissimo. Há também sites relacionados à literatura e vários outros com fins de entretenimento como Kibe Loco que é um blog humorístico. Diante de tanta diversidade, notamos que os respondentes das bancas também buscam leituras através do ciberespaço, inclusive leituras ou discussões sobre os textos de Verissimo, mostrando-se abertos para diferentes suportes de leitura. O que parece ameaça para muitos estudiosos – a leitura no ciberespaço □ para os respondentes é algo simples, sem terem abandonado os livros para utilizar apenas a leitura na tela de seus computadores. É como acreditamos, apenas outra possibilidade.

Quando os respondentes foram questionados se têm o hábito de ler crônicas, todos responderam de modo afirmativo; e quanto ao suporte em que leem essas crônicas, responderam: na Banca 1: jornal (5), revistas (1) e livros (5), enquanto na Banca 2: jornal (7), revista (2), livros (8) e sites e blogs (0). Os respondentes de ambas as bancas afirmam não lerem crônicas no ambiente virtual, o que mostra que estas respostas se contradizem com as anteriores, apontando que o acesso a sites e blogs é grande, inclusive de literatura e alguns relacionados a Verissimo. Por outro lado, esses dados podem significar que os leitores não tenham “consciência” de que realizam leitura de crônicas no ciberespaço. Os suportes mais votados são o jornal e o livro, o que pode sugerir que a leitura para esses respondentes esteja relacionada aos suportes “concretos”.

Na sequência, apresentamos os jornais que foram citados; *Folha de São Paulo* (3), *O Estado de São Paulo* (5), *Zero Hora*, Gilberto Dimenstein, José Simão, Luis Fernando Verissimo (em vez de relatarem o nome do suporte, alguns respondentes já citaram o nome dos escritores).

Os jornais de preferência para leitura de crônicas pelos leitores da Banca 2 são o *O Estado de São Paulo* e o *Zero Hora*. Já as revistas mais votadas foram a *Veja*, *Exame* e *Isto é*, como já observado em outra questão.

Relacionados à Banca 1, outros 5 (cinco) citaram a *Veja* e apenas 1 (um), a *Época*, dois nomes foram citados como Roberto Pompeu de Toledo e Leonardo Attuch (o primeiro escreve para a revista *Veja* e o segundo, para a *Isto é*).

Os livros de crônicas mencionados foram os relacionados abaixo:

- Comédias da vida privada* (2)
- Carlos Drummond de Andrade
- Mais comédias para ler na escola*
- Analista de Bagé* (2)
- Entre a ciência e a sapiência*
- As mentiras que os homens contam*
- Ed Mort e outras histórias*
- Sexo na cabeça*
- Todos do Veríssimo
- Sertão: Veredas*
- Memórias Póstumas de Brás Cubas*
- Casa Grande e Senzala*
- e Miguilim*
- O Evangelho Segundo Jesus Cristo*
- Os pilares da Terra*
- 100 anos de solidão*

Vale destacar que alguns respondentes se equivocaram, pois na resposta em que deveriam informar apenas livros de crônicas, foram mencionadas outras obras, como os sete últimos livros da lista. Isso foi observado nos leitores da Banca 1. No que diz respeito à Banca 2, os leitores nos apresentaram livros ou nomes de cronistas, de acordo com a pergunta do questionário. Nesta mesma banca, apenas um leitor mencionou um livro que não trata de crônicas, mas sim, de um romance de Verissimo: *O jardim do diabo*, primeiro romance do

escritor, publicado em 1988 e que em 2005 voltou para as publicações em conjunto com toda sua obra que está sendo publicada novamente pela editora Objetiva.

Os livros de crônicas da Banca 2:

- Comédias da vida privada*
- O jardim do diabo*
- As mentiras que os homens contam*
- Outras do analista de Bagé*
- Qualquer um do Veríssimo
- Para gostar de ler e os do Veríssimo
- O amor acaba-* crônicas líricas e existenciais (Paulo Mendes Campos)
- Lima Barreto

Já no que se refere aos sites e blogs respondidos pelos leitores da Banca 1 temos: os citados anteriormente, como *Comunidades do Orkut de Veríssimo (2)*, *Blog do Juca*, *Manual do Cafajeste*, *UOL*, *Google*, *Vunesp*. Na Banca 2, temos os seguintes apontados: *Twitter*, *Orkut* (comunidade do Orkut- Hienas Verissimianas), *MSN*, *www.scribid.com* e *www.tvcultura.com.br/provocações*. Observamos também que nesta resposta, alguns sites e blogs citados pelos respondentes estão equivocados, já que não apresentam crônicas, como o site da *Vunesp* ou *MSN*, por exemplo, notando ainda que este tipo de confusão ocorreu em ambas as bancas.

Dentre os cronistas favoritos do primeiro grupo (Banca 1) estão: Luis Fernando Verissimo (6), Vários (2), Arnaldo Jabour (2), Contardo Calligaris, Pasquale Cipro Neto, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Rubem Braga, Diogo Mainardi, Rubem Alves, Juca Kfourri e Roberto Pompeu de Toledo.

No que confere aos cronistas favoritos dos leitores do segundo grupo (Banca 2) temos: Lima Barreto, Machado de Assis, Darcy Ribeiro, Luis Fernando Verissimo (7), Jô Soares, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Clóvis Rossi, Ricardo Noblat, Milton Hatoum e Bertold Brecht. Em ambas as bancas, Verissimo aparece como o favorito entre os leitores, bem como no grupo de estudantes e dos leitores do ciberespaço. No entanto, os demais cronistas foram mais variados aqui que nos dois ambientes anteriormente analisados (o escolar e o ciberespaço).

Nesse caminho, importa mencionar que alguns escritores citados não são cronistas, por exemplo, Roberto Pompeu de Toledo é ensaísta da *Veja*, no entanto, sabemos que o ensaio é um gênero muito livre e de dificuldades de ser definido e por isso suas fronteiras com a crônica podem não ficar esclarecidas. De um modo geral, o ensaio trata de um estudo crítico ou histórico, que normalmente é publicado em livros, revistas científicas, notadamente acadêmicas.

Outro escritor que também foi ensaísta é Darcy Ribeiro, também antropólogo e político que se ocupou com a educação no país. Jô Soares, também citado, é humorista, apresentador de televisão e diretor teatral; suas obras escritas são romances, portanto, não é cronista.

Milton Hatoum é escritor, tradutor e professor de Literatura na Universidade Federal do Amazonas, já foi, aliás, premiado pelo prêmio Jabuti com um de seus romances. Mas não é cronista. E o último mencionado de forma equivocada é Bertold Brecht, poeta e dramaturgo alemão, que mudou a história do teatro com suas inovações nas atuações buscando, sobretudo, a não passividade do público no teatro.

Quando os respondentes foram questionados se leem Verissimo e onde o leem, responderam: jornal (5), livros (10) e sites e blogs (2). Os jornais citados foram: *Zero Hora*, *O Estado de São Paulo* (5), *Folha de São Paulo* (2), *O Globo*. Quanto às respostas da Banca 2, ficaram equilibradas entre dois suportes: o jornal (*O Estado de São Paulo*) e o livro. Os demais suportes, revistas e sites e blogs, não foram citados.

Os livros apontados são os seguintes:

Banca 1

- Crônicas para se ler na escola* (2)
- O analista de Bagé* (2)
- Comédias da vida privada* (2)
- Mais comédias para ler na escola*
- Olhai os lírios do campo* (equivocado, já que se trata de uma obra escrita por Érico Veríssimo, pai de Luis Fernando Verissimo)
- A grande mulher nua*
- As mentiras que os homens contam* (2)
- Ed Mort e outras histórias*
- Orgias*

- Todos
- Crônicas
- Nosso espaço* (texto adaptado para concurso)

Banca 2:

- Comédias para se ler na escola* (3)
- Comédias da vida privada* (2)
- As mentiras que os homens contam*
- Clube dos anjos: Gula*
- Melhor das comédias da vida privada*
- Todas as histórias do analista de Bagé*
- Sexo na cabeça* (2)
- O analista de Bagé* (3)
- Outras do analista de Bagé*
- A mãe do Freud*
- A mulher do Silva* (2)
- Ed Mort*
- O marido do Dr. Pompeu*
- A mesa voadora*
- O popular*
- Para gostar de ler*

Os mesmos livros que foram citados como os mais lidos pelo grupo de leitores das comunidades de Orkut foram os dos grupos de leitores das bancas, e alguns desses mesmos livros também foram citados pelos estudantes, revelando que os textos de Verissimo realmente alcançam e divertem um público muito variado. Acreditamos que seja este o intuito do escritor, já que em entrevista conosco, perguntamos a ele para qual público direciona suas produções e ouvimos: “Não escrevo para um público específico. Procuo satisfazer a mim mesmo, e esperar que o gosto do leitor coincida com o meu.” Portanto, notamos que o gosto dos leitores, aliás, de muitos leitores coincidem com o do cronista.

É necessário comentar dois livros citados pelos respondentes da Banca 2, como os mais lidos, pois não foram comentados até então. *Sexo na cabeça* (2002), com 45 crônicas,

muitas inéditas, todas relacionadas a sexo, relacionamentos de namorados, manias, fetiches e todas com a dose certa de humor, ingrediente fundamental de seus textos. O outro é *A mulher do Silva* (1984), um dos primeiros livros do escritor, indicando textos que nos divertem e ao mesmo tempo nos fazem refletir sobre nossos papéis e comportamentos na sociedade, o que não é exclusividade desse livro.

É oportuno salientar o equívoco de uma respondente ao mencionar o livro *Olhai os lírios dos campos* (1938), romance de Érico Verissimo □ pai do escritor em questão. A mesma respondente cometeu este equívoco durante todas as respostas, isto é, ela preencheu o questionário tratando de Verissimo pai, e não de Verissimo filho. Este fato pode ter ocorrido, talvez, pois o sobrenome de ambos é o mesmo, contudo, nosso questionário mostrou muito claramente que estávamos nos referindo a Luis Fernando Verissimo e a sua produção de crônicas. Inclusive, quando conversávamos com os respondentes, também reforçávamos o nome do escritor. Talvez a confusão observada na resposta acima esteja relacionada com o fato de que Luis Fernando Verissimo ficou, no início de sua carreira e até determinado tempo, “à sombra da obra de seu pai”- Érico Verissimo. Portanto, o destaque e a consolidação de seu estilo são recentes.

A pergunta a seguir questiona como os leitores se interessaram pela leitura do escritor e a frequência da leitura de crônicas. Reportando-nos à Banca 1, as formas como se interessaram por Verissimo foram diversas e algumas se repetem nas do grupo de leitores do ciberespaço. Os leitores (2) nos revelaram que se interessaram por meio da própria escolha por livros do autor e continuam até hoje. Outro respondente mencionou que foi a partir de um livro específico *Sexo na cabeça*, já comentado por nós; outros 3 (três) disseram que se interessaram na adolescência e na escola e que leem diariamente; outro afirmou que foi através de um programa de televisão; outro, há uns 20 anos quando escrevia para a *Veja e* mencionou que lê a produção semanal do escritor; e uma última respondente revelou que foi através de uma amiga. Constatamos aqui que poucos mencionaram a frequência de leitura.

Já na Banca 2, dos que responderam, 4 (quatro) apontaram que foi a partir da escola, com frequências variadas entre diariamente e mensalmente e um deles citou a coleção *Para gostar de ler*. Um último respondente mencionou que começou a ler através de uma revista, mas sem nomeá-la. As demais respostas estavam em branco.

Observando a realidade estudada nesta pesquisa, confirmamos uma vez mais a importância do papel da mediação escolar no incentivo à leitura, levando os alunos a novas

experiências estéticas para se sentirem prontos para realizar suas próprias escolhas. No entanto, sem conhecer a diversidade textual, não é fácil selecionar materiais de leitura. E uma vez mais a série *Para gostar de ler* foi indicada, mostrando que esta coleção acabou sendo um percurso interessante pelo qual muitos dos leitores de Verissimo iniciaram, ainda na escola, sua jornada verissiana, permanecendo até os dias atuais. Vale lembrar que estes dois grupos apresentam os respondentes mais “velhos” dos grupos que participaram da pesquisa, provando que uma boa mediação é um impulso para a formação de leitores.

Na quinta pergunta, os respondentes foram questionados sobre o que mais lhes chama a atenção nos textos de Verissimo. Relacionamos abaixo as qualidades apontadas.

Banca 1:

1. Humor discreto.
2. Humor, linguagem e vocabulário.
3. Leveza e criatividade.
4. Profundidade de reflexão que seus textos, de linguagem simples e objetiva, abordando temas cotidianos, conseguem atingir.
5. Ironia, pois são tratadas situações aparentemente triviais, mas que possuem um significado subjetivo importante.
6. O senso de humor irônico, marcante e outros.
7. Visão crítica, sempre bem humorada e recheada de ironia que ele geralmente escreve.
8. A criatividade dos enredos e a espontaneidade da linguagem (acessível e descontraída), frases curtas, diálogos e reflexões rápidas e interessantes.
9. Mudança de direção do texto de forma surpreendente causando, com esse artifício, grandes efeitos de humor.

Banca 2:

1. Humor fino e ironia, maneira inesperada como finaliza o texto.
2. Maneira irônica e inteligente como escreve (ao mesmo tempo).
3. A ironia com humor.
4. Modo irônico e requintado que ele direciona as histórias. Isto marca e prende o leitor.
5. A criatividade.

6. A comicidade.
7. A forma como ele consegue destrinchar o cotidiano de maneira tão irreverente, tornando até as desgraças verdadeiras pérolas.
8. Inteligência, falar a verdade como ela é.
9. É bem despretensiosa e reflete bem o cotidiano popular.
10. A ironia que leva à reflexão.

De um modo geral, observamos nos argumentos a respeito das crônicas de Verissimo marcas como o humor, a ironia, visão crítica e a criatividade ao abordar temas triviais e também a reflexão que todos estes ingredientes promovem.

De acordo com as considerações dos respondentes, observamos uma vez mais (assim como no grupo dos estudantes e no dos leitores do ciberespaço) que o humor é um artifício fundamental na escrita do cronista gaúcho. Conforme Minois (2003), o humor tem a necessidade do contraste: “é um duplo olhar, sobre os acontecimentos e sobre a vida; um simples olhar só vê as aparências e produz, de maneira inevitável, tolice ou fanatismo, ou mais frequentemente, os dois ao mesmo tempo” (MINOIS, 2003, p.305). O olhar humorístico é capaz de suscitar o riso mediante qualquer coisa, ainda que seja asneira ou fanatismo.

Minois (2003) também revela que Freud buscou estudar a importância adquirida do sentido do cômico na vida contemporânea. E é através do humor que ele promove o máximo resultado. Para o psicanalista, o humor nos permite atingir o prazer, apesar das dores e das dificuldades que deveriam perturbá-lo, impedindo o desencadeamento de afetos penosos, promovendo uma economia de desgastes afetivos, é, pois, nisso que reside o prazer proporcionado pelo humor (MINOIS, 2003, p.526).

Conforme Freud, o humor impede o surgimento do desprazer, não buscando retirar da consciência algo de penoso, mas transforma esta energia em prazer. “Assim, a pessoa que ri se poupa, de alguma forma, e ela ri por isso, ao passo que o homem triste se enfraquece” (p.527). Já aquele que faz rir (neste caso, as crônicas escritas por Verissimo) se utiliza de meios para chegar a um fim, pois, na maioria das vezes, o riso não é o fim, mas apenas transição. “Quando zombo de alguém, meu objetivo é humilhar, e por isso faço com que riam dele. Todos os tipos de ironia e zombaria visam a um objetivo que se situa além do riso”. Isso vem sustentar a ideia de que o riso não é gratuito. Excetuando o grupo dos estudantes, julgamos que a complexidade do humor e do riso é compreendida pela maioria dos

respondentes da pesquisa, sobretudo, porque nos esclarecem que o autor transitando tanto por temas cotidianos quanto por temas mais sérios, retrata o humor que desencadeia o riso, e que por sua vez, gera a reflexão.

Conferindo o modo com que os respondentes leem Verissimo, os dados da Banca 1 nos revelaram que 4 (quatro) deles usam dicionário e a mesma quantidade não apresenta dificuldades na leitura das crônicas. Outros 2 (dois) revelam que leem “se deliciando sempre” e fazendo releituras “com prazer”, às vezes buscando apenas expressões regionais. Pelos dados da Banca 2, 4 (quatro) revelaram não terem problemas na leitura; 2 (dois) pesquisam, mas não disseram onde; 2 (dois) usam dicionários e fazem releituras; e apenas 1 (um) lê comentários em comunidades do Orkut, compartilhando ideias de interpretação dos textos.

As respostas ficaram equilibradas em ambas as bancas entre respondentes que acreditam que as crônicas apresentam linguagem e vocabulários fáceis e entre aqueles que usam algum artifício ou algum tipo de pesquisa quando há obstáculos durante a leitura, sejam buscas no dicionário, na internet, fazendo releituras etc.. Vale salientar, aliás, que os textos de Verissimo, ou até mesmo as crônicas em geral, escondem muito por meio de sua simplicidade. Porém, acreditamos que esses sejam leitores “maduros” e saibam quais caminhos devem seguir quando estão imersos em suas leituras, mas é preciso “desconfiar” sempre, principalmente quando tudo se mostra muito óbvio e fácil.

Sobre a pergunta sete, se os leitores veem diferenças entre os textos publicados em livros e os publicados em jornais, houve 4 (quatro) respostas em branco, e para as demais os respondentes colocaram:

Banca 1:

1. O texto do jornal nos parece datado e abordando assuntos atuais, enquanto os do livro abordam temas mais universais.
2. No jornal, temas mais atuais e notícias surgidas recentemente; e nos livros várias crônicas ao redor de um assunto maior, sem limite de espaço, restrição a temas atuais, escrita mais leve.
3. O estilo é o mesmo, mas no jornal o texto nem sempre está inspirado, e o livro é uma escolha das melhores do jornal, mais espaço para textos puramente ficcionais.

4. Nos livros o autor escolhe os melhores textos para compor a obra e torná-la mais atraente ao leitor.
5. Não vejo.
6. Questão mais comercial.

Na Banca 2, temos:

1. Não sinto diferença. Talvez o fato de os textos publicados no jornal serem mais curtos, devido ao espaço.
2. O fato de ter de sintetizar o texto em um espaço como o jornal, sinto como se houvesse hiatos no texto.
3. Sim, há diferenças. No jornal devido o seu espaço curto e ao mesmo tempo para uma leitura rápida, existe a necessidade de um limite de caracteres. São textos mais objetivos apesar de perder a essência e estilo do autor.
4. Leio mais livros dele.
5. Os textos dos jornais são mais políticos e sobre acontecimentos atuais. Os do livro são mais sobre a vida privada cotidiana.
6. No jornal ele tem que ser mais direto, pelo curto espaço que tem, mas a inteligência é sempre a mesma.

Com relação aos respondentes da Banca 1, alguns deles afirmam características importantes da crônica no jornal, como por exemplo, levar em conta a atualidade dos textos do jornal, em contraste com a universalidade das crônicas do livro. Mas isso, acrescentamos, é questão de elas serem datadas e abordando algum assunto que está em voga ou comentário de alguma notícia. Os leitores levam em conta também a questão do espaço do jornal, pois se comparado com o livro, o espaço do primeiro é menor. Contudo, isso não é de todo verdadeiro, já que uma grande parte das crônicas vai do jornal para o livro e, na maioria das vezes, é o mesmo texto, mas que pela mudança de suporte, promove uma nova leitura, em um novo contexto. A questão da ficção também é levada em consideração, mostrando que, de fato, o jornal não oferece esta vantagem, mas algumas crônicas no jornal se tornam uma mescla de ficção com a inserção da notícia escolhida, no caso das personagens da família Brasil utilizadas por Verissimo.

Já dentre os leitores da Banca 2, 3 (três) respondentes disseram que não observam diferenças entre os textos do jornal e os do livro, ou ao menos não repararam. Outros revelaram, assim como os leitores da Banca 1, a questão do espaço limitado do jornal, por isso os textos são mais curtos. Outro respondente comenta que no jornal a essência do autor não é conservada e que a linguagem é mais objetiva, contudo a inteligência é a mesma. A nosso ver, as respostas dos leitores da Banca 1 foram mais consistentes apresentando pontos relevantes, enquanto que os da Banca 2 foram mais superficiais. Talvez essa questão possa estar relacionada com os aspectos sociais apresentados no início de nosso texto, lembrando que os respondentes da Banca 2 apresentam um nível de escolaridade inferior aos leitores da Banca 1.

Quando indagamos se eles leem textos de Verissimo na internet, observamos que na Banca 1, 6 (seis) respondentes disseram que não e 4 (quatro) citaram as comunidades do Orkut, como era o esperado. Na Banca 2, 7 (sete) responderam que não e 1 (um) em branco. As 2 (duas) respostas que foram positivas também apontam para as comunidades do Orkut. Nesse sentido, podemos confirmar que as comunidades são as preferidas para a minoria dos leitores do jornal, mas o livro continua com grande receptividade entre os leitores.

Os participantes compartilham os textos do autor com: alunos (2), amigos (4), família, membros das comunidades do Orkut, um não costuma comentar. Mas, sem dúvida, a resposta mais criativa foi a um de um respondente, construtor, que comenta Verissimo com as mulheres que deseja conquistar, revelando que o humor do escritor é afrodisíaco e que funciona sempre. Certamente concordamos quando Petit (2008) coloca que os leitores estão sempre nos surpreendendo e no modo como transportam as leituras para suas vidas. O questionário do respondente acima pode ser observado no ANEXO 6.

Os leitores da Banca 2, por seu turno, comentam as leituras com membros das comunidades, com amigos que também leem a obra, ninguém (2), escreve comentários em um blog direcionado ao mundo cultural e com amigos e familiares (até filhos que se tornaram fãs do autor) que têm o hábito da leitura. Notamos que a maioria dos leitores de ambas as bancas comenta as leituras do escritor gaúcho com alguém, sejam elas pessoas que também leem ou ainda pessoas que possam ser instigadas a ler tais crônicas, por meio de uma simples indicação de um amigo, ou como no caso da leitora que nos revelou que, com as leituras dela, apresentou Verissimo aos filhos, que são hoje grandes leitores dele. Este também não deixa de ser um modo de mediação de que nos fala Petit (2008).

A pesquisadora afirma que a família tem um papel fundamental na mediação da leitura, inclusive quando esta é negativa, pois pode acontecer que o jovem busque a leitura como uma autoafirmação, uma busca de si mesmo. A autora ainda faz um último comentário revelando que mesmo que muitos familiares nunca tenham proibido a leitura, há crianças que leem embaixo dos lençóis, às vezes com uma lanterna na mão:

Há uma dimensão de transgressão na leitura. Se tantos leitores leem à noite, se ler é com frequência um gesto que surge na sombra, não é apenas uma questão de culpa: assim cria um espaço de intimidade, um jardim protegido dos olhares. Lê-se nas beiradas, nas margens da vida, nos limites do mundo. Talvez não se deva iluminar totalmente esse jardim. Deixemos à leitura, como ao amor, uma parte de sombra (PETIT, 2008, p.146).

Na última pergunta pedimos aos leitores que comentassem um texto do autor que lhes tivesse deixado marcas positivas ou negativas. Do grupo investigado na Banca 1, 3 (três) leitores não mencionaram o nome de textos e 1 (um) se equivocou citando *Olhai os lírios do campo*. No que se refere aos títulos citados, temos: *O gigolô das palavras* (2), *Palavreado*, *Explícito*, *O analista de Bagé*, *Festa de criança* e *Nosso espaço*. Neste sentido, comentaremos algumas respostas que julgamos significativas.

Sobre o *Gigolô das palavras*, um construtor de 38 anos, coloca que Verissimo brinca com a rigidez da gramática, revelando não ter uma boa intimidade com ela, mas sim, com as palavras. Acrescenta ainda que é ele quem manda na gramática. Na opinião do leitor, este é um texto metalinguístico e “sugere a quem lê a ideia de liberdade criativa, no melhor espírito de modernidade” □ diz ele. E finaliza: “A semana de 22 poderia ter contado com essa crônica”. A Semana de Arte Moderna poderia, sim, contar com este texto em seu arquivo de tantas manifestações, pena que essa crônica ainda não havia sido escrita.

Para o outro leitor que cita a mesma crônica, professor de Português de 42 anos, esse foi o primeiro texto de Verissimo que ele leu, deixando marcas positivas. Ele comenta que o texto promove uma visão importante do estudo da gramática, devendo ser focado na clareza e elegância do texto, e não na imposição de regras. Ele enquanto professor, utiliza o texto com frequência em suas aulas. O questionário completo deste respondente encontra-se no ANEXO 7.

O texto *Explícito* é mencionado por uma professora de Português, de 59 anos, dizendo que a crônica é ótima, divertida e sugestiva, tornando o leitor coadjuvante das cenas, e nas palavras da leitora “para ele próprio imaginar o que de ‘bandalheira’ estaria ‘povoando’ sua

mente, ao mesmo tempo, preconceituosa e ingênua, porém extremamente curiosa, ávida por sexo, mesmo que na tela de cinema.”

A nosso ver, além dessas respostas, apenas uma mais foi significativa, a de um leitor, professor de Biologia, que mesmo não tendo citado o título de nenhum texto, nos fala com muita propriedade como é a leitura de Verissimo para ele e como ela atua em sua vida. O respondente nos conta que não conseguiria citar apenas um texto do autor, pois sua escrita sempre nos deixa marcas por conseguir descrever de modo impressionante passagens e situações do cotidiano com as quais quase todas as pessoas já se depararam ou ainda se depararão.

Revela ainda que quando Verissimo escreve “proporciona aos leitores reflexão e a possibilidade de ‘sair’ da situação e analisá-la com um olhar crítico e bem-humorado. Se tal situação é marcante, a reflexão sobre a mesma é assimilada de maneira extremamente significativa. Se nem tanto, o ponto de vista irônico proporciona uma bela distração e um ótimo passatempo para dias estressantes.” E ainda, de modo individual, o leitor coloca que a leitura do autor sempre proporcionou uma visão diferente sobre temas “tabus” como sexo, traição, mentiras e casamento.

Considerando os leitores da Banca 2, 2 (dois) participantes não citaram textos e os demais títulos apontados foram os seguintes: *As mentiras que os homens contam*, *O lixo*, *O lixo e Homem que é homem*, *Comédias da vida privada* e *A mãe do Freud*, *O analista de Bagé*, *Tu e eu* e *Provocações*.

O analista de Bagé é mais uma vez citado, assim como nos outros grupos de leitores, e o respondente, que é psicólogo, revela que esse é seu livro predileto, pois o autor consegue tratar de um tema tão elitizado e complexo como a psicanálise, de um modo divertido, com humor “esculachado – no bom sentido”, de que ele gosta muito.

Na sequência, uma professora de Inglês cita os textos do livro *As mentiras que os homens contam*, dizendo que são interessantes devido às nuances comunicativas, mal-entendidos, mentiras mais produtivas que verdades e as verdades que parecem mentiras. E ainda: “A ironia do autor, fina ou escancarada, gera descontração e leva a pensar sobre ações e relações humanas. A identificação do leitor com as situações narradas é quase sempre imediata e a leitura se torna muito prazerosa.”

Outro texto mencionado por um geógrafo é *Provocações*, mostrando que houve uma identificação dele com a personagem narrada até certa fase de sua vida, pois assim como na

ficção, ele aguentava todas as situações calado, e através da leitura do texto, houve uma mudança de ideia por parte do leitor, que disse: “aprendendo que aguentar calado por muito tempo não me fazia bem.” O questionário na íntegra encontra-se no ANEXO 8.

E a última resposta que julgamos importante é a da pedagoga, mostrando que “Se eu fosse citar um texto marcante fora do livro ‘Comédias...’ seria ‘A mãe do Freud’. O orgulho materno sempre foi algo além da compreensão humana. Acho que neste caso, nem Freud explicaria...”

Por meio de todas as respostas selecionadas por nós, cada leitor apontou motivos que os fazem ler Verissimo com prazer e diversão, mas ao mesmo tempo são capazes de mostrar suas reflexões, ora de modo geral, ora falando cada um de sua individualidade, entendendo que a história do texto e a história de vida de cada um são entrelaçadas. Com palavras de Goulemot (1996), quando lemos, fazemos emergir nossa biblioteca interior, sempre lembrando que os leitores são seres sociais, leem de algum lugar, têm determinada idade, certo nível de escolaridade, etc.. Mas acreditamos, assim como Petit (2008), que a leitura não torna ninguém melhor, mas é fato que, diante das declarações de nossos participantes, a leitura da crônica pode muitas vezes proporcionar um olhar diferente para dentro de cada um deles, principalmente de suas atitudes.

Nesse sentido, vale destacar o que Rony Farto Pereira em *Crônica: um olhar nas entrelinhas da vida* nos declara em seu estudo: que o olhar do cronista está sempre direcionado para as entrelinhas da vida, lugar onde se encontram as maiores emoções e lições tocantes. E confirma:

Ao fixá-las, recolhe os mosaicos de um mundo caleidoscópico e multifacetado, cooperando para transformá-las em verdadeira literatura, em que fervilham as paixões humanas e onde se encontram todos os ângulos com que se pode ver a experiência do ser humano no mundo em que vive (PEREIRA, 1998, p.04).

As palavras do autor bem nos resumem o que os respondentes podem sentir quando leem crônicas e, a partir de suas respostas e diante dos comentários de Pereira, confirmamos como a leitura da crônica, em especial a de Verissimo, toca profundamente nossos leitores.

4.4. PERFIL: ENTÃO, QUEM É O LEITOR DE VERISSIMO?

O intuito deste trabalho foi observar se encontraríamos leitores de Verissimo em três grupos distintos os quais denominamos: *grupo dos estudantes do Ensino Médio*, *grupo dos leitores do ciberespaço* e, por último, *grupo dos leitores das bancas de jornal e revistas*. Após a descrição dos dados realizados nos itens anteriores, neste tópico, relacionaremos as informações obtidas observando em que passo elas se assemelham ou se distinguem.

Levando em consideração todos os entrevistados pertencentes aos três grupos que compõem a pesquisa, afirmamos que os jovens estudantes não poderiam ser integrantes de um perfil de leitores do autor, uma vez que seus conhecimentos da obra do autor nos pareceram superficiais, quiçá porque tiveram um único contato com crônicas — pelo menos a maioria deles —, não sendo suficiente para formar uma opinião sobre os textos ou sobre o estilo do autor, ou também se houve identificação ou não. Julgamos que este grupo pode ser considerado como “conhecedor” da obra do autor, pois tiveram a oportunidade de ler uma ou algumas crônicas de Verissimo na escola, e dessa forma, é possível que futuramente alguns deles possam tornar-se leitores desses textos. Importa lembrarmos que esta investigação envolveu um recorte de estudantes de Maringá (PR) e Cianorte (PR); portanto a afirmação de que não encontramos leitores estudantes não deve ser considerada abrangente — estudantes não leem Verissimo —, pelo contrário, esta foi uma realidade encontrada no campo pesquisado em que atuamos.

Ainda sob esta perspectiva, anterior a estes estudantes que, de fato, participaram da pesquisa, estudantes de outras cinco escolas desta cidade foram entrevistados e nenhum havia lido nada de Verissimo e muitos, inclusive, não o conheciam.

Por outro lado, os outros dois grupos investigados demonstraram através de suas respostas serem leitores assíduos da obra do escritor gaúcho, revelando-nos, cada um de modo muito particular, que apreciam os textos do autor. Nos comentários finais dos questionários, os leitores ressaltaram características marcantes do estilo do autor assim como revelaram a importância dessas leituras em suas vidas, aliás, das reflexões realizadas em virtude das mesmas.

Neste ponto, vale destacarmos a mediação. Quando os entrevistados foram questionados sobre como começaram a ler crônicas do escritor em destaque, a maioria dos estudantes revelou-nos tê-lo conhecido através da professora, quer dizer, no ambiente escolar. No que se refere aos outros dois grupos (leitores do ciberespaço e do jornal), embora reconheçamos uma maior variedade de respostas, o conhecimento por meio da escola também

foi mencionado. Isso mostrou, aliás, que estes leitores continuaram sua formação leitora, dentre outros autores, com obras de Verissimo. Assim, diante da mesma constatação nos diferentes grupos, questionamos: Por que há uma escassez tão grande de leitores de Verissimo na escola atualmente? O que legitimaria esta indagação seria apenas a da mediação? Muitos dos entrevistados tiveram contato com este autor na escola e depois se tornariam grandes leitores dele...

É possível afirmar que o fato de não encontrarmos esses leitores na escola (lembrando do recorte da pesquisa) não está diretamente relacionado a fatores socioeconômicos, até porque nos colégios que apresentaram um público mais favorecido — os privados —, não encontramos estudantes que lessem crônicas do escritor; inesperadamente os encontramos em um colégio público considerado de periferia. Porém, este fator social pode ser levado em consideração quando abordamos materiais de leitura, pois, pelo observado nos questionários dos estudantes, a maioria não transita por diferentes registros de leitura, nem por conta própria e nem a escola os oferece. Esta constatação serve, inclusive, quando nos dirigimos a diferentes gêneros textuais, já que o romance foi o mais citado por estes jovens, em especial, os clássicos nacionais.

Para nós, há maior quantidade de leitura no que concerne aos clássicos nacionais, mas pouca diversidade dos gêneros literários. Com referência a este aspecto, sabemos que não é inédito na história do ensino brasileiro, pois uma pesquisa realizada por Lilian Lopes Martins da Silva na década de 80, já nos revelava um ensino cuja aula de Português era reduzida à escrita em relação à fala, e a abordagem diacrônica em relação à sincrônica dos fatos da língua. Havia e há hoje uma valorização dos textos clássicos em relação aos que demonstram uma linguagem coloquial e também o tom “normativo e preconceituoso no tratamento de uma língua pura e homogênea, privilégio dos homens da corte, dos cultos e dos civilizados” (p.33).

Outro aspecto a ser destacado é o vestibular, pois as leituras realizadas pelos estudantes podem restringir-se àquelas obras exigidas pelas comissões organizadoras. No entanto, as obras pedidas atualmente têm apresentado uma lista mesclada quanto aos gêneros, exigindo que as escolas públicas e particulares se adaptem a tal inovação. Enfim, tendo em vista o panorama de leituras apresentado pelos jovens estudantes nesta pesquisa, reafirmamos que os clássicos parecem ter grande valorização no ambiente escolar, enquanto que a produção cronística e de poemas que também necessitam ser valorizados, pois fazem parte de uma rica literatura brasileira, que é a nossa, encontram-se em segundo plano.

Posto isso, a questão envereda pelo questionamento de quando a escola permitirá e promoverá certa liberdade para que esses jovens leiam, conheçam e mergulhem em diferentes registros de leitura e, ainda, em textos que possam fazer sentido para eles – que não sejam restritos aos clássicos. Por que não propor a leitura de um best-seller? Por outro lado, sabemos que propor a leitura de um best-seller envolve fatores externos à aula, como por exemplo: a grade curricular, o preço de um best-seller e, por fim, questões de tradução e adaptação.

É preciso conhecer para poder gostar ou não, para elogiar ou criticar. Para saber selecionar leituras, é preciso dispor de vários gêneros assim como diferentes suportes, e então, cada qual se identificará com seu favorito, mas com a diferença de ter tido contato com outros distintos e de poder optar por determinado estilo. Para que a leitura não mais se revele como uma obrigação ou como uma atividade passiva e “controlada”, Silva (1984) comenta:

Ao ler, poderia ficar só. E ficando só, sair do anonimato, da situação de massa a que fica submetido na escola, para recuperar o pessoal e nele o coletivo.
Abandonar a condição de aluno... aprendiz... ouvinte... criança... conceito... comportamento... para existir como pessoa e leitor.
Sair do compromisso, da obrigação, da “atividade”, escapando assim do controle, à avaliação e à autoridade.
Ler se quiser. Quando quiser. Onde quiser. O que quiser. Ler e desler. Ler e reler. Ler tudo e ler pela metade. Sem começar e sem terminar.
Viver profundamente a ação de querer, experiência de prazer e de liberdade. (SILVA, 1984, p.62).

É claro, não sejamos ingênuos a ponto de pensar que tudo poderia simplesmente ser modificado se cada aluno lesse apenas aquilo que lhe interessa, já que teria a “liberdade” expressada na citação acima. Pelo contrário, a atitude de libertar os alunos dessa leitura escolarizada abarca uma série de fatores, mas principalmente a estrutura escolar brasileira. No entanto, não devemos esperar que instituições como as do governo realizem mudanças nas aulas, principalmente nas de literatura; as modificações precisam ocorrer através de nós mediadores, educadores e bibliotecários. E, certamente, o apoio familiar também fortalecerá esta tentativa.

Sobre as aulas de literatura no país, em pesquisa realizada por Lajolo (1982), *Usos e abusos da literatura na escola*, as hipóteses levantadas pela autora indicam que é provável que sejam dois os caminhos em que as disciplinas Literatura e Educação se entrelaçam: “*a educação pela literatura e a educação pela literatura*”. No primeiro, a Literatura é vista como instrumento pedagógico, assim, o texto literário torna-se privilegiado pela dimensão

retórica e persuasiva, de veículo convincente de certos valores que cumpre à escola, transmitir, fortalecer, gerar, e não pela natureza estética como deveria (p.15).

No segundo, por seu turno, “a Literatura é, duplamente, instrumento e objeto- meio e fim”. Assim,

Sua presença no currículo se justifica na medida em que a escola é vista como espaço ideal e privilegiado para a formação de um público para a Literatura. Nessa perspectiva, cabe à escola a sensibilização para o *estilo estético*, função diametralmente oposta à manipulação da sensibilidade intuitiva do aluno para reforçar um quadro de valores éticos, sociais, afetivos, ideológicos (LAJOLO, 1982, p.15).

Referente à realidade da escola brasileira, configura-se o primeiro tipo de relação. O texto literário é constante na apresentação de manuais didáticos de qualquer época, e conseqüentemente acaba identificando — para o público escolar — Literatura com preleções morais, cívicas e familiares, hoje, talvez de forma mais diluída, mas presente. Em resumo, na dualidade de funções, a segunda é prejudicada pela primeira, na medida em que esta recebe tratamento privilegiado. (p.15)

Nesse sentido, se os clássicos nacionais são importantes — e assim acreditamos —, por outro lado, a diversidade de suportes e gêneros também é fundamental. Por que não fazer uma leitura de um best-seller e levantar suas características, estilo do autor e compará-los com uma obra nacional que seja pertinente, de modo que os estudantes possam observá-las e chegar às suas próprias conclusões? A partir daí e de outras sugestões e indicações, o estudante estará realmente tendo uma formação leitora mais ampla e mais livre de obras pré-estabelecidas.

Afinal, o que difere esses “jovens atuais” dos demais leitores que nos apresentaram um panorama maior e mais amplo de suportes e textos?

Provavelmente tiveram algum diferencial no ambiente escolar e talvez um caminho diferente foi-lhes apresentado quando ainda eram jovens estudantes, o que favoreceu para uma formação leitora de qualidade. E assim, são hoje leitores maduros, realizando suas próprias escolhas porque um dia conheceram uma diversidade de textos e suportes. Mas é preciso, ainda, levarmos em consideração que, apesar de não termos proposto uma questão específica no questionário sobre o incentivo da família e o meio onde os entrevistados vivem, estes fatores, inegavelmente, têm papel fundamental nessa formação.

No que confere aos materiais de leitura, o livro — enquanto registro impresso — foi aquele suporte destacado pelos respondentes dos três grupos que atuaram na pesquisa, principalmente no que se refere aos textos de Verissimo.

Dentre os suportes que aparecem: livros, jornais, revistas e sites/blogs (textos do ciberespaço), de um modo geral, os leitores transitam por materiais diversos de leitura, exceto os estudantes, mas a maioria opta pela leitura do livro. Este é um objeto mítico, que pode ser tocado, pode ser adquirido e guardado para aqueles que gostam e podem comprá-los para terem em sua biblioteca particular. No caso específico de Verissimo, parece-nos que ainda que seja lido em vários suportes, há maior receptividade dos leitores através de seus livros — talvez os outros suportes possam ser veículos de propagandas das obras de Verissimo que são adquiridos pelo público.

No que confere à revista *Veja*, por exemplo, há uma seção em que é apresentada uma lista com os livros mais vendidos, inclusive com a indicação de tempo em que o livro permanece entre os mais vendidos — e vários de Verissimo já estiveram por lá —, bem como divulgações de lançamentos. Ou ainda, no que diz respeito aos jornais, sempre que um livro do autor é lançado, *O Estado de São Paulo* e a *Folha de São Paulo* divulgam-no, ou até mesmo jornais locais podem fazê-lo, como foi o caso de *O Diário* (Maringá) que apresentou uma entrevista com o autor abordando seu novo romance *Os Espiões*.

E o ciberespaço, por seu turno, é um local em que há muita divulgação, seja no site oficial do autor, em lojas virtuais, em sites de editoras já com a possibilidade de comprar as obras e ainda assim, é possível pesquisar preços e adquirir o produto online, ou até mesmo em sites que discutem literatura, jornais e revistas. Assim, tudo isso faz com que o produto chegue até o leitor. Portanto, cremos que todos os outros materiais referentes a Verissimo tem a finalidade de levar o leitor até o livro, que parece ser o mais apreciado pela maioria dos entrevistados.

Ainda sobre este mesmo livro, vale ressaltarmos que, quando pedimos aos entrevistados que citassem os últimos cinco livros lidos, a maioria deles citou o número pedido de livros (5), que depois poderiam ou não ser repetidos quando pedimos que citassem apenas obras de Verissimo. Contudo, mesmo todos estes livros sendo citados, não significa que todos eles tenham sido lidos, pois, muitas vezes neste tipo de pesquisa, o leitor apenas cita o título, provavelmente ele o conheça; de fato, não é possível sabermos se eles foram efetivamente lidos, a menos que pedíssemos algum comentário mais específico.

A mesma apreciação cabe para a lista de livros de crônicas, mas lembrando também que a maioria fez um comentário de um dos textos do autor ou ao menos nos mostrou motivos ou razões pelas quais leem tais textos. Tal fato pode ser ainda mais verificado nos livros de crônicas, por se tratar de livros que não apresentam certa obrigatoriedade de leitura completa. Se o leitor quiser ler somente uma crônica é possível. E isso também pode ter ocorrido dentre os participantes: ainda que tenham citado as obras completas, apenas a leitura de uma ou de algumas crônicas tenha ocorrido de forma efetiva. Julgamos, no entanto, que não é possível ler um texto de uma antologia ou seleção sem que “deturpe” a construção de sentidos, pois há todo um processo que envolve as crônicas selecionadas que, por sua vez, relacionam-se com o título. Dessa forma, o processo de feitura não deve ser ignorado; ler uma única crônica é o mesmo que deslocar um texto de seu lugar de origem, ainda que seja possível lê-lo e entendê-lo.

Os jornais, por sua vez, foram variados, lembrando que trabalhamos com um público de distintas regiões do Brasil e também com uma concentração de participantes do Estado do Paraná. Assim, jornais locais foram citados como o *Diário* (de Maringá) e alguns de maior circulação como *A Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*. Mas o fato de a revista *Veja* ser a mais citada pela maioria dos entrevistados de todos os grupos chamou mais a nossa atenção. É, aliás, uma revista representativa para todos os públicos por apresentar um amplo universo de notícias; contudo, não significa que é lida efetivamente por todos que a citaram; ela deve ser, de fato, conhecida por todos, ou pela maioria, assim sendo, poderia ter sido simplesmente mencionada, como observamos para as listas de livros.

Algumas obras se destacaram nas listas de livros, dentre elas a grande quantidade de autoajuda e best-sellers apresentada (exceto no grupo dos estudantes, que apresentou um único best-seller) pelos grupos do ciberespaço e das bancas de jornal e revistas. Uma grande parcela destes livros apresenta um número exorbitante de vendas, como por exemplo, *O monge e o executivo*, de James Hunter, que apresentou um número de vendas nacionais de 2,5 milhões de exemplares e mundialmente 3,5 milhões de exemplares; ou um exemplo nacional, de Zíbia Gasparetto, que afirma transmitir as mensagens vindas de “entidades elevadas”, e vendeu mais de 10 milhões de cópias. Assim também o são os best-sellers ou ainda a autoajuda através da ficção, como *A Cabana*, de William Young.⁴² Há também outros dados

⁴² Dados retirados da revista *Veja*, de 02 de dezembro de 2009.

como o de que um livro de autoajuda custa em média de 20 a 25% a menos que um título de literatura, e no caso da editora Sextante, que é a maior nesse setor, lança 40 (quarenta) novos títulos na área por ano e vende 4 milhões de cópias, um total de 75% de seu negócio, ou seja, apenas 25% se enquadram nos outros tipos de leitura, dentre eles a literatura.

Há muitos motivos para se ler autoajuda e best-sellers, esclarecendo que não acreditamos que seja um problema ler este tipo de leituras, até porque caracterizaria uma contradição, uma vez que defendemos a diversidade, e assim, estas leituras devem, sim, ser experimentadas. Entretanto, o problema, a nosso ver, é apenas transitar por estas leituras. Possivelmente um dos motivos da grande quantidade destas leituras serem realizadas seja mesmo o baixo custo e também a grande divulgação dessas obras pelas editoras em detrimento da divulgação de obras literárias. Em geral, o que notamos ao nos adentrarmos em livrarias são bancas de exposição com inúmeros títulos de autoajuda e best-sellers, como a mais atual da saga de o *Crepúsculo*, enquanto as obras de literatura encontram-se nas últimas prateleiras. Lembrando que o mercado editorial necessita inovar sempre, isso evidencia uma de suas estratégias de venda para atrair seus consumidores.

Através desta investigação encontramos, sim, leitores de Luis Fernando Verissimo, porém, nossa hipótese inicial prevista por três diferentes grupos não se confirmou. Assim, o leitor de Verissimo é um leitor que tem entre 20 e 59 anos e é um leitor do livro, pois os demais suportes em que os leitores afirmavam ler crônicas do autor, em jornais e no ciberespaço, encontram-se em segundo plano, e a nosso ver, têm o papel apenas de divulgação da obra do autor, já que a leitura efetiva é sempre realizada através do livro.

No que tange à leitura específica dos textos e levantamento de suas características, nos três grupos investigados constatamos que os leitores se dividem entre aqueles que acham que a crônica do autor apresenta uma linguagem de fácil acesso, porque apresenta diálogos entre personagens e situações cotidianas; mas também há aqueles que confessam que às vezes necessitam de auxílio, seja ele uma busca pelo dicionário, seja ele uma consulta na internet, ou ajuda da professora, como os estudantes mencionaram. Significativa parte dos entrevistados mencionou também que é preciso desconfiar dos textos, mas também concordamos com uma leitora (do grupo do ciberespaço) que diz que quando está lendo não gosta de fazer interrupções. Por isso muitas vezes os leitores preferem tentar entender o sentido através do contexto a parar sua leitura e fazer buscas.

Uma das grandes problemáticas da crônica é justamente a sua “falsa” simplicidade, por apresentar uma linguagem que remonta ao cotidiano, mas em suas entrelinhas revela-se muitas vezes complexa, notoriamente quando se trata de Verissimo, que reveste suas ideias com humor e outros recursos que suscitam o riso.

Um aspecto completamente diverso dentre o grupo de estudantes e os grupos do ciberespaço e das bancas de jornal foi referente à questão que pedia para que comentassem um texto lido. O primeiro grupo, como observamos na análise, não demonstrou consistência quando tentou elaborar suas respostas. A maioria dos entrevistados não apresentava coesão, coerência, e sequer a ortografia estava de acordo com a norma. A ênfase em tais pontos é porque estamos diante de alunos que estão finalizando sua vida escolar e não apresentam a competência de expor, de forma escrita, aquilo que leram ou de argumentarem sobre seus pontos de vista diante de uma leitura.

Por outro lado, os demais leitores, que apresentam um grau de escolaridade mais favorecido e que possivelmente tiveram alguns fatores que os auxiliaram mais em sua formação leitora (como a própria escola, família e ainda outros que possam existir), mostraram-se capazes, ao menos ao escreverem sobre os textos do autor de que mais gostam, visto que lhes chamam a atenção as personagens favoritas, dentre muitos outros elementos que podem ser verificados em alguns excertos ilustrados nos tópicos anteriores ou que podem ser conferidos nos anexos.

Já no que concerne aos títulos citados pelos entrevistados, as obras foram bem diversificadas, com uma concentração de leitura das crônicas do autor em detrimento do romance, mas *O analista de Bagé* e *As comédias da vida privada* aparecem em todos os grupos. Inclusive os estudantes os citaram, mostrando que os clássicos do autor perduram até os dias atuais, mantendo sucesso com suas personagens intrigantes. Obras mais recentes também foram citadas (em menor proporção que as antigas) como *O mundo é bárbaro* e *Mais comédias para ler na escola*. Assim, estes leitores, cada um ao seu modo, mostrou-nos sua apreciação pela leitura do autor, apresentando seus motivos, argumentando, contando situações particulares de suas vidas, revelando seus modos de pensar, além de seus receios, medos e preconceitos, que muitas vezes foram superados ou amenizados a partir da leitura de Verissimo.

Por fim, o modo pelo qual os leitores apreciam a leitura de Verissimo lembra-nos algumas palavras de Petit:

A apropriação é um assunto individual; um texto nos apresenta notícias de nós mesmos, nos ensina mais sobre nós, nos dá as chaves, as armas para pensarmos nossa relação com o que nos rodeia. (...) Se, em certo sentido, existe uma contradição irremediável, entre o ensino de literatura na escola e a leitura que fazemos por conta própria, ao menos cabe ao professor fazer com os alunos tenham uma maior familiaridade, que sintam mais confiança ao se aproximarem de textos escritos. Fazer com que sintam sua diversidade, sugerir-lhes a ideia de que, entre todos esses textos escritos — de hoje ou de ontem, daqui ou de outro lugar — haverá certamente alguns que dirão algo de muito particular a eles (PETIT, 2008, p.178).

A seguir, apresentamos nossas considerações finais desta investigação, recapitulando pontos importantes e apresentando nossas pretensões futuras quanto à docência e à pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, apresentamos resultados dos quais nem tudo correspondeu às nossas hipóteses iniciais. Encontramos leitores de Luis Fernando Verissimo nos três ambientes esperados por nós, porém, na realidade, para compor um perfil de leitores, acrescentamos apenas os leitores que apresentaram faixa etária de 20 a 59 (o mais “velho” dos que responderam ao questionário). Portanto, os estudantes não constam em nosso perfil do leitor de Verissimo por razões já explicitadas.

No decorrer da pesquisa, deparamo-nos com algumas dificuldades. A primeira delas foi a de encontrar jovens leitores do autor (que estivessem em algumas das três séries do Ensino Médio), e essa mesma dificuldade foi observada tanto no que se refere a escolas públicas quanto a escolas particulares. No total, buscamos alunos de seis escolas diferentes e conseguimos apenas alunos de uma escola de Cianorte, cidade próxima a Maringá, que nos auxiliaram na pesquisa. No entanto, após suas respostas, notamos que se tratava apenas de um conhecimento “superficial” do autor, pois em uma de suas aulas de literatura esses alunos leram e conheceram algumas crônicas do escritor.

A segunda dificuldade foi encontrada ao buscarmos, nas bancas de jornais e revistas, leitores de Verissimo. Num primeiro momento, pedimos ajuda aos donos das bancas para convidarem os clientes a participar de nossa pesquisa, mas, duas semanas depois, todos os questionários ainda se encontravam em branco, e as pessoas revelaram que não tinham tempo, ou que havia muitas perguntas no questionário para responder. Foi então que ficamos nas bancas alguns dias para conversar diretamente com os entrevistados e, ainda assim, essa parte foi a mais demorada para a coleta dos questionários respondidos. Diferentemente, a aplicação dos questionários através da internet foi rápida e eficaz: os leitores mostraram grande interesse em participar da pesquisa e então o contato e as respostas foram realizados em torno de duas semanas.

A pesquisa também demonstrou que quando falamos de leitura, não apenas os materiais de leitura e os leitores estão envolvidos, mas sim, muitos fatores de cunho social, econômico e histórico, para mencionar alguns. Retomamos que conforme Escarpit (1979), o fato literário pressupõe leitores, livros e escritores, aqueles que produzem as obras e aqueles que as leem, elementos que, para Candido (1976), compõem o sistema literário. E nesse sentido, os resultados destas investigações só foram possíveis diante da abordagem

metodológica, a qualitativo-interpretativa e a quantitativa (já que foi necessário descrever dados e números registrados na pesquisa), que buscou tabular os dados coletados por nós e depois tentar analisá-los a partir dos contextos das entrevistas em comunhão com nossos conhecimentos e do corpus teórico.

Além disso, os instrumentos — questionários e entrevista — viabilizaram o contato com os leitores de Verissimo; e a entrevista (via e-mail) com o autor, por sua vez, auxiliou-nos a compreender um pouco mais alguns aspectos quanto aos seus leitores ou sobre a sua própria produção e estilo.

Com o intuito de melhorar e aprofundar nossas discussões sobre a leitura literária (em especial a da crônica), valemo-nos de uma investigação de cunho bibliográfico remontando a uma história da crônica até chegarmos ao escritor destacado na pesquisa, bem como à apresentação de algumas características da crônica, e por fim, ao estilo e aos recursos mais utilizados por Verissimo. Nesse sentido, foi possível observarmos que grande parte dos leitores mencionou características relevantes da crônica enquanto gênero e também das particularidades do autor, como o humor, a ironia, a linguagem cotidiana, a espontaneidade da escrita. Dessa forma, teoria e prática apresentam-se bem relacionadas nesse ponto.

Foi possível também reafirmarmos a importância dos mediadores de leitura, sejam eles professores, bibliotecários, amigos, familiares, conforme observamos, sobretudo, nas pesquisas de Petit (2008), pois eles apresentam um papel fundamental na atuação do processo de formação de leitores. Precisam não apenas “indicar” obras ou contá-las, instigar o público, mas estar atentos para o fato da diversidade, para que os leitores não fiquem presos a um único tipo de leitura, e saibam que nenhum livro substitui outro.

Para Petit (2008), o imaginário não é algo com que nascemos, mas sim, algo que é elaborado, que se desenvolve, que se enriquece ao longo de vários encontros e ao longo de nossas vidas. Quando se vive sempre em um único universo de horizontes estreitos, é quase impossível imaginar que outros horizontes existam. Ou, tendo a certeza de que existam, duvidar de que tenha o direito de almejá-los. Além do mais, quando se vive nesse estreito registro de referência para pensar a relação com o que nos rodeia, o que é novo pode ser sinal de perigo, invasão, intrusão. “É preciso toda uma arte para conduzi-la, e é por isso que não se trata simplesmente de colocar-se no lugar do outro, de invadi-lo com listas de “grandes obras”, convencido do que é bom para ele” (PETIT, 2008, p.179).

O mediador, por último, necessita ser receptivo, estar disponível para propor, para acompanhar o jovem leitor, buscar com ele, inventar com ele, para auxiliá-lo nas oportunidades de fazer descobertas. Trata-se de inventar pontes, estratégias que permitam ao jovem usuário não ficar encurralado anos em uma mesma estante ou coleção. Aliás, é o que sabem fazer muito bem vários profissionais, e é a isso que são sensíveis muitos jovens. (p.179)

Resgatamos também como a leitura é fundamental na vida das pessoas, como ela abre caminhos — principalmente a leitura literária —, pois para Candido, além de ela ser um direito de todos, ela é o sonho acordado das civilizações, humanizando em sentido mais profundo; e também contribuindo para a formação do homem e colaborando para o aprimoramento intelectual e ético, nas palavras de Zilberman (2001).

É preciso salientar que a existência da literatura está relacionada à existência do leitor, pois, a leitura acontece de fato, quando, do encontro do leitor com o texto e do texto com o leitor, seus conhecimentos se entrelaçam para que sejam construídas pontes que interligaram leituras passadas e atuarão também nas futuras. E novamente concordamos com o leitor descrito por Lajolo (1982), mostrando-nos que sua maturidade é construída ao longo de suas relações com muitos textos e que em cada nova aventura “desloca” e “altera” significados já lidos, construindo uma compreensão mais sólida do mundo ao seu redor. E, a nosso ver, a leitura da crônica também deve fazer parte da vida leitora dos indivíduos, pois ela nos faz observar o cotidiano, a rotina de nossa vida de outra forma, e se for com Verissimo, o humor é certo, o que nos auxilia ao mesmo tempo a rir e a refletir, como muitos de nossos entrevistados nos revelaram.

A partir do estudo da Sociologia da Leitura, permitimo-nos observar os materiais de leitura mais lidos pelos entrevistados tentando esclarecer alguns dos motivos de suas escolhas. Pudemos conhecer um pouco mais os entrevistados, ainda que não de forma profunda, e obtivemos alguns dados pessoais com o intuito de constituir grupos, dividi-los por idades, sendo este o fator em comum entre eles, dentre outros aspectos relevantes. Vale lembrarmos que a profissão de professor (de disciplinas diversas) foi a mais constatada dentre os participantes, o que não foi previsto no início da pesquisa.

Coube à Estética da Recepção nos auxiliar na observação do contato direto das leituras que os próprios entrevistados realizaram, mostrando-nos como se davam estes encontros. Nos dois grupos, do ciberespaço e das bancas, a maioria nos mostrou a grande apreciação quando

leem textos do autor e que lhes permitem fazer relações diretas com as situações narradas e suas vidas, ora repensando, ora mudando suas ideias, ora discordando e assim por diante. Mas o principal é que a leitura para os entrevistados atua de modo muito particular na vida de cada um: desde conseguirem enxergar-se nos textos, tendo a certeza de que os mesmos foram escritos para eles, até dizerem que Verissimo é afrodisíaco e usa tal “virtude” com as mulheres que deseja conquistar. E que funciona, segundo um entrevistado.

Em especial no caso dos leitores escolares, relembramos o que Colomer (2007) coloca em *Andar entre livros*, o modo como ela observa este leitor formado pela escola nos aproxima, em suma, daquilo que notamos nesta pesquisa. Conforme a nomenclatura estabelecida pela Sociologia da Leitura, o leitor formado através das aulas termina seu período escolar sendo um leitor “débil” pela média dos livros lidos. Das leituras que realiza, a maioria é considerada parcial e casual, concentrando, sobretudo autores e obras não legitimados, dos quais não se lembra — nem do autor tampouco do título.

Não parece ter um conhecimento experimentado sobre as mediações culturais do mundo do livro (não frequenta bibliotecas, não conhece as livrarias próximas nem seu funcionamento específico, não usa os catálogos das editoras, etc.), tem uma biblioteca pessoal pobre e uma prática escassa de relação social com os livros (empréstimos, recomendações ou conversas) (COLOMER, 2007, p. 50).

No que confere à sua capacidade de construir um discurso sobre suas leituras, é vista como elementar, de forma que, após uma longa vida escolar (de dez ou quatorze anos) lidando com livros, não é capaz de utilizar termos específicos para caracterizar suas leituras e preferências. “De fato, tende a classificá-las tematicamente ou segundo o grau de “verdade” do mundo ficcional (“é muito real”, “fala de coisas que lhe aconteceram”- exatamente como os estudantes mencionaram nos excertos da pergunta final do questionário) e, de qualquer modo, suas preferências se inclinam por obras que exigem pouca concentração”.

Assim, para a estudiosa, a escola mostrou ou ensinou a esse jovem leitor um novo modo de aproximar-se dos textos que abrange uma hierarquia de valores no sistema literário; mas não fez o principal: não o ajudou a tornar-se um leitor. Dessa forma, não é de se estranhar que ler para ele seja algo pontual e específico do ambiente escolar. “Carece do “capital cultural” acumulado de que necessita para que as situações de leitura se produzam de forma estável e permanente. Privat, cujas ideias são mencionadas por Colomer, exemplifica

esta questão de “capital cultural” por meio de uma comparação de um leitor com um aficionado pela pesca.

O leitor é um pescador, isto é, ele lê como o pescador pesca. Em ambos os casos é necessário dominar algumas técnicas básicas e experimentá-las de forma progressiva, com textos cada vez mais abundantes e complexos. Além disso, o pescador não é apenas aquele que vai de encontro com as águas, ele também é membro de um clube ou associação deste gênero, paga uma cota da federação que regula usos e direitos de pesca. O pescador também gosta de discutir com seus amigos tudo o que diz respeito a este assunto, coleciona utensílios de pesca e ensina seu filho a pescar como hobby. Em suma, pesca e leitura não são simplesmente técnicas individualistas, elas estão repletas de sociabilidade. (PRIVAT, 2001 *apud* COLOMER, 2007, p.50)

As constatações afirmadas acima estão diretamente relacionadas com o fato de que uma das maiores dificuldades em aceder à literatura, conforme Colomer (2007), é considerá-la como algo ligado apenas à escola, quer dizer, quando se deixam as aulas, ela também é deixada. De modo geral, nós, docentes, não dedicamos muito tempo para conhecer os alunos como leitores, para conhecer seus gostos e preferências, descobrir quais os tipos de obras que mais os afetam. Segundo ela, talvez não desejemos saber, já isto nos afastaria daquilo que fora programado ou porque é preciso de tempo para repensá-lo e refazê-lo. Neste ponto, a tradição educativa anglo-saxônica difere da própria dos países mediterrâneos e latino-americanos, pois, naquelas as aulas, as atividades oferecidas sobre os textos se baseiam na resposta do leitor, principalmente naquilo que a leitura evoca e na reflexão posterior que provoca. Ao contrário, em nosso contexto educativo, “ensina-se a dar respostas objetivas e a ocultar a subjetividade, passando à margem do enlace do texto com o mundo do leitor” (p.64).

Essa tradição dificulta entender a aula de literatura como um espaço possível de diálogos, questionamentos e enriquecimento do mundo individual, já que se dizemos aos alunos que ler é interessante e prazeroso, eles possivelmente acreditarão, no entanto, já decidiram que a literatura não serve para eles, apenas para os outros. Retornando à metáfora da pesca, Colomer (2007) ressalta que ninguém gostaria de assistir a um curso de pesca se não se sente envolvido nesta atividade; e no caso da escola, dedica-se grande esforço em discursar sobre livros que não fazem parte do mundo dos educandos.

Portanto, para que esses jovens leitores possam progredir nesse sentido, é preciso dedicar mais tempo em repensar leituras e atividades “que favoreçam o interesse pessoal e estabeleçam essa conexão, fazendo com que se sintam pertencentes ao universo dos livros.”

Assim, se por um lado não tivemos leitores de Verissimo e a formação desses jovens leitores nos pareceu um tanto quanto “debilitada”, embora possa ser modificada, o grupo dos leitores do ciberespaço e o dos leitores das bancas mostraram-se — a maioria deles — verdadeiros pescadores, remontando à metáfora há pouco utilizada. Primeiro, por atender às nossas expectativas no que confere à busca pelos leitores de Verissimo, mas também porque verificamos que sua transição de leitura dá-se através de suportes variados de leitura (ainda que o livro seja o suporte de destaque), como jornais, revistas, blogs, sites, e ainda a diversidade de textos e autores. A nosso ver, mostraram autonomia ao falar das obras do autor em questão e também para realizar suas próprias escolhas. Pois, conforme Petit (2008):

a leitura pode reforçar a autonomia, mas o fato de alguém se entregar a ela já pressupõe certa autonomia. A leitura ajuda a pessoa a se construir, mas pressupõe, talvez, que ela já tenha construído o suficiente e que suporte ficar a sós, confrontada consigo mesma (PETIT, 2008, p.134).

Diante dos vários motivos observados nos trechos escritos pelos entrevistados sobre como a leitura de Verissimo os afeta, recapitulamos que a reorganização do mundo simbólico por meio daquelas leituras promoveram “transformações” diversas nos entrevistados: a riqueza ao se trabalhar textos de Verissimo com os alunos; a possibilidade de testar a técnica do joelho em seus futuros pacientes; a identificação direta com personagens e situações narradas; apenas distração; a vontade de assistir a filmes e de ler outros livros citados nas crônicas; a possibilidade de reflexões complexas por meio de um olhar humorístico e irônico ou ainda de ter uma visão diferente sobre assuntos tabus; “aprendeu” a não mais aguentar as coisas calado, e ainda outras, diferentes, mas que cada uma delas atua de modo muito específico em cada um dos que participaram desta pesquisa.

De qualquer forma, sendo eles os leitores estudantes “não-leitores” de Verissimo, ou os leitores mais maduros dos outros dois grupos entrevistados, concordamos com Petit que:

Ler é, portanto, a oportunidade de encontrar um tempo para si mesmo, de forma clandestina ou discreta, tempo de imaginar outras possibilidades e reforçar o espírito crítico. De obter certa distância, um certo “jogo” em relação aos modos de pensar e viver de seus próximos. Poder conjugar suas relações de inclusão quando se encontram entre duas culturas, em vez de travar uma batalha em seu coração. Em termos gerais, é um

atalho que leva à elaboração de uma identidade singular, aberta, em movimento, evitando que se precipitem nos modelos preestabelecidos de identidade que asseguram seu pertencimento integral a um grupo, uma seita, uma etnia (PETIT, 2008, p.57).

Para nós, o material coletado nesta pesquisa é muito rico e sabemos que os dados aqui descritos e interpretados apresentam uma leitura, o que significa a possibilidade de outros olhares sobre os questionários. Vale ainda salientar que a própria pesquisa nos instigou a realizar a recepção de algumas crônicas com estudantes do Ensino Médio — quando começamos a notar que não encontrávamos esse público —, no entanto, consideramos importante relatar a falta de estudantes leitores de Verissimo. Mas este pode ser um tópico para outras pesquisas realizadas por nós, já que estamos traçando nosso caminho pela vida acadêmica.

Assim como relatamos a nossa iniciação e trajetória até o momento na introdução, mostramos também que temos o intuito de continuar nossas pesquisas no campo literário. Temos a pretensão de continuar nossa carreira, em seguida para o Doutorado e, concomitantemente, ministrando aulas de literatura. Possivelmente, nossa próxima aventura será aprofundar nossos estudos sobre a leitura literária no ciberespaço, talvez pesquisando como e se as escolas vêm utilizando esse recurso com seu público. Tratar-se-ia, uma vez mais de pesquisa de campo, e abarcaria ainda outros questionamentos como a própria questão de as escolas públicas e particulares disporem de computadores com internet. Ou ainda, outra possibilidade é a de direcionarmos nossas pesquisas para a literatura juvenil, pois ainda há muito a ser investigado. São simplesmente ideias amplas, que serão repensadas e amadurecidas em breve. Assim, nossa aventura por estes bosques literários não termina com o fim deste trabalho, há muito ainda a ser realizado.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, V. T. de. O leitor competente à luz da teoria literária. *Tempo brasileiro*. Rio de Janeiro, 124: 23-34, jan./mar., 1996.
- AGUIAR, V. T. de. *O verbal e o não-verbal*. São Paulo: UNESP, 2004.
- AGUIAR, V. T. de; BORDINI, M. G. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- ARRIGUCCI JR, D. Fragmentos sobre a crônica. *Boletim bibliográfico- biblioteca Mário de Andrade*. São Paulo, v.46, n.1/4, p.44-53, jan./dez.,1985.
- BAMBERGER, R. *Como incentivar o hábito da leitura*. São Paulo: Ática, 2004.
- BORDINI, M. G. Na pista do gigolô das palavras. In: VERISSIMO, L.F. *O gigolô das palavras*. Porto Alegre: L&PM, 1982. p.99-106.
- BORGES, J. L. El jardín del los senderos que se bifurcan. In: _____ *Ficciones*. São Paulo: Globo, 2001.
- BORGES, J. L. O jardim de veredas que se bifurcam. In: _____ *Ficções*. Trad. Carlos Nejar. São Paulo: Globo, 2001.
- CANDIDO, A. et al. A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. In: _____ *A vida ao rés- do- chão*. Campinas, SP: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura*, São Paulo, setembro 1972, p. 803-809.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Nacional, 1976.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: _____ *Vários escritos*. 3. ed. ampl. e rev. São Paulo: Duas cidades, 1995.
- CARVALHO, N. C. A leitura em tempos de transitoriedade. *Proleitura*. Assis, ano 4, n.15, p.1-3, agosto/1997.
- CERTEAU, M. de. A invenção do cotidiano. In: _____ *Artes do fazer*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999.

CHARTIER, R. (org.) Do livro à leitura. In: _____ *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p.77- 105.

CHARTIER, R. *Os desafios da escrita*. São Paulo: UNESP, 2002.

COLOMER, T. *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual*. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

COLOMER, T. *Andar entre livro: a leitura literária na escola*. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

CORACINI, M. J. R. F. Concepções de leitura na (Pós-) Modernidade. In: LIMA, R. C. C. P. (Org.) *Leitura: múltiplos olhares*. Campinas: Mercado de Letras; São João da Boa Vista, SP: Unifeob, 2005.

COUTINHO, A; COUTINHO, E. F. *A literatura no Brasil*. 3. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. 6 v.

COUTINHO, A. *Introdução à literatura no Brasil*. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1976.

CURTY, M. G.; CRUZ, A. da C.; MENDES, M. T. R. *Apresentação de trabalhos acadêmicos, dissertações e teses*. 2. ed. Maringá: Dental Press, 2006.

DARNTON, R. *Os best-sellers proibidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 19 - 98.

EAGLETON, T. *Teoria literária: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ECO, U. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ECO, U. A leitura do texto literário. In: _____ *Lector in fabula*. Trad. Atílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ERICKSON, F. Metodos cualitativos de investigación sobre la enseñanza. In: WITTRICK, M. C. *La investigación de la enseñanza, II: metodos cualitativos y de observación*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1988.

ESCARPIT, R. *Hacia una sociología del hecho literário*. Madrid: Edicusa, 1974. p. 11 - 43.

FANTINATI, C. E. A seriedade do cômico. *Proleitura*. Assis, ano 3, n.11, p.3, jun/1996.

FANTINATI, C. E. O cômico: um obstinado Prometeu. *Proleitura*. Assis, ano 3, n.11, p.4, jun/1996.

FAZENDA, I. (org.) Metodologia da pesquisa educacional. _____ MARTINS, J. *A pesquisa qualitativa*. 9 ed. São Paulo, Cortez, 2004.

- FERREIRA, S. A poesia do perecível. *Proleitura*, Assis, ano 5, n.20, p.4, jun/1998.
- FRAISSE, E. L'anthologie littéraire, élément de définition. In: _____ *Les anthologies en France*. Trad. Vera Teixeira de Aguiar. Paris: PUF, 1997. p.71-79
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 46 ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- GULEMOT, J. M. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, R. (org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p.107-115.
- HAUSER, A. *Sociología del arte*. Barcelona: Labor, 1977. 4.v. p. 549 – 686.
- ISER, W. *O ato da leitura*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996. v. 1.
- JAUSS, H. R. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- KONZEN, P. C. *Ensaio sobre a arte da palavra*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2002.
- KOSCHIER, J. *Mata-me de prazer... A ironia verissiana em O clube dos anjos*. 2005. 118 f. Dissertação (Mestrado em História da Literatura) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2005.
- LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- LAJOLO, M. Leitura - literatura: mais do que uma rima, menos do que uma solução. In: SILVA, T. E.; ZILBERMAN, R. (orgs.) *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- LAJOLO, M. *O que é literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- LAJOLO, M. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, R. (org.) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- LAJOLO, M. Um cronista no coração das coisas. In: VERISSIMO, L.F. *Mais comédias para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva: 2008. p.13-17.
- LIMA, L. C. (org.) *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção de Hans Robert Jauss et al*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MACHADO, A. M. Bom de ouvido. In: VERISSIMO, L.F. *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p 9-15.

- MACHADO, A. M. *Contracorrente: conversas sobre leitura e política*. São Paulo: Ática, 1999.
- MANGUEL, A. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 205 – 341.
- MARTINS, M. H. *O que é leitura*. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. Trad. Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: UNESP, 2003.
- MOISÉS, M. *A criação literária: introdução à problemática da literatura*. São Paulo: Melhoramentos, 1983.
- MORAES, V. *Para viver um grande amor: crônicas e poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- MURY, G. Sociología del público literário. In: ESCARPIT, Robert. *Hacia una sociología del hecho literário*. Madrid: Edicusa, 1974. p. 203 – 218.
- PEREIRA, R. F. Crônica: um olhar nas entrelinhas da vida. *Proleitura*, Assis, ano 5, n.20, p.4, jun/1998.
- PERRONE-MOISÉS, L. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PETIT, M. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed.34, 2008.
- PETTENGILL, R.; ZAMPIL, R. Por trás das letras. In: *Revista Seleções*. Rio de Janeiro, jun., 2004.
- PINTO, A.J.A. *Elevado ao “rés-do-chão”: tensão crítica nas crônicas de Ricardo Ramos (Folha da Tarde 1984-1986)*. 2004. 514 f. Tese (Doutorado)- Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista, Assis, 2004.
- PROPP, V. *Comicidade e riso*. Trad. Aurora F. Bernardini e Homero F. de Andrade São Paulo: Ática, 1992.
- RONCARI, L. A estampa da rotativa na crônica literária. In: *Boletim bibliográfico- biblioteca Mário de Andrade*. São Paulo, v.46, n.1/4, p.44-53, jan./dez.,1985.
- SÁ, J. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.
- SILVA, L. L. M. *A escolarização do leitor: a didática da destruição da leitura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

SIMON, L. C. S. O cotidiano encadernado: a crônica no livro. In: I SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 2004, Rio de Janeiro. *Anais...* RJ: Casa de Rui Barbosa, 2004. p.1-11.

TOMANIK, E. A. *O olhar no espelho: “conversas” sobre a pesquisa em Ciências Sociais*. 2. ed. rev. Maringá: Eduem, 2004.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 2007.

VERISSIMO, L.F. *Ed Mort e outras histórias*. 2.ed. Porto Alegre: L&PM, 1975.

VERISSIMO. L. F. *O nariz e outras crônicas*. São Paulo: Ática, 1996.

VERISSIMO. L. F. *O Analista de Bagé*. Porto Alegre: L&PM, 1981.

VERISSIMO L. F.. *Pai não entende nada*. Porto Alegre: L&PM, 1990.

WELLERSHOFF, D. *Literatura, mercado e indústria cultural*. Humboldt. Hamburgo: 22; 44 – 48, 1970.

ZILBERMAN, R. (org.) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

ZILBERMAN, R. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

ZILBERMAN, R. *Fim dos livros, fim dos leitores?* São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.

SITES CONSULTADOS

Blog Brogui. Disponível em: [□http://brogui.mtv.uol.com.br/□](http://brogui.mtv.uol.com.br/). Acesso em: 15 fev. 2010.

Blog do Josias. Disponível em: [□http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/□](http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/). Acesso em 13 jan. 2010.

Blog da Embaixada. Disponível em: [□http://daembaixada.folha.blog.uol.com.br/□](http://daembaixada.folha.blog.uol.com.br/). Acesso em 13 jan. 2010.

Blog do Reinaldo Azevedo. Disponível em: [□http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/ □](http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/). Acesso em 13 jan. 2010.

Blog Capinaremos. Disponível em: [□http://capinaremos.com/□](http://capinaremos.com/). Acesso em 15 fev. 2010.

Blog Cyanide & Happiness. Disponível em: [□http://cyanidehappinesstraduzidos.blogspot.com/□](http://cyanidehappinesstraduzidos.blogspot.com/). Acesso em: 15 fev. 2010.

Blog Discutindo Literatura Crônicas. Disponível em:
<http://discutindoliteraturacronicas.blogspot.com/>. Acesso em 13 jan. 2010.

Blog Jacaré Banguela. Disponível em: <http://www.jacarebanguela.com.br/>. Acesso em: 15 fev. 2010.

Blog do Juca Kfourri. Disponível em: <http://blogdojuca.blog.uol.com.br/>. Acesso em: 20 out. 2009.

Blog do Lelê. Disponível em: <http://blogdolele.blog.uol.com.br/>. Acesso em: 20 out. 2009.

Blog Narrativas Culturais. Disponível em: <http://blogs.abril.com.br/narrativasculturnais>. Acesso em 17 fev. 2010.

Blog do Noblat. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/>. Acesso em 13 jan, 2010.

Blog Ocioso. Disponível em: <http://www.ocioso.com.br/>. Acesso em: 15 fev. 2010.

Blog do Rica Perrone. Disponível em: <http://www.ricaperrone.com.br/>. Acesso em 24 jan. 2010.

Blog Sedentário e Hiperativo. Disponível em: <http://www.sedentario.org/>. Acesso em: 15 fev. 2010.

Blog do Torero. Disponível em: <http://blogdotorero.blog.uol.com.br/>. Acesso em: 20 out. de 2009.

Blog 3X30. Disponível em: <http://3xtrinta.blogspot.com/>. Acesso em 16 jan. 2010.

Bookmarks Notícias. Disponível em: <http://www.bookmarks.com.br/>. Acesso em: 17 fev. 2010.

Charges. Disponível em: <http://charges.uol.com.br/>. Acesso em 24 jan. 2010.

Comunidade do Orkut As aventuras da família Brasil. Disponível em:
<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=4128232>. Acesso em 10 de abr 2009.

Comunidade do Orkut As cobras. Disponível em:
<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=417409>. Acesso em 04 de mar. 2009.

Comunidade do Orkut As mentiras que os homens contam. Disponível em:
<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=775383>. Acesso em 10 de abr. 2009.

Comunidade do Orkut Analista de Bagé. Disponível em:
<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=677917>. Acesso em 04 de mar. 2009.

Comunidade do Orkut Ed Mort. Disponível em:
□ <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=978125> □. Acesso em 04 de mar. 2009.

Comunidade do Orkut Hienas Verissimianas. Disponível em:
□ <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=8087917> □. Acesso em 10 de abr 2009.

Comunidade do Orkut Luis Fernando Verissimo. Disponível em:
□ <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=1370191> □. Acesso em 02 de mar 2009.

Comunidade do Orkut Luis Fernando Verissimo. Disponível em:
□ <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=1168919> □. Acesso em 02 de mar 2009.

Comunidade do Orkut Luis F. Verissimo (mesmo!). Disponível em:
□ <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=185742> □. Acesso em 04 de mar. 2009.

Comunidade do Orkut Terapia do joelho. Disponível em:
□ <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=3149470> □. Acesso em 10 de abr 2009.

Editora Ática. Disponível em: □ <http://www.atica.com.br/catalogo/?i=8508086520> □. Acesso em 16 de jan. 2010.

IKARIAM. Disponível em: □ <http://ikariam.com.pt/> □. Acesso em 24 jan. 2010.

Jornal de Poesia. Disponível em: □ <http://www.revista.agulha.nom.br/poesia.html> □. Acesso em 24 jan. 2010.

Kibe Loco. Disponível em: □ <http://kibeloco.com.br/kibeloco/> □. Acesso em 24 jan. 2010.

O Globo. Disponível em: □ <http://oglobo.globo.com/cultura/mat/2009/12/10/luis-fernando-verissimo-lanca-os-espioes-responde-perguntas-de-leitores-mande-sua-915140058.asp> □. Acesso em 22 fev. 2010.

Página do gaúcho. Disponível em: □ <http://www.paginadogaicho.com.br/> □. Acesso em 24 jan. 2010.

Planeta Educação. Disponível em:
□ <http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=394> □. Acesso em 16 de jan. 2010.

Portal Livro é tudo. Disponível em: □ <http://livroetudo.ning.com/> □. Acesso em: 17 fev. 2010.
Pouca Vogal – Gessinger + Leindecker. Disponível em: □ <http://www.poucavogal.com.br/> □. Acesso em 20 out. 2009.

Projeto Literatura Política e Sociedade. Disponível em:
<http://antoniozai.blogspot.com/2009/07/luis-fernando-verissimo-recebe-premio.html> □.
Acesso em 16 ago. 2009.

Projeto Releituras. Disponível em: http://www.releituras.com/lfverissimo_bio.asp □. Acesso em 10 jun. 2009.

Prefeitura Municipal de Cianorte. Disponível em:
□ <http://www.cianorte.pr.gov.br/pagina.php?codigo=1&title=Dados+Gerais+do+Municipio> □.
Acesso em 17 de fev. 2010

Prefeitura Municipal de Maringá. Disponível em:
□ <http://www.maringa.pr.gov.br/cidade/cidade.php?categoria=3> □. Acesso em 17 de fev. 2010.

Revista Exame. Disponível em: □ <http://portalexame.abril.com.br/> □. Acesso em 24 jan. 2010.

Revista Isto é. Disponível em: □ <http://www.istoe.com.br/capa> □. Acesso em 24 jan. 2010.

Revista Superinteressante. Disponível em: □ <http://super.abril.com.br/> □. Acesso em 24 jan. 2010.

Site oficial de Luis Fernando Verissimo. Disponível em: <http://www.literal.terra.com.br/verissimo/> □. Acesso em 15 jul.2009.

Skoob. Disponível em: □ <http://skoob.com.br/> □. Acesso em 25 jun. 2009.

The classe média way of life. Disponível em: □ <http://classemidiawayoflife.blogspot.com/> □
Acesso em 13 jan. 2010.

Zen Habits. Disponível em: □ <http://www.zenhabits.com/> □. Acesso em: 15 fev. 2010.

Colunistas do Portal IG. Disponível em: □ <http://blogs.ig.com.br/> □. Acesso em: 15 fev.2010.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

Questionário de pesquisa - *Crônicas de Luis Fernando Verissimo: leitores e suas leituras*⁴³

Karina de Oliveira- Mestranda em Estudos Literários (Linha de pesquisa: *Literatura e a formação do leitor*)

Orientadora: Dra. Alice Áurea Penteado Martha

Universidade Estadual de Maringá (UEM)- Maio de 2009

I - Identificação

1. Nome (opcional): _____

2. Idade: _____

3. Sexo: () Masculino () Feminino

4. Profissão: _____

5. Nível de escolaridade:

() Nenhuma escolaridade.

() Ensino Fundamental: de 1ª a 4ª série.

() Ensino Fundamental: de 5ª a 8ª série.

() Ensino Médio.

() Superior.

() Pós-graduação. Outros: _____

6. Cidade em que reside: _____ UF _____

II- Leitores e suas leituras

1 – Você lê com frequência:

a. Jornal. () todos os dias () mais de 2 vezes por semana () 1 vez () nunca

Qual (ais)? _____

b. Revista. () todos os dias () mais de 2 vezes por semana () 1 vez () nunca

Qual (ais)? _____

c. Livros. () todos os dias () mais de 2 vezes por semana () 1 vez () nunca

Cite os últimos 5 livros lidos:

d. Sites e Blogs. () Todos os dias () 3 vezes por semana () 1 vez () nunca

Cite seus espaços preferidos:

2- Você tem o hábito de ler crônicas?

() Jornal. Qual (ais)? _____

() Revista. Qual (ais)? _____

⁴³ Os dados aqui fornecidos só serão utilizados em trabalho de pesquisa acadêmica. A autora se compromete a não repassar informações a qualquer título.

() Livros. Cite os de sua preferência:

() Sites e Blogs. Cite os mais frequentados por você:

Outros:

Cite seus cronistas preferidos: _____

3- Você lê textos de Luis Fernando Verissimo?

() Jornal. Qual (ais)? _____

() Revista. Qual (ais)? _____

() Livros. Cite os de sua preferência:

() Sites e Blogs. Cite os mais frequentados por você:

4. Como você se interessou pela leitura das crônicas de Luís F. Verissimo e com que frequência você lê textos desse autor?

5. O que lhe agrada na leitura de textos de LFV? Qual seria a seu ver o aspecto mais marcante das crônicas de LFV?

6. Como você lê os textos desse autor? (Por exemplo, quando não entende algo você faz uma releitura, busca vocábulos no dicionário, etc..)

7. Se você já leu textos de LFV no jornal e também os publicados em livros, você vê diferenças? Quais?

8. E na internet? Você também lê textos do autor ou participa de algum tipo de discussão sobre essas leituras? Indicar os sítios.

9. Com quem comenta os textos que lê de LFV?

10. Comente um (ou mais) texto do autor que tenha deixado marcas (positivas ou não) em você, esclarecendo os aspectos relevantes desses textos.

Obrigada por participar da pesquisa!

APÊNDICE 2

Questões para Luis Fernando Verissimo

1. Teóricos e críticos concebem a crônica como “gênero híbrido do jornalismo e da literatura, que se revela quase sempre com um tom de conversa amena, ainda que em seu interior guarde uma grande complexidade a ser desvendada por seus leitores”. Como o senhor a define e quais são suas características mais marcantes?
2. O veículo ideal para a crônica é o jornal? Por quê? Que crônica pode migrar para o livro? Quais seriam as implicações dessa alteração de suporte de publicação para os leitores?
3. Como se dá o processo de elaboração de uma antologia de crônicas? São todas publicadas anteriormente em periódicos?
4. O leitor de crônicas pode entender que escrevê-las, em razão de sua aparente simplicidade, é uma atividade fácil. A seu ver, o que é preciso para ser cronista?
5. Suas crônicas são marcadas, mais frequentemente, pelo humor. Qual é para o senhor a função do riso em suas crônicas? Quais podem ser os efeitos desse humor no ato da leitura do público jovem?
6. Quando escreve seus textos, o senhor tem alguma preocupação com seus leitores? De que tipo?
7. Em que medida o senhor acredita que seus textos, sobretudo as crônicas, podem contribuir para a formação de jovens leitores?

ANEXOS

ANEXO 1

Questões para Luis Fernando Verissimo

1. Teóricos e críticos concebem a crônica como “gênero híbrido do jornalismo e da literatura, que se revela quase sempre com um tom de conversa amena, ainda que em seu interior guarde uma grande complexidade a ser desvendada por seus leitores”. Como o senhor a define e quais são suas características mais marcantes?

RESPOSTA – A melhor definição de crônica que conheço é: crônica é o que a gente quiser que ela seja. Pode ser um comentário, uma ficção, um exercício de estilo mais ou menos realista. O que define a crônica é o espaço que ela ocupa no jornal ou na revista. Dentro deste espaço o autor pode fazer o que quiser. Desde que não comece a delirar, claro.

2. O veículo ideal para a crônica é o jornal? Por quê? Que crônica pode migrar para o livro? Quais seriam as implicações dessa alteração de suporte de publicação para os leitores?

R – Acho que como a crônica é um gênero perecível, o jornal, que também é perecível, é o seu veículo natural. Nos livros, as crônicas não podem ser muito factuais, pois estas perdem o sentido muito rapidamente. Geralmente, para os livros, são selecionadas crônicas que abordam temas mais universais, que podem ser entendidos em qualquer contexto.

3. Como se dá o processo de elaboração de uma antologia de crônicas? São todas publicadas anteriormente em periódicos?

R – No meu caso, todas as crônicas publicadas em livro foram publicadas antes na imprensa. O critério é o que eu descrevi acima: selecionam-se as que fazem sentido em qualquer tempo ou contexto. O que não impede que se façam textos políticos e pertinentes à atualidade.

4. O leitor de crônicas pode entender que escrevê-las, em razão de sua aparente simplicidade, é uma atividade fácil. A seu ver, o que é preciso para ser cronista?

R – Na verdade, conseguir escrever como um Rubem Braga, por exemplo, com aquela simplicidade e aquele despojamento, é muito difícil. O último que conseguiu isso foi o próprio Rubem Braga. Mas acho que o essencial para o cronista é ser claro, dizer o que quer dizer sem muito rebuscamento. E, se possível de uma forma atraente e criativa.

5. Suas crônicas são marcadas, mais frequentemente, pelo humor. Qual é para o senhor a função do riso em suas crônicas? Quais podem ser os efeitos desse humor no ato da leitura do público jovem?

R – Escrever com humor, ou com leveza, é uma forma de manter o texto atraente, mesmo que se esteja escrevendo sobre um assunto sério. O importante é não ser empolado e manter o interesse do leitor.

6. Quando escreve seus textos, o senhor tem alguma preocupação com seus leitores? De que tipo?

R – Não escrevo para um público específico. Procuo satisfazer a mim mesmo, e esperar que o gosto do leitor coincida com o meu.

7. Em que medida o senhor acredita que seus textos, sobretudo as crônicas, podem contribuir para a formação de jovens leitores?

R – São geralmente textos curtos de leitura fácil. Gosto muito quando ouço um adolescente dizer que se interessou por leitura lendo alguma coisa minha. É um começo, depois ele pode passar para coisas mais importantes, mas eu fiz a minha parte.

ANEXO 2

Questionário de pesquisa - *Crônicas de Luis Fernando Verissimo: leitores e suas leituras*

Karina de Oliveira- Mestranda em Estudos Literários (Linha de pesquisa: *Literatura e a formação do leitor*)

Orientadora: Dra. Alice Áurea Penteado Martha
Universidade Estadual de Maringá (UEM)- Maio de 2009

I - Identificação

1. Nome (opcional): **Priscila Ribeiro Mercedes**
2. Idade: **16**
3. Sexo: () Masculino (**X**) Feminino
4. Profissão: **Estudante**
5. Nível de escolaridade:
() Nenhuma escolaridade.
() Ensino Fundamental: de 1ª a 4ª série.
() Ensino Fundamental: de 5ª a 8ª série.
(**X**) Ensino Médio.
() Superior.
() Pós-graduação. Outros: _____
6. Cidade em que reside: **Cianorte UF PR**

II- Leitores e suas leituras

1 – Você lê com frequência:

- a. Jornal. () todos os dias () mais de 2 vezes por semana () 1 vez (**X**) nunca
Qual (ais)? _____
- b. Revista. () todos os dias () mais de 2 vezes por semana (**X**) 1 vez () nunca
Qual (ais)? Veja 1 vez por mês e olha lá.
- c. Livros. () todos os dias (**X**) mais de 2 vezes por semana () 1 vez () nunca
Cite os últimos 5 livros lidos:
Hamelet, O cobrador, Melhores poemas de João Cabral de Melo Neto, Os melhores poemas coleção brasileira, Os ratos.
- d. Sites e Blogs. () Todos os dias () 3 vezes por semana () 1 vez (**X**) nunca
Cite seus espaços preferidos:

2- Você tem o hábito de ler crônicas? Às vezes

- () Jornal. Qual (ais)? _____
() Revista. Qual (ais)? _____
(**X**) Livros. Cite os de sua preferência:
Ed Mort e Melhores comédias da vida privada

() Sites e Blogs. Cite os mais frequentados por você:

Outros: _____

Cite seus cronistas preferidos: **Fernando Sabino e Luis Fernando Verissimo**

3- Você lê textos de Luis Fernando Verissimo?

() Jornal. Qual (ais)? _____

() Revista. Qual (ais)? _____

(**X**) Livros. Cite os de sua preferência: **Lixo, Saudade, Negar Fogo, O homem que caiu do céu**

() Sites e Blogs. Cite os mais frequentados por você:

4. Como você se interessou pela leitura das crônicas de Luis F. Verissimo e com que frequência você lê textos desse autor?

Me interessei quando um rapaz fez uma palestra na escola e leu a crônica “Um dia de merda” e indicou os livros de Veríssimo.

5. O que lhe agrada na leitura de textos de LFV? Qual seria a seu ver o aspecto mais marcante das crônicas de LFV?

São textos fáceis de ler, marcados pelo teor cômico, facilmente aplicado a aspectos simples do dia-a-dia como uma conversa de um casal ou de pai e filho ou ainda de antigos namorados.

6. Como você lê os textos desse autor? (Por exemplo, quando não entende algo você faz uma releitura, busca vocábulos no dicionário, etc..)

Difícilmente, há algum vocábulo que não se entende, mas me lembro de uma vez, depois de ler uma de suas crônicas, encuquei com o significado de gamine, halterofilismo e holisticamente.

7. Se você já leu textos de LFV no jornal e também os publicados em livros, você vê diferenças? Quais?

8. E na internet? Você também lê textos do autor ou participa de algum tipo de discussão sobre essas leituras? Indicar os sítios.

9. Com quem comenta os textos que lê de LFV?

Lembro de ter lido algumas crônicas dele para minha mãe; e com uma amiga minha eu sempre comento uma ou outra leitura que eu faço.

10. Comente um (ou mais) texto do autor que tenha deixado marcas (positivas ou não) em você, esclarecendo os aspectos relevantes desses textos.

Obrigada por participar da pesquisa!

ANEXO 3

Questionário de pesquisa - *Crônicas de Luis Fernando Verissimo: leitores e suas leituras*

Karina de Oliveira- Mestranda em Estudos Literários (Linha de pesquisa: *Literatura e a formação do leitor*)

Orientadora: Dra. Alice Áurea Penteado Martha

Universidade Estadual de Maringá (UEM)- Maio de 2009

I - Identificação

1. Nome (opcional): **Kennedy Gaspar**

2. Idade: **15**

3. Sexo: () Masculino () Feminino

4. Profissão: **Estudante**

5. Nível de escolaridade:

() Nenhuma escolaridade.

() Ensino Fundamental: de 1ª a 4ª série.

() Ensino Fundamental: de 5ª a 8ª série.

() Ensino Médio.

() Superior.

() Pós-graduação. Outros: _____

6. Cidade em que reside: **Cianorte UF PR**

II- Leitores e suas leituras

1 – Você lê com frequência:

a. Jornal. () todos os dias () mais de 2 vezes por semana () 1 vez () nunca

Qual (ais)? Caras

b. Revista. () todos os dias () mais de 2 vezes por semana () 1 vez () nunca

Qual (ais)? Veja 1 vez por mês e olha lá.

c. Livros. () todos os dias () mais de 2 vezes por semana () 1 vez () nunca

Cite os últimos 5 livros lidos:

Os Lusíadas, li também outros livros de suspense, terror.

d. Sites e Blogs. () Todos os dias () 3 vezes por semana () 1 vez () nunca

Cite seus espaços preferidos:

ORKUT, GOOGLE, YOUTUBE

2- Você tem o hábito de ler crônicas? `As vezes

() Jornal. Qual (ais)? _____

() Revista. Qual (ais)? _____

() Livros. Cite os de sua preferência:

A espera de um milagre, digo Comédias para se ler na escola.

(**X**) Sites e Blogs. Cite os mais frequentados por você:

GOOGLE

Outros: _____

Cite seus cronistas preferidos: **Luis Fernando Veríssimo, Walcyr Carrasco**

3- Você lê textos de Luis Fernando Veríssimo?

() Jornal. Qual (ais)? _____

() Revista. Qual (ais)? _____

(**X**) Livros. Cite os de sua preferência: **O melhor das comédias da vida privada**

() Sites e Blogs. Cite os mais frequentados por você:

4. Como você se interessou pela leitura das crônicas de Luís F. Verissimo e com que frequência você lê textos desse autor?

A minha professora me incentivou a ler, foi desta forma que consegui conhecer.

5. O que lhe agrada na leitura de textos de LFV? Qual seria a seu ver o aspecto mais marcante das crônicas de LFV?

Os textos são curtos e uma linguagem, fácil de se entender.

6. Como você lê os textos desse autor? (Por exemplo, quando não entende algo você faz uma releitura, busca vocábulos no dicionário, etc..)

Não procuro vocábulos, procuro entender pelo contexto.

7. Se você já leu textos de LFV no jornal e também os publicados em livros, você vê diferenças? Quais?

Não li em jornais os textos de LFV.

8. E na internet? Você também lê textos do autor ou participa de algum tipo de discussão sobre essas leituras? Indicar os sítios.

Não leio na internet esses textos.

9. Com quem comenta os textos que lê de LFV?

As vezes com amigos.

10. Comente um (ou mais) texto do autor que tenha deixado marcas (positivas ou não) em você, esclarecendo os aspectos relevantes desses textos.

O que eu pediria ao diabo, a vida eterna.

Obrigada por participar da pesquisa!

ANEXO 4

Questionário de pesquisa - *Crônicas de Luís Fernando Veríssimo: leitores e suas leituras*

Karina de Oliveira- Mestranda em Estudos Literários (Linha de pesquisa: *Literatura e a formação do leitor*)

Orientadora: Dra. Alice Áurea Penteado Martha

Universidade Estadual de Maringá (UEM)- Maio de 2009

I - Identificação

1. Nome (opcional): **Mathias Roberto Loch**
2. Idade: **28**
3. Sexo: () Masculino () Feminino
4. Profissão: **Professor**
5. Nível de escolaridade:
() Nenhuma escolaridade.
() Ensino Fundamental: de 1ª a 4ª série.
() Ensino Fundamental: de 5ª a 8ª série.
() Ensino Médio.
() Superior.
() Pós-graduação. Outros: **Mestre em Educação Física**
6. Cidade que reside: **Londrina UF PR**

II- Leitores e suas leituras

1 – Você lê com frequência:

- a. Jornal. () todos os dias () mais de 2 vezes por semana () 1 vez () nunca

Qual (ais)? _____

- b. Revista. () todos os dias () mais de 2 vezes por semana () 1 vez () nunca

Qual (ais)? _____

- c. Livros. () todos os dias () mais de 2 vezes por semana () 1 vez () nunca

Cite os últimos 5 livros lidos: **A grande arte (Rubem Fonseca); O jardim do Inferno (Luís Fernando Veríssimo); O grande Mentecapto (Fernando Sabino); O filho eterno (Cristovão Tezza); A viagem do Elefante (José Saramago) Estou terminando de ler Os vendilhões do Tempo (Moacyr Scliar).**

- d. Sites e Blogs. () Todos os dias () mais de 2 vezes por semana () 1 vez () nunca

Cite seus espaços preferidos: _____

2- Você tem o hábito de ler crônicas?

- () Jornal. Qual (ais)? **Folha de SP e Jornal de Londrina**

- () Revista. Qual (ais)? **Rolling Stone**

() Livros. Cite os de sua preferência: **Literatura brasileira**

(**x**) Sites e Blogs. Cite os mais frequentados por você:

Clicrbs, blog do Torero, Blog do Juca Kfourri, Blog do Lelê, UOL, poucavogal.com.br

Outros: _____

Cite seus cronistas preferidos: **Luis Fernando Veríssimo, Scliar, Cony, Torero e João Ubaldo Ribeiro.**

3- Você lê textos de Luis Fernando Veríssimo?

() Jornal. Qual (ais)? _____

() Revista. Qual (ais)? _____

(**x**) Livros. Cite os de sua preferência: **Vários. Vou citar 5 que estão entre os que mais gostei (impossível lembrar de todos): - O clube dos anjos (romance); - Comédias da vida privada;- Comédias da vida pública;- O analista de Bagé;- Ed Mort;- A velhinha de Taubaté.**

() Sites e Blogs. Cite os mais frequentados por você:

4. Como você se interessou pela leitura das crônicas de Luís F. Verissimo e com que frequência você lê textos desse autor?

Leio frequentemente (pelo menos uma vez por semana). Comecei a ler uma coletânea na escola (o melhor das comédias da vida privada) e leio desde então.

5. O que o agrada na leitura de textos de LFV? Qual seria a seu ver o aspecto mais marcante das crônicas de LFV?

A inteligência refinada, a facilidade em escrever da maneira simples assuntos complicados (como política, por ex). Os diálogos são geniais.

6. Como você lê os textos desse autor? (Por exemplo, quando não entende algo você faz uma releitura, busca vocábulos no dicionário, etc..)

Não faço esse tipo de busca. Sei que os textos são cercados de ironia, mas considero que conheço bem as posições políticas do autor. Quanto ao uso de palavras que não conheço, não tenho hábito de usar dicionário, e procuro entender a palavra no contexto em que ela está escrita.

7. Se você já leu textos de LFV no jornal e também os publicados em livros, você vê diferenças? Quais?

Os textos tem duas características diferentes. Nos finais de semana LFV escreve textos que remetem “Comédias da vida privada”, explorando principalmente a classe média brasileira e suas muitas situações e contradições. Já no texto da semana, normalmente LFV aborda questões como política, arte e futebol, fazendo textos mais “datados” por citar nomes e situações públicas (esse texto remete mais o livro “comédias da vida pública”, “aquele estranho dia que nunca chega” e “o mundo é bárbaro”). Assim, os textos de jornal e livro são iguais, mas dependem do objetivo do autor e do livro que é publicado (já que estes também não seguem um único padrão). Obs: os romances estão excluídos dessa resposta, por serem obviamente diferentes do que é publicado nos jornais.

8. E na internet? Você também lê textos do autor ou participa de algum tipo de discussão sobre essas leituras? Indicar os sítios.

Apenas a comunidade no Orkut. Boa parte do que recebo como sendo texto do LFV, sei que não é. Em geral a identificação disto se dá pela característica da escrita (muitas vezes mais “direta” do que a usada pelo autor) e pela posição defendida. O melhor exemplo foi um texto sobre desarmamento (quando do reverendo sobre o assunto, realizado no Brasil), quando circulou um texto defendendo o argumento contrário ao desarmamento atribuído ao autor. Conhecendo a

sua posição política, ficava clara a falta de autenticidade do texto. Este fato se confirmou com outro texto, este sim escrito pelo autor, defendendo a tese do desarmamento.

9. Com quem comenta os textos que lê de LFV?

Namorada e alguns amigos.

10. Comente um (ou mais) texto do autor que tenha deixado marcas (positivas ou não) em você, esclarecendo os aspectos relevantes desses textos.

Vários. Não sei responder.

Obrigada por participar da pesquisa!

ANEXO 5

Questionário de pesquisa - *Crônicas de Luís Fernando Veríssimo: leitores e suas leituras*

Karina de Oliveira- Mestranda em Estudos Literários (Linha de pesquisa: *Literatura e a formação do leitor*)

Orientadora: Dra. Alice Áurea Penteado Martha

Universidade Estadual de Maringá (UEM)- Maio de 2009

I - Identificação

1. Nome (opcional): **Luciana Minami**
2. Idade: **30 anos**
3. Sexo: () Masculino (**x**) Feminino
4. Profissão: **professora desempregada / do lar**
5. Nível de escolaridade:
() Nenhuma escolaridade.
() Ensino Fundamental: de 1ª a 4ª série.
() Ensino Fundamental: de 5ª a 8ª série.
() Ensino Médio.
(**x**) Superior.
() Pós-graduação. Outros: _____
6. Cidade que reside: **Braganca Paulista UF: SP**

II- Leitores e suas leituras

1 – Você lê com frequência:

- a. Jornal. () todos os dias () mais de 2 vezes por semana (**x**) 1 vez () nunca
Qual (ais)? **Braganca Jornal Diario, Gazeta Bragantina**
- b. Revista. () todos os dias () mais de 2 vezes por semana () 1 vez (**x**) nunca
Qual (ais)? _____

c. Livros. (**x**) todos os dias () mais de 2 vezes por semana () 1 vez () nunca
Cite os últimos 5 livros lidos: **Relacoes perigosas (Chordelos de Lacos); Buick 8 (Stephen King); Historia de O (Pauline Reage); O marinheiro que perdeu as gracas do mar (Yukio Mishima); Nada `e por acaso (Zibia Gasparetto).**

d. Sites e Blogs. (**x**) Todos os dias () mais de 2 vezes por semana () 1 vez () nunca
Cite seus espaços preferidos: **Orkut; Skoob.**

2- Você tem o hábito de ler crônicas?

Nao. Leio de vez em quando, mas nao pode ser considerado um habito.

- () Jornal. Qual (ais)? _____
- () Revista. Qual (ais)? _____
- (**x**) Livros. Cite os de sua preferência: **Além do LFV, gosto tambem das coletaneas de cronicas do Fernando Sabino.**
- () Sites e Blogs. Cite os mais frequentados por você:

Outros: _____

Cite seus cronistas preferidos: _____

3- Você lê textos de Luis Fernando Veríssimo?

() Jornal. Qual (ais)? _____

() Revista. Qual (ais)? _____

(x) Livros. Cite os de sua preferência: **Comedias da vida privada, Novas comedias da vida privada, O Clube dos anjos, Ed Mort e outras historias, O analista de Bage.**

() Sites e Blogs. Cite os mais freqüentados por você:

4. Como você se interessou pela leitura das crônicas de Luís F. Veríssimo e com que frequência você lê textos desse autor?

O primeiro livro que li de LFV foi “Comedias da vida privada” e eu o comprei porque procurava uma leitura leve, divertida, para relaxar nas minhas horas de folga. Eu sabia que o autor era famoso e sabia mais ou menos como eram seus textos (mas nao lembro ao certo como eu sabia disso). Acredito que tive contato com alguma cronica dele na escola, em algum livro didatico ou talvez pela serie “Para gostar de ler” e acho que por isso que eu comprei o livro sabendo mais ou menos o tipo de leitura de que se tratava.

5. O que lhe agrada na leitura de textos de LFV? Qual seria a seu ver o aspecto mais marcante das crônicas de LFV?

O que mais me agrada nos textos de LFV e que tambem considero o aspecto mais marcante é seu humor. Ele eh critico sem ser chato.

6. Como você lê os textos desse autor? (Por exemplo, quando não entende algo você faz uma releitura, busca vocábulos no dicionário, etc..)

Eu gosto de ler seus textos deitada na cama e nunca me levanto para procurar palavras no dicionario, por preguica e para nao quebrar o clima de lazer e relaxamento. Tambem gosto de comer (salgadinhos chips, amendoins, etc) lendo os textos dele. Nao lembro de ter dificuldades em entender seus textos ou com vocabulario, mas se isso aconteceu, eu fiz uma leitura “por alto” da parte que nao entendi e peguei apenas o sentido geral.

7. Se você já leu textos de LFV no jornal e também os publicados em livros, você vê diferenças? Quais?

Os textos no jornal geralmente tem referencias aos acontecimentos politicos ou que estao sendo mais comentados pela mídia durante a semana, enquanto os que sao publicados em livros podem ser lidos em qualquer epoca sem prejudicar o entendimento e a graca do texto.

8. E na internet? Você também lê textos do autor ou participa de algum tipo de discussão sobre essas leituras? Indicar os sítios.

Nao especificamente do autor, mas gosto de frequentar um site tipo “rede de relacionamentos” de leitores e ver a opiniao de meus amigos e de outras pessoas sobre os livros que eu tambem li ou pretendo ler. www.skoob.com.br

9. Com quem comenta os textos que lê de LFV?

Geralmente com ninguem, mas as vezes troco comentarios e sugestoes de leitura com algumas amigas, mas nao comentando algo especifico sobre um texto que tenha sido lido por nos duas. As amigas com quem comento sobre livros nao sao pessoas ligadas a faculdade (curso de Letras) que fiz, sao apenas leitoras comuns que leem por hobby.

10. Comente um (ou mais) texto do autor que tenha deixado marcas (positivas ou não) em você, esclarecendo os aspectos relevantes desses textos.

Lixo (Comedias da vida privada). Atraves do lixo `e possivel conhecer o seu dono. Nao sei se foi depois de ler esse texto que eu passei a ter mais cuidado com o lixo e a minha possivel identificacao atraves dele, ou se eu sempre fui meio paranoica mesmo, mas a verdade `e que me preocupo bastante. Quando jogo fora objetos que tenham o meu nome escrito eu rasgo (se for papel, picando varias vezes) ou tento raspar a inscricao.

Dependendo do que eu for jogar no lixo, se eu achar meio comprometedor ou constrangedor, eu embrulho o objeto em folhas de jornal ou papel pardo e depois numa sacolinha plastica, antes

de jogar no lixo. Por lixo comprometedor ou constrangedor entenda qualquer coisa que diga algo pessoal sobre mim, não precisa ser algo criminoso, basta ser algo revelador sobre a minha vida, os meus gostos.

As vezes eu levo lixos que não quero jogar na frente da minha casa para jogar em outros lugares, como a lixeira da praça pública. Odeio quando algum pobre abre o meu saco de lixo para procurar latas de alumínio e outras coisas recicláveis, porque ao fazer isso ele também saberá coisas sobre a minha vida, os meus segredos. Embora o meu lado racional saiba que os catadores de lixo não se importam com a minha vida, eu me sinto incomodada com isso e não quero que ninguém mexa nele. Eu coloco o lixo bem na hora do lixeiro passar, para que não de tempo de alguém revistá-lo.

Ao contar essas coisas assim, escrevendo sobre o assunto, eu me sinto meio ridícula e paranoica. Eu faço isso escondido da minha família, como se fosse uma criminosa escondendo as provas do crime. Parece até que vou “desovar cadáveres” e de certa forma, é isso mesmo.

Sinto como se LFV tivesse escrito “Lixo” especialmente para mim. Acredito que muitos leitores tenham grande identificação com as personagens classe-média criadas por ele e com as situações do cotidiano que ele narra.

P.S. Há 2 meses eu comprei um picador de papel dos bons, que corta o papel em tiras bem fininhas, além de quebrar cd's e cartões de crédito. Tudo por um lixo anônimo!

Obrigada por participar da pesquisa!

ANEXO 6

Questionário de pesquisa - Crônicas de Luis Fernando Verissimo: leitores e suas leituras

Karina de Oliveira- Mestranda em Estudos Literários (Linha de pesquisa: *Literatura e a formação do leitor*)

Orientadora: Dra. Alice Áurea Penteado Martha

Universidade Estadual de Maringá (UEM)- Maio de 2009

I - Identificação

1. Nome (opcional): **Wilson Marcos Lima de Carvalho**
2. Idade: **38**
3. Sexo: Masculino () Feminino
4. Profissão: **construtor**
5. Nível de escolaridade:
() Nenhuma escolaridade.
() Ensino Fundamental: de 1ª a 4ª série.
() Ensino Fundamental: de 5ª a 8ª série.
() Ensino Médio.
() Superior.
() Pós-graduação.
 Outros: **3º grau em curso.**
6. Cidade que reside:

II- Leitores e suas leituras

1 – Você lê com frequência:

a. Jornal. todos os dias () mais de 2 vezes por semana () 1 vez () nunca
Qual (ais)? **Folha on line, Aqui, Veja on line.**

b. Revista. () todos os dias mais de 2 vezes por semana () 1 vez () nunca
Qual (ais)? **Istoé, Veja.**

c. Livros. () todos os dias mais de 2 vezes por semana () 1 vez () nunca
Cite os últimos 5 livros lidos: **O Retrato de Dorian Gray (Oscar Wilde), Memórias Póstumas de Brás Cubas (M.A.), A dança do universo (Marcelo Gleiser), Cartas a Guiné Bissau (P.F.), O passe espírita (Luis C. de M. Gurgel).**

d. Sites e Blogs. Todos os dias () 3 vezes por semana () 1 vez () nunca
Cite seus espaços preferidos: **Blog do Josias (Folhaonline), Blog da Embaixada (Folhaonline), Blog do Reinaldo Azevedo (Veja on line), Blog Classe Média Way of Life (blogspot), Comunidade Luis Fernando Verissimo (orkut), Comunidade Hienas Verissimianas (orkut), Comunidade Olavo de Carvalho nos Odeia (orkut), Comunidade Discutindo Literatura (orkut)**

2- Você tem o hábito de ler crônicas?

Jornal. Qual (ais)? **José Simão, Luis Fernando Veríssimo, Eduardo Costa.**

Revista. Qual (ais)? **Roberto Pompeu de Toledo, Leonardo Attuch,**

() Livros. Cite os de sua preferência:

Grande Sertão: Veredas (JGR), Memórias Póstumas de Brás Cubas (MA), Casa Grande e Senzala (GF), Manuelzão e Miguilim (Corpo de Baile – JGR), O Evangelho segundo Jesus Cristo (Saramago), Os pilares da Terra (Kent Follet), Cem Anos de Solidão (GGM)

(X) Sites e Blogs. Cite os mais frequentados por você:

Citados acima

Cite seus cronistas preferidos:

Mortos: Machado de Assis, Carlos Drumond de Andrade, Raimundo Faoro.

Vivos: Luis Fernando Veríssimo e Roberto Pompeu de Toledo.

3- Você lê textos de Luis Fernando Veríssimo?

(X) Jornal. Qual(ais)? **Zero Hora e O Globo.**

() Revista. Qual (ais)? _____

() Livros. Cite os de sua preferência:

Comédias da Vida Privada, As mentiras que os homens contam.

(X) Sites e Blogs. Cite os mais frequentados por você:

Citados acima.

4. Como você se interessou pela leitura das crônicas de Luís F. Verissimo e com que frequência você lê textos desse autor?

Me interessei a uns 20 anos atrás, quando ele ainda escrevia crônicas na revista Veja. Leio toda a produção semanal do autor: crônicas, charges, ou livros, se forem lançados.

5. O que lhe agrada na leitura de textos de LFV? Qual seria a seu ver o aspecto mais marcante das crônicas de LFV?

A característica mais marcante do texto do LFV é a capacidade que ele tem de mudar a direção do texto de forma surpreendente, causando, com esse artifício, grandes efeitos de humor. É como se o caminhar do texto apontasse para uma direção e, de repente, desse uma guinada, como em uma montanha russa. Ele desvirtua o caminho natural do texto, e te leva a uma reflexão muito mais aprofundada do assunto, fazendo isso com um humor e uma ironia extremamente refinados e elegantes. Não há outro autor brasileiro, na atualidade, que se aproxime dele na capacidade de produzir esse tipo sutil, porém agudo, de humor.

6. Como você lê os textos desse autor? (Por exemplo, quando não entende algo você faz uma releitura, busca vocábulos no dicionário, etc..)

Leio me deliciando, sempre!

Quando ocorre, eventualmente, de não entender um termo ou conceito, me informo sobre o assunto, claro. E faço releituras de muitas crônicas, não por deficiência de compreensão, mas por puro prazer. Algumas crônicas do LFV são hilárias, principalmente se você for capaz de ler nas entrelinhas. São obras de arte, e como tais, devem ser apreciadas incansavelmente, sem moderação.

7. Se você já leu textos de LFV no jornal e também os publicados em livros, você vê diferenças? Quais?

O LFV é, essencialmente, um cronista. Essa é a praia dele. Por isso, geralmente ele publica livros de coletâneas de suas crônicas, o que pressupõe uma seleção do material. No dia a dia, nem sempre o autor consegue imprimir a qualidade esperada em seu trabalho. O esforço intelectual de produzir por dinheiro, e não por inspiração, leva, muitas vezes, à crônicas apenas aceitáveis. O autor chega até mesmo a se reciclar, repetindo temáticas e atualizando crônicas produzidas e publicadas no passado.

Mas quando a veia aflora, o que acontece com frequência, o autor nos presenteia com crônicas magistrais. LFV não é de rebuscar demais o texto, como JGR. A falta de qualidade que apresenta, às vezes, deve-se mais à ausência de inspiração do que à falta de labor.

8. E na internet? Você também lê textos do autor ou participa de algum tipo de discussão sobre essas leituras? Indicar os sítios.

Sim, leio na internet, e participo de discussões, na comunidade Luis Fernando Veríssimo (sem acento, pelamordedeus: o meu computador é que está insistindo em coloca-lo) e na comunidade das Hienas Verissimianas.

As hienas, se você não sabe, são um grupo de chatos que sustentam uma grande campanha contra a publicação dos falsíssimos. Falsíssimos são textos atribuídos a LFV, que são uma verdadeira praga na internet. Só quem nunca leu LFV acreditaria que tais textos são dele. Estamos em uma cruzada inglória, mas muito divertida, que visa impedir que LFV seja difamado pela autoria de textos simplesmente ridículos.

9. Com quem comenta os textos que lê de LFV?

Comento com as pessoas das comunidades que citei acima, com meus amigos, com meus irmãos (grandes leitores) e com as mulheres que desejo conquistar. Vou te contar um segredo: o humor do LFV é afrodisíaco. Acredite. Funcionou comigo várias vezes.

10. Comente um (ou mais) texto do autor que tenha deixado marcas (positivas ou não) em você, esclarecendo os aspectos relevantes desses textos.

1 – O Gigolô das Palavras: O autor brinca com a rigidez da gramática, e nos diz que o sábado é que foi feito para o homem, não o contrário. Ele afirma que não possui muita intimidade com a gramática, mas possui muita intimidade com a palavra, a tal ponto de conseguir viver dela, já que ganha a vida como escritor. Mas espanca a gramática todos os dias, pra ela ver quem é que manda.

Trata-se de um texto metalingüístico, que aborda a técnica do autor, e sugere a quem lê a idéia de liberdade criativa, no melhor espírito de modernidade. A semana de 22 poderia ter sido aberta com essa crônica.

2 – Palavrado: O autor trabalha com a idéia de que algumas palavras, pela sonoridade, podem ocupar lugar em um texto com significado diferente daquele que geralmente tem. Ele brinca com isso, fazendo um texto com palavras aparentemente desconexas, inadmissíveis, à primeira vista, naquele contexto. No entanto, quando você lê o texto, não só percebe que tudo faz sentido, como também chora de rir com o humor agudo resultante das combinações.

Mas há muitas outras, que gostaria de comentar se tivesse mais tempo. Destaques para as crônicas que contêm os seguintes personagens: O analista de Bagé, Ed Morte, Dorinha Doravante (a ravissante) e a Velhinha de Taubaté.

ANEXO 7

Questionário de pesquisa - *Crônicas de Luis Fernando Verissimo: leitores e suas leituras*

Karina de Oliveira- Mestranda em Estudos Literários (Linha de pesquisa: *Literatura e a formação do leitor*)

Orientadora: Dra. Alice Áurea Penteado Martha

Universidade Estadual de Maringá (UEM)- Maio de 2009

I - Identificação

1. Nome (opcional): **Jair Francelino Ferreira**
2. Idade: **42 anos**
3. Sexo: () Masculino () Feminino
4. Profissão: **Professor/ Revisor**
5. Nível de escolaridade:
() Nenhuma escolaridade.
() Ensino Fundamental: de 1ª a 4ª série.
() Ensino Fundamental: de 5ª a 8ª série.
() Ensino Médio.
() Superior.
() Pós-graduação. Outros: **Mestrado**
6. Cidade que reside: **Maringá**

II- Leitores e suas leituras

1 – Você lê com frequência:

Sim, mas atualmente leio mais a trabalho, como revisor

a. Jornal. () todos os dias () mais de 2 vezes por semana () 1 vez () nunca

Qual (ais)?

b. Revista. () todos os dias () mais de 2 vezes por semana () 1 vez () nunca

Qual (ais)? **Também eventualmente: Revista da Língua Portuguesa; Época, Veja etc.**

c. Livros. () todos os dias () mais de 2 vezes por semana () 1 vez () nunca

Cite os últimos 5 livros lidos: **Leio todos os dias livros que estamos preparando para publicação.**

Por prazer e iniciativa própria, os últimos cinco foram De Machado de Assis a Lorenço Diaféria: antologia da crônica brasileira (org. Douglas Tufano); A décima segunda noite (Luis Fernando Verissimo); Sementes de Amora (Isolda Marinho); O santinho (Verissimo); Os melhores contos de Balzac

d. Sites e Blogs. () Todos os dias () 3 vezes por semana () 1 vez () nunca

Cite seus espaços preferidos:

Folha on line; Blog do Noblat (no Globo On line), Comunidades do Orkut Correio web

2- Você tem o hábito de ler crônicas? Sim

() Jornal. Qual (ais)? **O Globo, Correio Braziliense (edições on line)**

() Revista. Qual (ais)? _____

() Livros. Cite os de sua preferência: **Vários do Verissimo: Ed. Mort e outras histórias: Orgias, O popular, Comédia da vida privada, Sexo na cabeça, etc.; Do Graciliano Ramos; Linhas tortas e Viventes das Alagoas; a antologia já citada acima; vários da antiga série Para Gostar de Ler.**

() Sites e Blogs. Cite os mais frequentados por você:

Os já citados acima

Cite seus cronistas preferidos: **Luis Fernando Verissimo; Rubem Braga, Fernando Sabino, Stanislaw Ponte Preta, entre outros que se destacaram mais em outros gêneros, como Graciliano Ramos, Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade.**

3- Você lê textos de Luis Fernando Verissimo? Sim

() Jornal. Qual (ais)? **Lia no Correio Braziliense, quando eram publicadas há alguns anos.**

() Revista. Qual (ais)? **Antigamente lia na Veja**

() Livros. Cite os de sua preferência: **Os já citados acima.**

() Sites e Blogs. Cite os mais frequentados por você:

Comunidade do Verissimo no Orkut, Blog do Noblat (reproduz a crônica publicada n'O Globo)

4. Como você se interessou pela leitura das crônicas de Luís F. Verissimo e com que frequência você lê textos desse autor?

Sempre gostei de ler e tive contato com crônicas de Verissimo desde os anos 80, ainda na escola, coma a série paradidática Para Gostar de Ler, e alguns outros textos de livro didáticos (lembro-me que o primeiro foi a crônica ou conto “Comunicação”. Depois passei a ler as coletâneas de textos do autor e atualmente leio alguma coisa quase diariamente na comunidade do orkut, em livros impressos ou eletrônicos, às quintas-feiras, no Blog do Noblat.

5. O que lhe agrada na leitura de textos de LFV? Qual seria a seu ver o aspecto mais marcante das crônicas de LFV?

Gosto da leveza e do humor recheado de ironias finas, , mesmo tratando de temas sérios; da forma como brinca com as palavras, criando onomatopéias, especulando sobre a etimologia; da quebra de expectativa com finais imprevisíveis, muitas vezes retomando algo que foi dito discretamente no início do texto e que, com a retomada final, ganha relevância e faz-nos enxergar o texto com outros olhos. Também compartilho em boa parte das opiniões ideológicas do autor, politicamente mais à esquerda. O traço mais marcante é justamente o senso de humor irônico.

6. Como você lê os textos desse autor? (Por exemplo, quando não entende algo você faz uma releitura, busca vocábulos no dicionário, etc..)

Verissimo usa vocabulário simples, dificilmente há necessidade de consultar dicionário; o vocábulo “difícil” em geral surge nas brincadeiras com o léxico, como na crônica “Palavreado”. O texto também é quase sempre claro, principalmente pra quem já está acostumado com seu estilo irônico; raramente preciso voltar pra entender.

7. Se você já leu textos de LFV no jornal e também os publicados em livros, você vê diferenças? Quais?

O estilo obviamente é o mesmo, mas no jornal, por ser uma “obrigação” quase diária, nem sempre o texto está muito inspirado, além de em geral ser texto de opinião, com um tema certo e maior compromisso com os fatos. Nos textos publicados em livros, faz-se uma escolha dos melhores textos dos jornais, além de haver mais espaço para textos puramente ficcionais.

8. E na internet? Você também lê textos do autor ou participa de algum tipo de discussão sobre essas leituras? Indicar os sítios. **Conforme já citei, leio textos avulsos em sites e participo de uma comunidade dedicada ao autor, e leio textos seus no orkut.**

9. Com quem comenta os textos que lê de LFV?

Com os membros da comunidade, com os amigos em geral, sempre que há oportunidade, quando surge um tema sobre o qual LFV já tenha se manifestado de forma que eu julgue interessante..

10. Comente um (ou mais) texto do autor que tenha deixado marcas (positivas ou não) em você, esclarecendo os aspectos relevantes desses textos.

“O Gigolô das palavras” um dos primeiros que eu li, deixou marcar bem positivas. Traz uma visão bem próxima da que eu tenho da importância do estudo da gramática, que deve ser focado na clareza e elegância do texto, mais que na simples imposição de regras. Como professor de português, utilizei-o com frequência nas minhas aulas.

ANEXO 8

Questionário de pesquisa - *Crônicas de Luís Fernando Veríssimo: leitores e suas leituras*⁴⁴

Karina de Oliveira- Mestranda em Estudos Literários (Linha de pesquisa: *Literatura e a formação do leitor*)

Orientadora: Dra. Alice Áurea Penteado Martha

Universidade Estadual de Maringá (UEM)- Maio de 2009

I - Identificação

1. Nome (opcional):
2. Idade: **32 anos**
3. Sexo: Masculino () Feminino
4. Profissão: **Psicólogo**
5. Nível de escolaridade:
() Nenhuma escolaridade.
() Ensino Fundamental: de 1^a a 4^a série.
() Ensino Fundamental: de 5^a a 8^a série.
() Ensino Médio.
 Superior.
() Pós-graduação. Outros:
6. Cidade que reside: Maringá

II- Leitores e suas leituras

1 – Você lê com frequência:

- a. Jornal. () todos os dias () mais de 2 vezes por semana (X) 1 vez () nunca
Qual (ais)? **“Folha de São Paulo**
- b. Revista. () todos os dias () mais de 2 vezes por semana (X) 1 vez () nunca
Qual (ais)? **“Revistas científicas em geral**
- c. Livros. todos os dias () mais de 2 vezes por semana () 1 vez () nunca
Cite os últimos 5 livros lidos: **“Freud e Reich: ruptura ou continuidade?” (Cláudio Mello Wagner), “Lacan” (Gerard Miller), “Razões públicas, emoções privadas” (Jurandir Freire-Costa), “A neurose obsessiva” (Charles Melman) e “Atos obsessivos e práticas religiosas” (Sigmund Freud).**
- d. Sites e Blogs. Todos os dias () mais de 2 vezes por semana () 1 vez () nunca
Cite seus espaços preferidos:

Email, Sites de relacionamentos, pesquisa acadêmica, literatura.

⁴⁴ Os dados aqui fornecidos só serão utilizados em trabalho de pesquisa acadêmica. A autora se compromete a não repassar informações a qualquer título.

2- Você tem o hábito de ler crônicas?

() Jornal. Qual (ais)? _____

() Revista. Qual (ais)? _____

(X) Livros. Cite os de sua preferência:.

() Sites e Blogs. Cite os mais frequentados por você:

Outros: _____

Cite seus cronistas preferidos: **Luis Fernando Veríssimo, Rubem Braga**

3- Você lê textos de Luis Fernando Veríssimo?

() Jornal. Qual (ais)? _____

() Revista. Qual (ais)? _____

(X) Livros. Cite os de sua preferência: **“O analista de Bagé”, “Outras do analista de bagé”, “A mãe do Freud”, “A mulher do silva”**

() Sites e Blogs. Cite os mais frequentados por você:

4. Como você se interessou pela leitura das crônicas de Luís F. Veríssimo e com que frequência você lê textos desse autor?

Foi apresentado por um amigo. Leio sempre

5. O que o agrada na leitura de textos de LFV? Qual seria a seu ver o aspecto mais marcante das crônicas de LFV?

Comicidade

6. Como você lê os textos desse autor? (Por exemplo, quando não entende algo você faz uma releitura, busca vocábulos no dicionário etc.)

Geralmente entendo bem.

7. Se você já leu textos de LFV no jornal e também os publicados em livros, você vê diferenças? Quais?

Só li livros publicados

8. E na internet? Você também lê textos do autor ou participa de algum tipo de discussão sobre essas leituras? Indicar os sítios.

Não

9. Com quem comenta os textos que lê de LFV?

Com amigos em geral

10. Comente um (ou mais) texto do autor que tenha deixado marcas (positivas ou não) em você, esclarecendo os aspectos relevantes desses textos.

Meus preferidos do LFV são os livros de crônicas do personagem “o analista de bagé”. O autor consegue tratar de um tema tão elitizado e complexo como a psicanálise de um modo divertido, com um humor “esculachado” (no bom sentido) que gosto muito. Sempre é garantia de muitos risos!

Também me agradam muitas outras crônicas espalhadas em vários livros.

